



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

YASMINE STHEFANE LOURO DA SILVA

**O PLURIVOCALISMO DE RAÇA E GÊNERO EM
“MELANCTHA”, DE GERTRUDE STEIN**

Porto Nacional/TO
2021

YASMINE STHEFANE LOURO DA SILVA

**O PLURIVOCALISMO DE RAÇA E GÊNERO EM
“MELANCTHA”, DE GERTRUDE STEIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dra Cielo Griselda Festino.

Porto Nacional/TO
2021

O PLURIVOCALISMO DE RAÇA E GÊNERO EM “MELANCTHA”, DE GERTRUDE STEIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dra Cielo Griselda Festino.

Aprovado em: 06/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cielo Griselda Festino (Orientadora)

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa

Profa. Dra. Diana Barreto Costa

Doutora de Ciências da Educação

Profa. Dra. Vera Lucia Harabagi Hanna

Doutora em Historiografia Linguística

Porto Nacional, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586p Silva, Yasmine Sthefane Louro da.

O plurivocalismo de raça e gênero em "Melanctha", de Gertrude Stein. / Yasmine Sthefane Louro da Silva. – Porto Nacional, TO, 2021.

167 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2021.

Orientadora : Cielo Griselda Festino

1. Plurivocalismo. 2. Bakhtin. 3. Melanctha. 4. Gertrude Stein. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico a presente pesquisa a todas as meninas negras que, ainda hoje, lutam para serem reconhecidas enquanto indivíduos. Mas, principalmente, dedico-a para a minha inspiração maior, a minha melhor amiga, o grande amor da minha vida, a primeira menina negra dos meus planos, a quem eu devo toda a minha existência: à minha mãe. Amo a senhora!

Eu me perguntava
Era um gesto hippie, um desenho estranho
Homens trabalhando, paro em contramão
E era uma alegria, era uma esperança
Era dança oh não oh não oh não
E eu me perguntava:
Eu sou neguinha?
(Cássia Eller – Eu sou neguinha)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus, pois sem ele não haveria conseguido superar esse momento de adversidade, tristeza, depressão e autodescoberta que foi o ano de 2020. Durante muitos momentos do ano passado pensei que não iria sobreviver para defender a presente pesquisa, mas, além da energia provinda do desejo de concluí-la, Ele acalmou o meu coração e me deu um propósito. Em meio a tantas tragédias e desgraças, a resiliência foi a minha principal companheira e me vejo agraciada ao dizer que sobrevivi.

Agradeço à minha mãe, Julita Glayceane de Menezes Louro, uma mulher incrível e que nunca deixou de acreditar em mim, mesmo nos momentos em que eu não acreditei. Sem ela, eu nada seria. Agradeço por todas as segundas chances que minha mãe me proporcionou ao longo da minha vida, e, claro, por ter atendido tantos telefonemas quando me mudei para Porto Nacional em 2019, muitos deles em pleno desespero, aos prantos, pois a responsabilidade de cursar o Mestrado em um outro local, com pessoas praticamente desconhecidas, me desestruturou. Obrigada, mãe! Obrigada por tudo. Obrigada pelos livros, pelos conselhos, pelas horas dedicadas aos telefonemas e às mensagens desesperadas que enviei. Sem a senhora eu ainda estaria no fundo do poço da depressão. Graças à senhora sou uma pessoa nova e feliz.

Agradeço ao meu irmão, Ybsen Gauss Louro da Silva, que tanto amo, por nunca desistir de mim e sempre acreditar que eu sou o número 1. “Ain’t fun when you’re taking care of number one”, mas você é o número 1 da minha vida! Sempre cuidaremos um do outro! Te amo!

Agradeço aos meus amigos que acompanharam a minha jornada e sempre me apoiaram, com especial atenção à Ana Lourdes Pereira, Camila Santiago, Matheus Oliveira e Fernando Leão, por sempre estarem disponíveis para um diálogo pouco maduro sobre as responsabilidades da vida adulta, mas com a disposição necessária para caçoar dos problemas e transformá-los em nulidades. Obrigada por todo o incentivo! A “mestranda aos 12 anos” está concluindo mais uma jornada!

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Cielo Griselda Festino, minha orientadora, que teve tanta paciência com os meus rompantes de energia, que sempre me compreendeu quando eu nem mesma pude, que nunca desistiu dessa jornada e sempre ofereceu uma palavra de carinho quando eu estava mais desesperada. Obrigada, professora! Sem a senhora essa dissertação nunca teria existido.

Um agradecimento especial para a minha banca, Diana Barreto Costa e Vera Lúcia Harabaggi Hanna, por me darem conselhos tão bons naquele 9 de março que mudou a minha

vida. À professora Diana, principalmente, por estar me aguentando desde 2019, quando me ajudou a alcançar o meu grande sonho de cursar o Mestrado. Fico tão feliz por estar aqui, presente na culminância de um projeto que ajudou a concretizar. Sem a senhora, nem sei onde eu estaria... Sua amizade me é muito preciosa e, como já disse outras vezes, espero ser como a senhora quando “crescer”! Obrigada!

Obrigada à todos! Sem vocês eu nada seria.

RESUMO

A presente dissertação pretende compreender o funcionamento inter-racial e de gênero no discurso plurivocal, do conto “Melanctha”, parte do livro *Three Lives* (1909), de Gertrude Stein. Por meio da análise objetivou-se identificar essas vozes, como representações da negritude e da branquidade e estabelecer os parâmetros que determinam esses relacionamentos, para que se possa determinar as influências da branquidade nas relações étnicas da narrativa. A fundamentação teórica norteia-se pela articulação de um diálogo entre os Estudos Culturais — mais precisamente autores como Woodward (2004) — e teorias feministas, como as de Davis (2016) e hooks (2019). Para análise de “Melanctha”, seguiremos os conceitos da teoria plurivocal de Bakhtin (1988). A respeito da recepção crítica de Stein, consideraremos a obra de Rowe (2003), Hathaway, Jarab e Melnick (2003), English (2004), Abreu (2008), Daniel (2008), Will (2008), Aguiar e Queiroz (2015) e Morrison (2020). A análise também será norteada pelos estudos sobre negritude de Silva, Lago e Ramos (1999) e Munanga (2009). Como resultados finais, identificamos que, por meio de estereótipos e a influência enfática do narrador em utilizar os valores da branquidade em uma narrativa com o núcleo majoritariamente de personagens negros, “Melanctha” subverte o racismo e transforma-o em um mecanismo de opressão transvestido de opiniões emitidas por personagens negros, quando é a opinião do narrador que está sendo expressa por trás das palavras destes. A partir da representação das relações racializadas, em “Melanctha” Stein perpetua os estereótipos raciais, mas, ainda mais, expõe as relações raciais e de gênero da virada do século XIX com uma sutileza que beira no seu apagamento.

Palavras-chave: Plurivocalismo. Bakhtin. *Three Lives*. *Melanctha*. Gertrude Stein.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the inter-racial and gender elements articulated through plurivocalic discourse, in the short story “Melanctha”, part of the book *Three Lives* (1909), by Gertrude Stein. The main objective is to identify these voices, as representations of blackness and whiteness in order to establish the parameters that determine these relationships and, in turn, how they influence the ethnic relations represented in the narrative. Regarding the theoretical background a dialogue has been articulated between Cultural Studies — more precisely authors such as Woodward (2004) — and feminist theorists, such as Davis (2016) and hooks (2019). For the analysis of the plurivocal quality of the narrative will be followed Bakhtin's (1988) theory of plurivocalism. Regarding the critical reception of Stein's work, will be considered the works by Rowe (2003), Hathaway, Jarab and Melnick (2003), English (2004), Abreu (2008), Daniel (2008), Will (2008), Aguiar and Queiroz (2015) and Morrison (2020). Regarding the concept of negritude, the analysis will be guided by the studies of Silva, Lago, Ramos (1999) and Munanga (2009). We concluded that, through stereotypes and the narrator's emphatic influence in using the values of whiteness in a narrative mainly composed by black characters, “Melanctha” subverts racism and transforms it into a transvestite oppression mechanism of opinions issued by black characters, when it is the narrator's opinion that is being expressed. We also conclude that based on racialized relations, “Melanctha” perpetuates racial stereotypes, but, even more, exposes the racial and gender relations of the turn of the 19th century with a subtlety that borders on its erasure.

Keywords: Plurivocalism. Bakhtin. Three Lives. Melanctha. Gertrude Stein.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Portrait of Gertrude Stein</i> , 1906. Pablo Picasso	17
Figura 2 – <i>Demoiselles d' Avignon</i> , 1909. Pablo Picasso	29
Figura 3 – <i>Guitarra</i> , 1913. Pablo Picasso	30
Figura 4 – <i>Women Suffrage Procession 1913</i>	36
Figura5 – Menestrel	56
Figura6 – Os símbolos dos partidos Democratas e Republicanos	59
Figura 7 – Florence Fleming Noyes como a Estátua da Liberdade	60
Figura 8 – Cartaz sobre a instituição <i>Freedman's Bureau</i>	91
Figura 9 – General Oliver Otis Howard	94
Figura 10 – <i>Portrait of Mme. Cézanne</i> , 1886. Paul Cézanne	110
Figura 11 – Cartaz da música <i>Coon coon coon</i> , “a música mais famosa de 1901”. 1901	112
Figura 12 – Cartaz da música <i>Bully song</i> , “uma canção de grande sucesso”. 1896	113
Figura 13 – <i>Revue Nègre</i> , 1925	117
Figura 14 – <i>Four Saints in Three Acts</i> , 1927	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA – Associação Médica Americana;

CDC – Centro de Controle de Doenças;

CFA – Colored Farmers’s Alliance;

KKK – Klu Klux Klan;

NAACP – National Association for the Advancement of Colored People;

NFA – National Farmers’s Alliance;

NSWA – National Woman Suffrage Association;

WCTU – Women’s Christian Temperance Union;

WNRA – Woman’s National Republican Association.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	BREVE RECORTE DO PERCURSO HISTÓRICO DE GÊNERO E RAÇA NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS	28
2.1	O avanço dos direitos femininos e a narrativa negra na Europa e nos Estados Unidos	32
2.1.1	A questão feminina e a luta pelos direitos políticos e civis na Europa	37
2.1.2	A narrativa negra nos países europeus	40
2.1.3	O processo abolicionista nos Estados Unidos	41
2.1.4	A trajetória pelo reconhecimento da cidadania de negros e das mulheres nos Estados Unidos	45
2.1.5	Movimentos migratórios e os direitos trabalhistas femininos	57
2.2	A influência das experiências sociais na produção artística europeia e estadunidense	62
3	MULHERES NEGRAS: SUBJETIVIDADE, CORPO E RELAÇÕES DE GÊNERO	69
3.1	A construção da mulher do século XX: perspectivas sociais	70
3.1.1	O histerismo freudiano e as consequências para as mulheres	75
3.2	A questão negra: mecanismos de racialização	84
3.2.1	A questão da educação negra nos Estados Unidos	90
3.2.2	O experimento Tukesgee e a questão da ética na saúde	97
3.3	Mulheridade Negra: política antimulher e representação	99
4	VOZES HETEROGÊNEAS: ESPAÇOS DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DA NEGRITUDE EM MELANCTHA	104
4.1	A representação da negritude na obra de Gertrude Stein: A criação de um estilo de partir de fontes europeias e norte-americanas	107
4.2	O Cubismo Literário: estereótipos e o	

	método de indução em “Melanctha”	121
4.2.1	O Cubismo Literário e as relações de raça e o racismo implícito	134
4.2.2	O Cubismo Literário e as relações de gênero e o machismo explícito	145
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS.....	164

1 INTRODUÇÃO

Com ambientação em uma cidade fictícia no Sul dos Estados Unidos, Bridgepoint, “Melanctha”, conto originalmente incluso no livro *Three Lives* (1909), de Gertrude Stein, retrata a vida de uma jovem mulher negra e as questões de gênero e raça características do período. Sem um aprofundamento do debate do racismo e do machismo no texto, a obra reflete o posicionamento ideológico da autora, inserindo na narrativa, por meio de seus personagens, os valores em voga no final do século XIX, como a segregação racial, com Bridgepoint estando dividida em bairros racializados, e a subalternidade feminina, construindo, assim, personagens mulheres dependentes de uma validação masculina.

Gertrude Stein, a caçula de cinco crianças de uma família imigrante alemã, nasceu em 3 de fevereiro de 1874, em Allegheny, Pensilvânia. Seus pais, Daniel e Amelia Stein, provindos do que Stein chamava de “velha imigração”, possuíam ideias consolidadas a respeito da educação doméstica, em conformidade com as ideias burguesas do período, tornando a educação dos filhos responsabilidade de preceptoras. Por sua vez, preferiram voltar para a Europa, em vez de ficar na América, pois acreditavam que o Velho Mundo poderia oferecer instrução de qualidade para os seus filhos. Portanto, em 1875, a família Stein navegou até Viena e lá residiram até 1878, quando decidiram mudar-se para Paris. Todas essas mudanças tornaram Gertrude Stein uma cosmopolita, ainda apaixonada pelo solo americano onde nasceu, mas livre para conhecer outras culturas e, assim, aprender novas informações.

Gertrude Stein tinha problemas no convívio com a família, pois sempre teve uma ideia muito superior de si mesma, e acreditava que seus irmãos mais velhos não possuíam muitos talentos, exceto por Michael Stein, o primogênito. Após a sua residência na Europa por vários anos, a família regressou aos Estados Unidos. Gertrude dedicou-se a escrever sobre as suas frustrações familiares. Além do mais, Gertrude tinha problemas com a figura paterna, que tentava controlá-la e impor-se como o progenitor e provedor. A relação problemática com a sua família foi o que a impulsionou a começar a escrever a sua obra mais extensa, *The Making of Americans* (1925) — livro com mais de mil páginas, que precisou ser reduzido para 850 páginas para que, enfim, fosse publicado.

Em *The Making of Americans* (1925), Gertrude Stein apresenta a história das famílias Delming e Hersland, que se unem pelo matrimônio de Julia Delming e Alfred Hersland. O livro não tem divisões por capítulos, mas por seções. A narrativa é baseada na vida familiar de Gertrude Stein, tendo como exemplo a personagem de Fanny Hersland, a “pequena mãe sem

importância”¹ que morre, assim como a mãe de Stein, Amelia, que morreu quando a autora tinha catorze anos. Sobre isso, Stein comentou que “quando a minha mãe morreu, ela estava doente há muito tempo e não era capaz de se mover e, portanto, quando ela morreu, todos já tínhamos o hábito de viver sem ela”² (MALCOLM, 2005, p. 4).

Com a morte de ambos os pais e o recebimento de uma abastada herança, a jovem e órfã Gertrude Stein possuía a liberdade e os meios para conquistar o que bem entendesse. Ela decidiu mudar-se para a casa dos seus parentes por parte de mãe e, não muito tempo depois, ingressou em Radcliffe, Cambridge, Massachusetts. Em 1883, Radcliffe era conhecido como o *anexo* de Harvard para garotas. Mesmo com a atmosfera de antissemitismo que rondava os corredores de Harvard naquele período, Gertrude Stein adquiriu notoriedade e influência por seu gênio e sua inteligência.

No final da primeira década dos anos 1900, Gertrude Stein estava convicta de que era um *gênio*. O relacionamento problemático com os irmãos mais velhos era motivado, exatamente, por sua crença de que possuía faculdades mentais superiores. Will (2000) descreve que, para Stein, ser um gênio era um estilo de vida, um modo de ser. A autora explica que a genialidade de Stein caracterizava-se da seguinte maneira:

em primeiro lugar, o essencial, a autonomia autoral subjetiva criando absolutamente novos e originais trabalhos de arte, e, ao mesmo tempo, uma forma de existir e relacionar-se com uma linguagem que é semiaberta, para qualquer processo, colaboração, e resistente a qualquer final simbólico ou contenções autorais³ (WILL, 2000, p. 1)

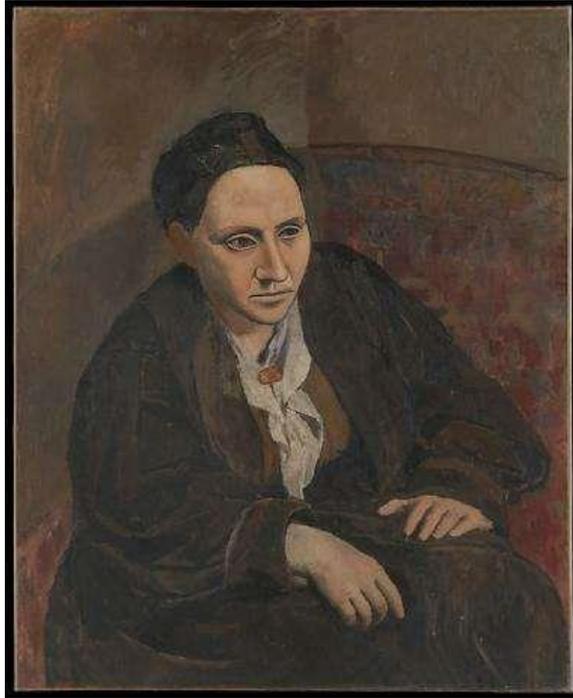
O primeiro dos gênios que Gertrude Stein reconheceu foi Pablo Picasso, com quem manteve uma longa e fiel amizade. O quadro de Gertrude Stein, como visto na **figura 1**, pintado por Picasso, foi o que deu início a sua fase cubista, conhecida também como Período Rosa. Foi durante as longas poses para Picasso que Stein escreveu *Threes Lives* (1909). Em *The autobiography of Alice B. Toklas* (1933), Stein menciona que as longas caminhadas que realizava entre o ateliê de Picasso e sua casa, as situações que encontrava no caminho, a motivaram a desenvolver os conflitos de “Melanctha”, um dos contos de *Three Lives* (1909), que é o foco de análise desta dissertação.

¹ “Little unimportant mother.”

² “When my mother died she had been ill a long time and had not been able to move around so when she died we had all already had the habit of doing without her.”

³ “At once the essential, autonomous authorial subject creating absolutely new and original works of art, and at the same time a way of existing and relating in language that is open-ended, to any processual, collaborative, and resistant to any final symbolic or authorial containments.” (tradução nossa)

Figura 1 – Portrait of Gertrude Stein, 1906. Pablo Picasso.



Fonte: www.wikiart.org, 2021.

Logo, Gertrude Stein ingressou no *Johns Hopkins Medical School*. Durante esse período viveu um romance tórrido com uma de suas colegas de curso, que não foi bem-sucedido. A experiência serviu como inspiração para o rascunho de *Q.E.D.*, um conto escrito em 1903 que retrata Stein como Adele, uma jovem seduzida por uma mulher rica e mais velha, Helen. Posteriormente Helen troca Adele por Mabel.

Will (2009) indica que a autora acreditava no status do patriarcado ao reconhecer a masculinidade como um elemento de grandeza e distinção entre os burgueses. Stein tentava reproduzir essa masculinidade em seu dia-a-dia, conforme Ernest Hemingway (1899-1961) em *A Moveable Feast* (1964). O autor relata no livro sobre a experiência de ser convidado à casa de Gertrude Stein pela primeira vez. Sua esposa, mesmo que bem recebida, conversou apenas com Alice B. Toklas, companheira de Stein, pois “as esposas eram apenas toleradas naquela casa” (HEMINGWAY, 2011, p. 29). Stein mantinha um código pessoal de não conversar com as esposas dos muitos artistas que visitavam a sua casa.

Como é sabido, Stein teve uma postura negacionista sobre raça e gênero. Essa atitude refletiu sobre suas obras. Em *Paris France* (1940), obra de memórias da autora dos períodos em que viveu na cidade luz, Stein defende que as mulheres não precisam votar, pois as responsabilidades com o lar já tomavam grande parte do tempo destas.

Não foram apenas as suas crenças sobre gênero que suscitaram desconforto; Gertrude Stein negava as condições de subalternidade da população negra nos Estados Unidos no período pós-abolição. Esse pensamento muito provavelmente foi originado pelo seu fascínio pela Guerra Civil Americana, na que o Norte e Sul pegaram em armas para resolver o conflito sobre a abolição da escravidão; essas histórias sobre o conflito armado envolveram-na durante toda a sua infância. Gertrude Stein acreditava que “negros não estavam sofrendo perseguição, estavam sofrendo com o nada” (STEIN, 2009, p. 240), isso porque Stein viveu em meio a segregação racial e, sendo uma burguesa branca, não tinha consciência de seus privilégios; por isso, nesse momento, adotou uma postura negacionista quanto ao racismo. Em *The Autobiography of Alice B. Toklas* (1933), Gertrude Stein expõe, por meio da narração de sua companheira, Alice B. Toklas, que os negros se vitimizavam e que não sofriam com o racismo, como denunciavam no período.

Para Davis (2016, p. 181, grifo nosso), entretanto, “até mesmo Stein descreveu uma de suas personagens negras como possuidora da *simples e promíscua imoralidade do povo negro*”. Aparentemente sem conhecimento aprofundado sobre a situação do cidadão negro estadunidense, Stein construiu uma narrativa ausente de aspectos racistas explícitos, tais como espaços segregados, e sem explicar a origem *mestiça* de seus personagens, desde que o casamento inter-racial era ilegal no período de publicação da obra (WARE, 2004). A construção racial na narrativa, porém, é reforçada por meio de adjetivos que segregam os personagens negros daqueles que possuem pele mais clara, alcunhados de mestiços, divididos entre adjetivos socialmente negativos ou positivos.

Em “Melanctha”, corpus dessa pesquisa, publicado por Gertrude Stein em 1909 no livro *Three Lives*, a ideologia burguesa e as suas acepções quanto as questões de raça e gênero permeiam a obra. A tiragem, paga do próprio bolso de Stein, foi negada por inúmeras editoras, inclusive por aquela que foi responsável pela primeira impressão. A obra foi vendida com muito vagar e a recepção fria da crítica não ajudou no julgamento dos leitores, que passaram a considerá-la de mau gosto.

O livro é composto por três contos, “The Good Anna”, “The Gentle Lena” e “Melanctha”. Segundo Beckson e Ganz (1997, p. 257), o termo *conto* significa “uma narrativa em prosa menor que uma novela”⁴, mais restrita em relação aos personagens e às situações e é, normalmente, escrito com um único objetivo. Os autores comentam que “diferente de formas mais longas de ficção, o conto não desenvolve os personagens completamente; geralmente, um

⁴ “A prose narrative briefer than the short novel, more restricted in characters and situations” (tradução nossa)

único traço de personalidade sofre uma mudança ou é revelado como resultado de um conflito”⁵ (idem). Para Reis e Lopes (1998, p. 80), *conto* configura um gênero textual que “tende à concentração dos eventos: sendo normalmente linear, sem consentir a inserção das intrigas secundárias que o romance admite”, com uma narrativa breve e com apresentação de diegese, tempo e espaço concentrados, o que amplifica a significação. Como aponta Carl Van Vetchen no texto de apresentação da edição norte-americana de 1933 de *Three Lives* (1909), o livro é composto por três *contos*. Gertrude Stein, em razão da técnica criada por ela para o Cubismo Literário, necessitava de um espaço narrativo menor do que o romance para discorrer sobre as vidas das três mulheres do livro, desde que a técnica apurada do Cubismo Literário defendia a criação de personagens como abstrata e dependente de adjetivos, sinônimos e antônimos.

Os dois primeiros contos narram as vidas de duas imigrantes alemães que desempenham funções na casa de burgueses. Esses contos, “The Good Anna” e “The Gentle Lena”, estavam baseadas na vida de Lena, empregada alemã de Gertrude Stein, sendo “The Good Anna” baseada na história de sua vida e “The Gentle Lena” apenas utilizando-se do nome. “Melanctha”, segundo conto do livro, é o único a ter um enredo diferente. Nos outros dois contos, o conceito de maternidade é trabalhado como uma denúncia às condições de subalternidade impostas às protagonistas.

Em “Melanctha”, no entanto, é abordada a questão racial por uma perspectiva negacionista. A principal personagem a defender esse discurso é Rose, que é uma negra de pele retinta que foi criada entre brancos e que acredita ser superior a muitos de seus conhecidos por essa razão. Melanctha é uma amiga dedicada e leal, a quem Rose adora, principalmente por Melanctha conter “uma gota” de sangue branco, fator que determina a tez mais clara de sua pele. Segundo Coleman (2019), a política de “uma única gota” é o que causa o estigma social e político das pessoas negras ou brancas, desde que determina como aquele indivíduo será lido socialmente e quais perspectivas serão impostas a ele, de acordo com o resultado da miscigenação e para qual etnia seus traços penderão.

Por sua vez, a questão de gênero fica por conta das relações estabelecidas no conto, como a relação conturbada de Melanctha com o seu pai, Mr. Herbert, e com o seu interesse amoroso, Jeff Campbell.

A narrativa segue a vida de Melanctha Herbert, mulher e negra, a partir do nascimento do primeiro filho de sua, até então, melhor amiga, Rose Johnson. A protagonista vive em uma pequena comunidade negra de uma cidadezinha fictícia do Sul, Bridgepoint e é conhecida pela

⁵ “Unlike longer forms of fiction, the short story does not develop character fully; generally, a single aspect of personality undergoes change or is revealed as the result of conflict.”

tez muito clara, o que faz dela cidadã respeitável, afinal, é *quase* branca. A problemática do conto envolve o relacionamento conturbado e praticamente inexistente de Melanctha com o seu pai, que representa o estereótipo do pai negro ausente, violento. Enquanto o código moral de Bridgepoint exige que sua população não-branca viva sob preceitos brancos, Melanctha sofre em seu entre-lugar e decide render-se à herança paterna, que resume-se a muitos namoros e nenhum comprometimento.

Porém, quando o assunto é “Melanctha”, são inegáveis as semelhanças entre a narrativa e a vida de Gertrude Stein. Na sua comunidade, Melanctha Herbert é continuamente caracterizada como extremamente inteligente, como alguém superior em sua comunidade, assim como Stein viu a si própria durante toda a sua vida. Outra semelhança é a aparente apatia de Melanctha em continuar o que começa, pois, como repetido, diversas vezes no conto, ela está sempre em busca de novos estímulos. Em *The Autobiography of Alice B. Toklas* (1933), é descrito o momento no qual Stein é chamada ao escritório de um de seus professores para que seja oferecida a ela uma oportunidade de concluir os seus estudos em Psicologia. No momento, Stein afirma que possuía tanta inércia que, caso não houvesse sido chamada, nunca procuraria concluir o curso (STEIN, 2009). Na verdade, ela nunca chegou a conseguir o diploma, desde que perdeu o interesse, de fato, pelo mundo acadêmico e mudou-se para Paris com o seu irmão, logo após aquela reunião.

Stein escreveu “Melanctha” (1909) na Europa, enquanto vivia na esbórnica europeia com os outros integrantes da *Geração Perdida*, um grupo de emigrantes estadunidenses que viveram intensamente a Era do Jazz (1920) na Europa, e, certamente, foi continuamente inspirada pelas ruas de Paris (tanto é que incluiu grandes partes de suas observações de quando passeava a pé pela cidade-luz), mas decidiu escrever sobre os negros, os mesmos que ela acreditava que eram vítimas de sua própria “vitimização”, que estavam a léguas de distância de sua residência. A perspectiva negacionista de Stein não a permitia considerar com seriedade os inúmeros linchamentos e perda de direitos civis dos negros que aconteciam enquanto ela viajava pela Europa. A negação dos fatos que ocorriam no período é uma notável amostra do negacionismo e reacionarismo de Stein, desde que as notícias da violência contra negros eram publicadas em jornais de grande veiculação.

Contudo, a publicação de “Melanctha” (1909) foi considerada progressista pela *intelligensia* do período (WILL, 2009) para posteriormente ser problematizada por Angela Davis (2016), quando a teórica afirma que o conto mais reforça as estruturas raciais estadunidenses do período do que as combate.

O método de escrita de Gertrude Stein, pautado na repetição e abstração de adjetivos, é o que mantém a obra relevante para a crítica literária, considerada tão ultrapassada simbolicamente quanto as obras de Mark Twain (1835-1910) ou Monteiro Lobato (1882-1948), no Brasil. As tensões raciais que permeiam a obra não envelheceram bem, sendo atualmente consideradas politicamente incorretas. Como Twain e Lobato, Stein padece das mesmas acusações de racismo, tornando “*Melantha*” (1909) uma obra controversa⁶.

A formação discursiva e ideológica de “*Melantha*” (1909), então, é problemática, quando posiciona as representações de negritude como figuras discursivamente homogêneas e diretamente dependentes da branquidade, o que as torna estereotipadas e rasas. Candido (2006, p. 34) afirma que “a obra [literária] exige necessariamente da presença do artista criador”, sendo, logo, “*Melantha*”, o resultado da observação da comunidade negra por uma pessoa branca e burguesa, ou seja, um *outsider*. Quanto a isso, Gertrude Stein foi aclamada por sua perspicácia em trabalhar com a negritude em sua obra, embora partindo de uma perspectiva que abordava essa temática enviesada por um local comum racial, ou seja, a branquidade; obviamente sua obra não pode acrescentar na luta pelos direitos civis dos negros, positivamente.

Em decorrência do contato intenso de Gertrude Stein com diferentes culturas, seja em suas funções na enfermagem no *Johns Hopkins Medical School*, quando discente do curso de Medicina e atuante na ala obstetrícia da referida universidade, ou em seus passeios pelas ruelas de Paris, sua escrita é um sobrepôr de vozes representando cada indivíduo que um dia a fascinou. Não à toa, Gertrude Stein desenvolveu uma série de pequenos textos intitulados *Portraits and Prayers* (1934), com o que presenteava os amigos. Nos textos, Stein retratava os seus amigos sob a sua ótica detalhista (WILL, 2009).

Nesse contexto, a questão norteadora da presente pesquisa é, quais as representações sociais presentes, em termos dos conceitos de gênero e raça, e como são posicionadas narrativamente em “*Melantha*” (1909), de Gertrude Stein?

Sendo assim o objetivo geral desta dissertação é compreender o funcionamento das relações de gênero e inter-raciais em “*Melantha*” (1909), de Gertrude Stein. Como objetivos específicos, almeja-se identificar a motivação histórica que, supostamente, estimulou a construção da narrativa, pontuando as similaridades das tensões raciais e de gênero, recorrentes

⁶ No que se refere a Mark Twain, o caso do escravizado negro Jim, presente na obra *Adventures of Huckleberry Finn* (1884), e sua caracterização brutalizada e sem nuances, é o exemplo mais escrachado do racismo em sua obra. Já no caso de Monteiro Lobato, obras notáveis como *Negrinha* (1920), *O Presidente Negro* (1926) (que contém um título alternativo de *Choque de Raças*) e, inevitavelmente, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, com a personagem da Tia Anastácia, apresentam descrições animais para os personagens negros, tornando-os criaturas bestiais e totalmente ignorantes.

do período, com a temática da narrativa; analisar os parâmetros utilizados pelo narrador para recriar os personagens em termos das estruturas sociais, como racismo e relações de gênero, levando em conta a construção lexical do narrador ao apresentar os personagens que constantemente cria estereótipos raciais e de gênero; exemplificar, com a utilização de fragmentos textuais, as relações de gênero e raça contidas na obra.

O que justifica essa pesquisa é a necessidade de, a partir de uma perspectiva crítica, problematizar qualquer forma de subalternidade e discriminação, resgatar obras literárias como “Melanctha” (1909), que, de alguma forma, tenham contribuído para a manutenção das estruturas simbólicas que designam espaços para os indivíduos no *status quo*, ou seja, que marginalizam a representação de minorias, como mulheres e negros.

A publicação de *Three Lives*, em 1909, pode ter passado despercebida se comparada à recepção de *The Autobiography of Alice B. Toklas* (1933), mas preserva a sua estranheza quando, 112 anos após o seu lançamento, as relações de raça e de gênero nele estabelecidas tenham mudado muito pouco.

As relações inter-raciais em “Melanctha” (1909) suscitam questionamentos acerca da ideologia racial na época, pois, não somente não são abordadas as tensões raciais do período, mas são construídos personagens caricatos e estereotipados, com relações inter-raciais congeladas de meados do século XIX. Como já apontado acima, a mesma comunidade negra de Bridgepoint admira Melanctha pelos seus traços negroides suavizados, exigindo dela um comportamento adequado ao seu status social e de branca.

Além disso, entendemos que é relevante resgatar obras com valor ideológico controverso para entender a evolução do pensamento humano. Afinal, “Melanctha” (1909) ainda é admirada por seu valor estético, tendo em vista que a técnica de repetição desenvolvida por Stein continua a ser explorada e revisada. Logo, revisitar a obra criticamente, da perspectiva ideológica, contribui para a compreensão dos valores em voga no período, sendo Gertrude Stein uma mulher do seu tempo. Pode-se arguir que uma mulher branca, burguesa e lésbica dificilmente compreenderia a carga racial de sua produção literária em um período onde negros eram linchados por razões banais, porém, no caso de Stein, que estava inclusa em duas causas minoritárias, a feminina e a LGBTQ+, por ser lésbica, esperava-se um posicionamento mais contundente sobre as causas sociais. A partir disso, pode-se indicar uma postura contraditória provinda de Gertrude Stein. Não obstante, “Melanctha” (1909) foi ovacionada por seu caráter ideológico, pela coragem de publicar uma obra que discutia o desenrolar da vida de uma mulher

negra no período das Leis Jim Crow, grupo de leis institucionalizadas que permitiam a segregação racial e o racismo nos Estados Unidos⁷.

Em um mundo onde já se acredita viável escrever livros ou desenvolver filmes e séries sobre o período da escravidão de uma ótica futurista e, portanto, saudosista, apesar da violência associada com a escravidão, ou no que as pessoas ainda não compreendem a irrealidade do *racismo reverso* – crença de que comunidades não-brancas também exercem opressão contra os brancos embora seja impossível um grupo minoritário oprimir o grupo dominante (DAVIS, 2016) – uma narrativa que suscita o leitor a culpar a protagonista pela *aceitação* de sua negritude, como seria o caso de Melanctha, assemelha-se muito mais ao presente do que ao passado. Atualmente os negros são criticados por tentarem resgatar as suas raízes, por discutirem as pautas raciais que determinam o seu dia-a-dia, sendo considerados vitimistas por denunciarem os excessos policiais ou pelo racismo estrutural⁸, que constitui uma série de comportamentos discriminatórios adotados pelos brancos ou por não-brancos que foram socializados em espaços raciais desiguais, como explica Steffens (2015).

Após os protestos intensos do *Black Lives Matters*, ou Vidas Negras Importam, nos Estados Unidos, em 2016, e em outras cidades ao redor do mundo em 2020, a questão racial apresentada em “Melanctha” (1909), passou a ter uma qualidade de distanciamento da realidade do período pelo pacifismo de seus personagens periféricos, ou, ainda mais, sua quase passividade bovina, quando, desde o período de publicação da obra, já haviam protestos intensos contra o racismo e a segregação racial. O confronto dos dados históricos da paulatina construção da representação dos negros e da teoria da branquidade, que é mais uma ferramenta do *status quo* para oprimir os não-brancos, auxilia a pesquisa a compreender o contínuo lembrete do sangue branco de Melanctha, o que a faz diferente.

Por sua vez, a presente pesquisa tem caráter analítico e bibliográfico para uma melhor leitura de obra “Melanctha” e está baseada em quatro áreas teóricas: contextualização histórica de “Melanctha”, estudos sobre racialidade, gênero e o plurivocalismo bakhtiniano.

Para a contextualização histórica de “Melanctha” (1909) consideramos as produções teóricas de Atkin e Biddiss (2009), para a contextualização histórica da Europa, no período de

⁷ As **Leis Jim Crow** estiveram em pleno funcionamento de 1877 (último ano da Reconstrução Negra) e 1964 (período em que os negros exigiram os seus Direitos Civis). As Leis Jim Crow institucionalizaram desvantagens econômicas, educacionais e sociais para os afro-americanos ou outras pessoas de cor que viviam nos Estados Unidos. Dentre as leis, estava a separação de espaços em vagões de trem ou locais demarcados em ônibus, assim como banheiro e bebedouros exclusivos para negros e brancos, como também a segregação racial em escolas, restaurantes e hotéis.

⁸ “No estudo do racismo, o discurso representa a ligação entre nível micro e macro – racismo como um sistema de dominação de um grupo sobre outro e racismo como práticas discriminatórias cotidianas” (STEFFENS, 2015, p. 8).

1880 a 1915; Remini (2009), Karnal (2007) e Lepore (2018), para a contextualização histórica dos Estados Unidos no período de 1880 a 1915; Morrison (2019), sobre a influência da tendência eugenista nas produções literárias em solo estadunidense; e Abreu (2008) sobre o Cubismo Literário e como Gertrude Stein definiu a tendência artística.

A respeito dos temas de racialidade e gênero, a pesquisa está norteadada pelos estudos de Caldeira (1994), McCauley (1996), Davis (2016); sobre o papel da mulher no século XIX e XX, pelas reflexões de Fuller (1994), Kehl (2008) e Almeida (2013); sobre gênero e identidade, pelos estudos de Butler (2017); pelas considerações de Federici (2017) acerca da feminilidade ao longo da história; pelas contribuições de hooks⁹ (2019a) e hooks (2019b), sobre as representações da mulher e do homem negro, como mitos e estereótipos raciais.

A respeito do conceito de “plurivocalismo”, conforme Bakhtin (1988, p. 100), “a língua é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião concreta sobre o mundo”. A partir de seus estudos sobre Dostoievski, o autor conseguiu observar que as diversas vozes, ou seja, as inúmeras representações em uma narrativa, não são submetidas a uma exposição homogênea por meio da supressão pela voz do narrador; pelo contrário, cada voz apresenta a qualidade de equipolente, tendo estas o caráter de unicidade, formando um discurso heterogêneo, portanto, sendo expostas de forma unitária e interdependente. Isso porque, “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 1988, p. 100), sendo esse o mecanismo apropriado para a composição da narrativa, pois os discursos, tanto do autor quanto dos personagens, são apenas unidades básicas de inserção do plurivocalismo na obra.

De acordo com Sipriano e Gonçalves (2017, p. 65), “as vozes sociais se materializam através da interação verbal entre indivíduos socialmente organizados”. A linguagem por si só sempre foi pluridiscursiva, graças às contradições socioideológicas entre presente e passado, entre grupos socioideológicos diversos, entre correntes e escolas. Essas vozes sociais se entrecruzam de maneira multiforme, formando novas vozes socialmente típicas.

Conforme Bahktin (2010, p. 96 *apud* SIPRIANO E GONÇALVES, 2017, p. 66), “a língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única”. O discurso no romance serve para refratar a expressão das intenções do autor. Logo, a linguagem serve a dois locutores, exprimindo, simultaneamente, duas intenções diferentes, sendo estas a intenção direta do personagem que fala e a intenção refratada do autor, compondo um discurso com duas vozes, dois sentidos e duas expressões.

⁹ **bell hooks** assim grafava o seu próprio nome, em letras minúsculas. Preferimos preservar a preferência da autora ao citá-la.

Para Bahktin (1998), “no romance o plurilinguismo é sempre personificado, encarnado nas imagens individuais das pessoas com as dissonâncias e as discordâncias individuais”, estando essas contradições imersas no plurilinguismo social e sendo reinterpretadas por ele.

Conforme o plurivocalismo de Bakhtin, em “Melanctha” (1909), as vozes lutam na narrativa, onde há uma disputa de poderes entre a branquidade e a negritude, que são representadas, respectivamente, pelo narrador e pela protagonista, Melanctha, que é constantemente julgada por não assumir a posição de privilégio por ser considerada *quase branca*, quando provém de uma família de negros. As vozes lutam na narrativa; a branquidade determinada a conquistar Melanctha pela suposta facilidade resultante de sua posição como negra clara e a negritude lutando contra o jogo da branquidade, tentando convencer Melanctha a se assumir negra por meio da força provinda da resistência de seu pai.

A dissertação está organizada em três capítulos. No *Capítulo 2*, intitulado *Breve análise do percurso histórico de gênero e raça na Europa e nos Estados Unidos*, para melhor contextualizar a obra de Stein, é apresentado um breve recorte do percurso histórico, determinado pelo período iniciado no ano de 1880 e findado no ano de 1915. Isso nos permitirá compreender, em primeiro lugar, como as lutas feminista e de negritude – sendo essas as de maior vigência no período estudado – se desenvolveram em meio à turbulência do pré e pós Primeira Guerra Mundial e, em segundo lugar, como essas referencialidades históricas aparecem em “Melanctha”.

O *Capítulo 3*, intitulado *Mulheres negras: subjetividade, corpo e relações de gênero*, apontará como se desenvolveu a história da mulher do século XX, pelo ponto de vista da teoria do feminismo negro, assim como o início dos estudos da História da Raça. Consideraremos também quais são as perspectivas sociais para os dois grupos, mulheres e negros, no breve período das duas últimas décadas do século XIX até 1915. O recorte histórico privilegiará o momento de produção de “Melanctha” (1909).

No *Capítulo 4*, intitulado *Vozes heterogêneas: espaços de luta pelo reconhecimento da negritude em “Melanctha”*, por fim, busca compreender como se desenvolvem as relações de gênero e raça, em “Melanctha” se tais desenvolvimentos narrativos apresentam verossimilhança ou se, pelo contrário, são estruturados sobre estereótipos frágeis, auxiliando ou não na alteridade e subjetividade da protagonista da obra, por meio do método de imanência. O capítulo traz a leitura crítica de “Melanctha” a partir dos conceitos teóricos do feminismo negro, da negritude e da branquidade vistos em função do conceito de plurivocalismo de Bakhtin.

O método de imanência consiste em analisar a obra pela obra, investigando as vozes existentes nela, utilizando como instrumento o referencial teórico bakhtiniano, assim como os recursos provindos da fundamentação teórica dos dois primeiros capítulos.

Dessa forma, é relevante aprofundar as questões raciais e de gênero, em especial aquelas abordadas pelo Feminismo Negro, quando Stein escreveu sobre mulheres negras a partir de impressões rasas, fundamentadas pelos encontros com parturientes e doentes crônicas no *Johns Hopkins Medical School*. É apenas por meio da teoria que se debruça sobre a trajetória da mulher negra ocidentalizada que pode-se conferir as incongruências narrativas em “Melanctha” (1909).

Logo, para que se possa compreender o denso percurso racial vivido por Melanctha na obra, é necessário ter em consideração o distanciamento da autora da ambientação que construiu na narrativa. Gertrude Stein abordou o que ela imaginou ser o cotidiano dos negros, baseando-se em estereótipos racializados para fundamentar o seu olhar enviesado pela branquidade. Sendo assim, o seu posicionamento ideológico permeia toda a narrativa, orientando o leitor a segui-la, sem medo, na trajetória racial que culmina em tragédia.

2 BREVE RECORTE DO PERCURSO HISTÓRICO DE GÊNERO E RAÇA NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS

Torna-se necessário traçar o breve percurso histórico do período pré e pós-Guerra, incluindo a perspectiva abolicionista desenvolvida pelas personalidades influentes na virada do século, para compreender como se deu o processo de inserção do negro na sociedade europeia e estadunidense, pois, segundo Depestre (1980, p. 8), “embora o problema racial seja a face psicológica das estruturas sócio-econômicas da colonização, o segredo do racismo dos ‘brancos’ não deve ser procurado na psicologia, mas na análise das relações que a escravidão e a colonização estabeleceram”.

O capítulo, portanto, divide-se em duas seções. A primeira, “O avanço dos direitos femininos e a narrativa negra nos Estados Unidos e na Europa”, se propõe a explorar os âmbitos sociais, educacionais e econômicos da Europa e dos Estados Unidos, locais onde Gertrude Stein residiu e que, provavelmente, influenciaram no seu processo de escrita; a segunda seção, “A influência das experiências sociais na produção literária europeia e estadunidense”, pretende apontar as obras que são ambientadas no fervilhar social de meados do século XIX ao início do século XX e que, em sua narrativa, prestam reflexão a respeito da questão de gênero e raça, desde as obras teóricas até as produções literárias.

Gertrude Stein, mulher do seu tempo e artista experimental, antes de tornar-se um expoente do fervilhar artístico das primeiras décadas do século XX, decidiu explorar realidades extremamente distantes e desinteressantes para os célebres círculos literários da época; círculos esses compostos, em sua grande maioria, por figuras pertencentes à classe média norte-americana e europeia. Mesmo que defendesse com vigor o seu pertencimento natural aos Estados Unidos ou de seu orgulho profundo de provir de uma rica família imigrante alemã, Gertrude Stein nunca se desvencilhou de suas memórias da primeira infância, quando residente de Paris. Gertrude acreditava que sua infância havia sido mágica por ter vivido em um ambiente artístico em ebulição.

Gertrude Stein buscava validar-se como estadunidense constantemente, desde que sua infância foi marcada pela migração da família para Viena e pelo fato de não conseguir falar o inglês sem o forte sotaque alemão (WILL, 2009), a sua língua materna, apesar de ter nascido nos Estados Unidos. Assim, a influência da sua experiência familiar, refletiu-se na sua produção literária, na nostalgia de ambos os momentos que muito representaram no desenvolvimento de sua personalidade, sendo esses o seu próprio nascimento em solo estadunidense e a migração para a França quando criança, assim como na sensação de não-pertencimento do Outro, do

estranhamento em decorrência do movimento migratório para as Américas de seus pais e logo sua própria migração para Europa.

Para Henry James (1843), escritor e amigo íntimo de Gertrude Stein, o período que abrange os momentos anteriores a da Primeira Guerra Mundial pode ser intitulado como “o abismo de sangue e escuridão”¹⁰(ATKIN E BIDDISS, 2009, p. 98) porque tornou a população europeia ainda mais arredia ao confronto com a dúvida e a desorientação, causadas pelo conflito. A escritora, portanto, inserida no centro dos debates acerca dos confrontos sociais e políticos, tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, não apenas observou tais desdobramentos, como também contribuiu com seus posicionamentos.

Os europeus do final do século XIX eram provenientes de uma geração com uma aristocracia dependente da mão de obra escrava até 1780, fato que tornou a migração um traço cultural, pois desde o século XVIII, passaram a migrar para as colônias ou mesmo dentro do território europeu em busca de melhores condições de vida. Graças ao capital gerado pela escravidão, esses herdeiros passaram a migrar para as colônias, assim como os mais pobres, que procuravam oportunidades de enriquecimento rápido pela mão-de-obra escrava. Foram esses os fatos que definiram os momentos do pré-guerra, que envolviam a exploração de populações consideradas *exóticas*, como as novas colônias americanas e as já exploradas colônias africanas (ATKIN E BIDDISS, 2009; KLOOSTER, 2009).

Dentre os conceitos herdados do século XIX, absorvidos e reproduzidos no início do século XX, estava o processo de *Outremização*¹¹ dos negros escravizados, na produção artística, que, de acordo com Morrison (2019, p. 23), consistia em “descrições de diferenças culturais, raciais, físicas [oscilando] entre dissimuladas, nuançadas e pseudocientificamente provadas”, a depender do autor, que se utilizavam delas para justificar e sustentar a dominação racial. Esse processo consistia em um trabalho psicológico de convencimento a respeito da “distinção natural e divina entre escravizador e escravizado” (MORRISON, 2019, p. 13).

Sendo assim, os períodos do pré e pós-guerra podem ser caracterizados pelo aumento da politização da produção artística, tornando essa a característica mais marcante do impulso Modernista (ATKIN E BIDDISS, 2009).

A modo de exemplo, Pablo Picasso, um dos expoentes do Cubismo, estreou o movimento com sua obra, intitulada *Demoiselles d' Avignon* (1909), como visto na **figura 2**,

¹⁰ “[the] abyss of blood and darkness” (tradução nossa)

¹¹ O termo foi cunhado por Gayatri Spivak para explicar o processo no qual o discurso imperialista cria os Outros. Enquanto o Outro corresponde ao foco de desejo ou poder na relação na qual o objeto é produzido, quando Outremizado, o Outro é excluído ou dominado pelo objeto criado pelo discurso de poder (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 2008).

após desenvolver um método de pintura que consistia em desenhar as figuras humanoides com rostos constituídos de traços semelhantes a máscaras, como uma clara referência à arte africana, caracterizada pela *despersonalização* das figuras femininas (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Figura 2 – *Demoiselles d' Avignon*, 1909. Pablo Picasso.



Fonte: www.wikiart.org, 2021.

Conforme Todorov (2006, p. 31), “todo elemento presente numa obra traz uma significação que pode ser interpretada segundo o código literário”. Nesse caso, tal código poderia ser encontrado nas produções modernistas, influenciadas principalmente pelas questões sociais que se desdobravam no período.

Os cubistas foram os responsáveis pelo desenvolvimento da técnica de sobreposição de cenas. Sendo assim, no período de 1910-11, a técnica cubista perdeu toda a proximidade identificável com os objetos do mundo externo, que serviram de inspiração. De qualquer forma, para que pudesse ser desenvolvido o debate a respeito de “se a arte pode preencher as suas potencialidades de concentração em técnicas e temas não-representacionais”¹², Georges Braque e Pablo Picasso voltaram-se para a colagem (ATKIN E BIDDISS, 2009, p. 97). Para Martins (2007), a técnica da colagem, como visto na **figura 3**, pode ser considerada um divisor de águas para o Modernismo. As cores aberrantes contrastantes e a aparente temática *nonsense*, ou seja, uma série de retalhos aleatoriamente posicionados, quebrou a unidade pictórica, reestabelecendo as ligações entre mente e visão.

¹² “whether art might now best fulfill its potentialities by concentrating on non-representational themes and techniques” (tradução nossa)

Figura 3 – *Guitarra*, 1913. Pablo Picasso.



Fonte: www.wikiart.org, 2021.

Admiradora ferrenha do trabalho cubista de Picasso, Stein se dedicou a estabelecer o que seria, posteriormente, chamado de Cubismo Literário. Adaptando as técnicas do Cubismo para a literatura, Gertrude Stein decidiu exercer os contrastes cubistas por meio de adjetivos, sinônimos e antônimos. O objetivo da escritora era o de criar cadeias de palavras, levando a personagem a um alto nível de abstração, para que o leitor fosse sempre guiado pela trajetória designada pelo narrador. De acordo com Will (2009), o objetivo de Stein era o de nunca se limitar a definir o personagem por um ou dois parágrafos, mas, sim, construí-lo a partir da adoção dos adjetivos conferidos a este. Logo, a autora pretendia não determinar os personagens por uma única descrição, mas pelo conjunto de descrições ao longo da obra. Na sua obra inicial, *Three Lives* (1909), à qual pertence “Melanctha”, ela pôs em prática os parâmetros adaptados da escola artística cubista para a escrita, substituindo as formas geométricas pela repetição das palavras, assim como as cores pelos adjetivos agregados aos personagens. Em “The Good Anna” (1909), conto também presente na obra, Stein repete continuamente o título, “a boa Anna”, para criar a personalidade indolente e resignada da protagonista, Anna.

Intitulada em um primeiro momento como *Q.E.D.* e influenciada pela experiência frustrada de Stein com um amor platônico lésbico, *Three Lives* (1909) evoluiu para uma abordagem social acerca da inserção de mulheres alemãs, imigrantes, no mercado de trabalho estadunidense, majoritariamente, a partir da observação e convivência da autora com sua empregada, Lena; essa obra também resultou de uma mistura das suas experiências nas ruas

parisienses, após o seu retorno à capital francesa, e suas divagações sobre os testemunhos recolhidos na ala obstetra do *Johns Hopkins Medical School*, a partir das parturientes negras. A sua obra mais famosa, “Melanctha”, constitui-se também da união de dois ambientes, Europa e Estados Unidos, que não eram totalmente divergentes, mas que viviam momentos distintos e peculiares, como a luta pelos direitos civis das mulheres e dos negros, antes e depois da Grande Guerra.

2.1 O avanço dos direitos femininos e a narrativa negra na Europa e nos Estados Unidos

Em *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861), Harriet Ann Jacobs conta que “o senador Brown declarou ao Congresso dos Estados Unidos que a escravidão era “uma grande benção moral, social e política; uma benção ao senhor, e uma benção ao escravo!” (JACOBS, 2019, p. 168). No período, estavam sendo discutidas as medidas para prevenir fugas e suicídios por parte dos escravos, que eram muito comuns no início do século XIX. A autora menciona a fala do senador Brown logo após comentar o caso de uma escravizada, uma ama de leite, que estava sendo perseguida por dois homens depois de “ofender” a sua senhora e ser sentenciada ao açoite. Ela preferiu se matar do que viver a realidade de apanhar por causa de delírios de uma branca.

No período do primeiro censo realizado nos Estados Unidos, no início do século XIX, o número de negros foi contabilizado em três quartos de um milhão, ou seja, por volta de 750 mil afro-americanos viviam nos Estados Unidos na época. Antes de 1830, segundo W. E. B. Du Bois (2013), o número de afro-americanos subiu para dois milhões, em razão do aumento da “importação” de negros da África, em 1808, e o contrabando ilegal que ocorreu até 1820. Até 1850, por conta do alto índice de natalidade entre negros, o número chegou a 3.638.808 e antes da Guerra da Secessão permaneceu em 4.441.830. Os negros compunham 10% de toda a população em 1700, 22% em 1750, 18,9% em 1800 e 11,6% em 1900. O decréscimo paulatino, provavelmente, resultou do alto número de linchamentos por grupos de extermínio como a Klu Klux Klan (DU BOIS, 2013).

A mão de obra negra escravizada tornou-se o pilar não apenas da estrutura social do Sul, como pontua Du Bois (2013), mas também do comércio e da manufatura no Norte, do sistema inglês de fábricas, do comércio europeu, em uma escala mundial de compra e venda; cidades novas eram construídas como resultado do trabalho negro escravizado, assim como do novo

problema envolvendo o trabalho de brancos pobres, que cresceu tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

De acordo com Du Bois (2013), os negros nos Estados Unidos poderiam ser considerados com a pior e mais baixa condição entre os trabalhadores modernos. A estimativa era que o custo de manutenção de um escravizado no Sul custava para o senhor algo como 19 dólares por ano, o que significa que eles estavam entre os trabalhadores mais mal pagos do mundo moderno.

Os escravizados não eram considerados homens; não gozavam de direitos civis e eram tratados como qualquer outra posse, carregados de um lado para o outro como objetos. Conforme Du Bois (2013), os negros não podiam possuir nada, não podiam firmar contratos, não podiam contratar, nem se casarem ou constituir família. Os negros não podiam controlar as suas crianças, não poderiam apelar ao seu mestre, mas podiam ser punidos por qualquer coisa.

Os negros escravizados não podiam depor em um tribunal, mas podiam ser presos por seus proprietários, assim como os crimes de agressão e furto não eram considerados como tais quando cometidos por um branco contra um escravizado. O “assassinato intencional, malicioso e deliberado”¹³ (DU BOIS, 2013, np) de um escravo era punido com a pena de morte, mas esses crimes eram praticamente impossíveis de provar. Os escravizados deviam ao seu senhor e à sua família um respeito “sem limites, e com uma absoluta obediência”¹⁴ (DU BOIS, 2013, p. ?).

Enquanto isso, na Virgínia, negros possuíam o direito ao voto até 1723, quando o Congresso determinou que “nenhum negro livre, mestiço (sic) ou indígena ‘podem, daqui para frente, tem qualquer [direito ao] voto nas eleições dos burgueses ou qualquer outra eleição”¹⁵ (DU BOIS, 2013, np¹⁶). Em 1716, judeus e negros, que votavam até aquele ano, eram claramente excluídos. Na Geórgia, pela primeira vez não houve distinção por raça nas eleições, ainda que apenas proprietários de cinquenta acres de terras pudessem votar.

Du Bois (2013) acrescenta que, já em 1761, votar era exclusivamente permitido aos homens brancos. Nos estados depredados do sudoeste, os negros perderam os direitos políticos logo que estes aderiram à União, mesmo que no Kentucky eles votassem entre 1792 e 1799 e o estado do Tennessee tenha permitido que os negros votassem pela constituição de 1796.

¹³ “‘Willful, malicious and deliberate murder.’”

¹⁴ “‘Without bounds, and an absolute obedience.’”

¹⁵ “No free negro, mulatto or Indian ‘shall hereafter have any vote at the elections of burgesses or any election whatsoever.’”

¹⁶ O livro *Black Reconstruction* (2013) foi lido no formato mobi e não aparece o número de páginas nesse formato. Portanto, nas citações diretas desse livro, o número de páginas será **np** (não paginado).

No período colonial, os negros livres eram excluídos do direito ao sufrágio apenas na Geórgia, na Carolina do Sul e na Virgínia. Nos estados da fronteira, Delaware retirou os direitos políticos dos negros em 1792, em Maryland isso aconteceu em 1783 e em 1810. No sudeste, a Flórida retirou os direitos políticos dos negros em 1845; no sudoeste, o congresso em Louisiana retirou os direitos políticos dos negros em 1812, Mississippi, em 1817; Alabama, em 1919; Missouri, em 1821; Arkansas, em 1836; Texas, em 1825, de acordo com Du Bois (2013).

Os poucos negros que residiam no Maine, em New Hampshire e em Vermont poderiam votar se comprovassem as qualificações necessárias de propriedade. Em Connecticut, os negros perderam os direitos políticos em 1814, mas em 1865 essa restrição foi removida e os negros não readquiriram os seus direitos políticos até depois da Guerra da Secessão (DU BOIS, 2013).

No século XVIII, os negros podiam votar em Nova York. Porém, perderam os direitos políticos em algum momento na virada do século, para readquiri-los em 1821, desde que comprovassem que possuíam propriedade no valor de 250 dólares, de acordo com Du Bois (2013). Nenhum tipo de qualificação era exigida dos brancos, no entanto. As qualificações de propriedade foram constantemente refutadas, mas apenas caíram em 1870. Em Rhode Island, os negros perderam os direitos políticos na Constituição sucessora da Rebelião de Dorr¹⁷, mas, finalmente, foram autorizados a votar em 1838, até que a convenção para a Reforma restringiu o direito ao voto aos brancos (DU BOIS, 2013).

Por sua vez, os estados do oeste não restringiam os votos até que aderiram à União. Os direitos políticos foram retirados em 1803, em Ohio; em 1816, em Indiana e no Iowa; em 1818, em Illinois e no Wisconsin; em 1836, no Michigan; em 1858, no Minnesota; e em 1861, no Kansas, segundo Du Bois (2013).

Considerando a rivalidade econômica entre trabalhadores brancos e negros no Norte, seria natural que os homens brancos se recusassem a vigiar os negros. Mas Du Bois (2013) apresenta duas considerações que levaram o homem branco para outra direção: em primeiro lugar, essa posição deu ao homem branco trabalho e alguma autoridade como capatazes, transportadores de escravos e membros do sistema de patrulha. Além disso, a posição alimentava a vaidade dos homens brancos empobrecidos pois os associava com os mestres de escravos.

¹⁷ A *Rebelião de Dorr* foi uma tentativa dos moradores de classe média de Rhode Island de forçar uma democracia ampla, retirando do poder uma pequena elite rural, que aconteceu entre os anos de 1841 a 1842. Liderada por Thomas Wilson Dorr, a rebelião mobilizou os marginalizados para exigir mudanças nas regras eleitorais do estado. Rhode Island ainda usava a carta colonial de 1663 como constituição. Uma das exigências dos rebeldes seria a derrubada a exigência de comprovação de qualificação para votantes brancos.

A escravidão alimentava nos brancos empobrecidos uma antipatia com o trabalho dos escravizados de todos os tipos. O homem branco nunca se viu como um trabalhador ou como uma parte de qualquer movimento trabalhista. Conforme Du Bois (2013), se o homem branco tinha qualquer ambição, seria para se tornar um agricultor ou um proprietário de escravizados. Os negros transferiram para esses homens brancos toda a antipatia que sentiam pelo sistema escravista.

A respeito dos fugitivos negros, um evento muito comum nessa época, Du Bois (2013) acrescenta que o fugitivo negro não era importante apenas por causa da perda envolvida, mas pela potencialidade no futuro. Nesse período, os negros já livres começaram a liderar a massa de trabalhadores e negros a escrever um texto de cunho abolicionista. Escravos fugitivos, como Frederick Douglass (1817-1895), e outros mais humildes e menos esclarecidos, discursavam continuamente sobre a maldição da escravidão e, assim, conseguiram aumentar o número de simpatizantes da causa abolicionista.

O avanço do negro na educação, auxiliado pelos abolicionistas, foi fenomenal. Porém, um passo maior foi a preparação dos seus próprios professores – o presente da Nova Inglaterra para o Sul, como pontuou Du Bois (2013). A Nova Inglaterra estava determinada em formar professores negros para atuar em instituições de educação voltadas para os negros, para evitar que professores brancos ministrassem nesses locais. O autor corrobora que, caso o sistema educacional negro houvesse sido apoiado, guiado e sustentado, o afro-americano superaria a Dinamarca em alfabetização no período que *Black Reconstruction* foi escrito, ou seja, em 1935. O autor continua explicando que foi devido a filantropia do Norte e as contribuições do Sul Negro que a Universidade Negra, um conjunto de instituições voltadas para o ensino dos afro-americanos, sobreviveu formando professores e líderes, apesar dos esforços dos brancos racistas de reduzir a sua eficiência.

Dentre as grandes personalidades que lutaram pelos direitos civis e políticos das pessoas negras, está Harriet Tubman, que foi responsável por 13 viagens nas Underground Railroads ou Ferrovias Subterrâneas que, como explica Carneiro (2019, p. 195), “apesar do nome *railroad*, esse trajeto não envolvia diretamente ferrovias e foram locais e pessoas abolicionistas que ajudavam a abrigar e transportar cativos até estados livres como Canadá, Cuba e México, em busca de liberdade”.

Harriet foi a responsável pela libertação de 70 pessoas, mas, antes disso, foi conhecida como Araminta “Minty” Ross, nascendo entre fevereiro e março de 1822, sem uma data certa para o seu nascimento. Os seus pais eram escravizados na fazenda de Anthony Thompson, em uma *plantation* no estado de Maryland. Mas entre os anos de 1823 e 1824, Harriet, seus irmãos

e sua mãe foram enviados para a fazenda do enteado de Anthony Thompson, Edward Brodess, separando-os assim do seu pai.

Durante a Guerra Civil Americana, a Guerra da Secessão, Harriet Tubman trabalhou para as forças da União, auxiliando o exército na Carolina do Sul, na Flórida e na Geórgia, desempenhando funções de enfermeira, espiã e escoteira. Segundo Carneiro (2019), Tubman teve um papel essencial em 1863, em uma batalha conhecida como Combat River, com ataque comandado pelo General James Montgomery. Harriet Tubman liderou o Segundo Batalhão Negro na Carolina do Sul, onde foram libertados 700 escravizados. Foram identificadas 250 mulheres como soldados da linha de frente, assim como outros milhares de enfermeiras e espiãs.

Com a 15ª emenda aprovando o direito do sufrágio para os afro-americanos negros, em 1870, após o fim da Guerra Civil, excluindo assim mulheres brancas e negras, Harriet Tubman se tornou mais ativa no movimento do sufrágio feminino no ano de 1890, participando de conferências de mulheres tanto brancas quanto negras. Em 1896, Harriet participou da fundação da *National Association of Colored Woman*, comparecendo também à uma convenção sufragista em Rochester, em Nova Iorque.

Conforme Carneiro (2019), as mulheres apenas conquistariam o direito ao sufrágio com a 19ª emenda, em 1920, mas Harriet Tubman não estava mais viva no período. O que pode ter estimulado a criação e promulgação da 19ª emenda foi a marcha em Washington, conhecida como *Women Suffrage Procession*, como visto na **figura 4**, no dia 13 de março de 1913, quando milhares de mulheres estiveram presentes. Essa foi a primeira manifestação coletiva em grande escala pelo sufrágio feminino.

Figura 4 – *Women Suffrage Procession 1913*.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

Gertrude Stein, criada em Baltimore, Maryland, esteve sempre envolta pelas narrativas sobre a Guerra Civil, o que a fascinou pelo tema. Quando adulta, passou a emitir fortes e contundentes opiniões sobre a questão negra, enviesada pela branquidade, na qual cresceu e se

reconheceu. Para tanto, em suas obras, caracterizou os seus personagens com trejeitos e atitudes similares aos dos escravizados do século XIX, como um comportamento agressivo, por parte dos homens negros, e uma passividade leniente, por parte das mulheres. Além disso, a valorização da branquidade, seja por consanguinidade ou por influência externa, como o caso de Rose Johnson, em “Melanctha” (1909), que foi criada por brancos, provém da crença da superioridade do branco sobre o negro.

Além do mais, nos outros dois contos de *Three Lives* (1909), as imigrantes alemãs não estão muito preocupadas em assegurar os seus direitos civis. Na verdade, há um forte sentimento antimulher nas descrições de “The Good Anna” (1909), quando Anna afirma a sua predileção em servir homens em detrimento de outras mulheres, ou em suas questionáveis descrições sobre as serventes na casa de Miss Mathilda, a sua patroa querida.

Nessa seção compreenderemos melhor a questão negra e as lutas femininas pelos direitos civis e políticos, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

2.1.1 A questão feminina e a luta pelos direitos políticos e civis na Europa

Independente da expansão territorial e econômica ocorrida nos Estados Unidos por todo o século XIX, ainda em 1890 a Europa dominava a economia mundial, mesmo com a sua população permanecendo, predominantemente, rural. Um fenômeno observado com bastante atenção, portanto, foi o exponencial crescimento urbano por meio da migração da população rural no continente europeu. Em meio a grande escassez de emprego no campo e nos centros urbanos, havia uma crescente luta da mulher na busca por direitos políticos e civis (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Assim como havia uma crescente migração da população rural para os centros urbanos na Europa, também se observava um aumento da migração europeia para os países americanos. A migração de europeus para o Novo Mundo, porém, não era uma novidade; desde a metade do século XVIII, pequenos grupos migraram. Algo relativo a seis, de cada sete europeus, deixaram a Europa entre os anos de 1500 e 1850 (KLOOSTER, 2009).

O aumento da população urbana, entretanto, forçou a migração dos europeus, motivados pela busca de trabalho. Na Alemanha, no final do século XIX, por exemplo, apenas 50% da população vivia em seu local de nascimento. Como consequência, a migração tornou-se um traço peculiar da cultura europeia: pessoas migravam em busca de trabalhos temporários, assim como em busca de formação para serviços artesanais (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Algo como 52 milhões de europeus atravessaram o oceano em busca de trabalho entre os anos de 1815 e 1930. Os motivos dessa migração, entretanto, variavam de econômicos a políticos. Um dado relevante para a pesquisa, portanto, é a saída de um milhão de alemães do país depois da derrocada das revoluções de 1848. A depressão econômica de 1880, também, motivou 1.342,400 alemães a deixar o país, muitos deles direcionados para as províncias da América do Norte (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Em decorrência da grande migração da população rural para as metrópoles, a dificuldade de empregar-se, cresceu. Conseqüentemente, as mulheres, que lutavam para conseguir empregos até mesmo antes disso, passaram a submeter-se a subempregos para sustentar as suas famílias. O maior número de mulheres empregadas, entretanto, caracterizava-se como meninas em serviços domésticos aguardando pelo momento de se casarem (ATKIN E BIDDISS, 2009).

De acordo com Atkin and Biddiss (2009), na década de 1890 uma mulher poderia desempenhar a mesma função de um homem, porém, sem a mesma remuneração ou reconhecimento. Do contrário, as mulheres apenas poderiam depender de seus maridos para abrir lojas. Eram considerados negócios rentáveis para as mulheres que não poderiam trabalhar em fábricas, por dedicaram-se integralmente ao cuidado da família, as pequenas vendas montadas em frente às casas, nas quais eram vendidas comidas, tais como leite pasteurizado e pão de forma (ATKIN E BIDDISS, 2009).

As pequenas vendas domésticas eram preferíveis aos trabalhos que requeriam treinamento das mulheres, principalmente, por causa das atitudes defensivas dos homens, que, receosos de verem os seus empregos roubados pelas mulheres, estimulavam o boicote ao emprego das mulheres, como também ameaçavam greves quando sabiam da possibilidade de mulheres serem empregadas (ATKIN E BIDDISS, 2009).

As trabalhadoras, dessa forma, ganhavam muito pouco, tendo famílias e casas para sustentarem. A maioria delas, portanto, dependia de sociedades assistencialistas e novas organizações administrativas, com o propósito de ganharem um pouco mais. Na Alemanha, menos de 9% dos associados das organizações administrativas eram mulheres (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Além das péssimas condições domésticas, proporcionadas pela baixa remuneração (oferecendo, assim, casas pobres e lotadas, com pouca privacidade), as relações entre patrões e empregados pioraram antes de 1914, com um número crescente de greves e com violentas respostas governamentais. Na Alemanha, em 1912, mais de um milhão de trabalhadores estiveram envolvidos em 2.834 greves (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Uma afirmativa sobre o período, portanto, é que o crescimento econômico apenas tornou aos ricos, mais ricos. No topo da escala social, logo, estavam fortunas enormes para financiamento e especulação, assim como nobres proprietários de terras que superaram velhos preconceitos, sendo estes relacionados a investimentos no mercado financeiro, semelhantes aos que os burgueses faziam, e, ao observar o declínio dos valores de suas propriedades, tornaram-se empresários (ATKIN E BIDDISS, 2009). Os grandes nobres tinham aversão a sujeitarem-se ao investimento de risco da bolsa de valores, pois acreditavam que se assemelhariam aos burgueses – classe social que ascendia progressivamente graças aos negócios em que investiam o seu dinheiro.

Como consequência do crescimento econômico, houve, também, um aprimoramento e, logo, elitização, dos segmentos educacionais. Na Alemanha, apenas 1 em cada 100 estudantes universitários eram filhos de trabalhadores. O sistema educacional francês era até mais elitista – um resultado dos centros universitários serem conhecidos como *grandes écoles*, a maioria destes provindos do período napoleônico –, com instituições como a *École Polytechnique*, *École des Mines*, *École Normale Supérieure*, diferente das outras universidades, requeriam anos de preparação adicional em cursos preparatórios, um exame adicional de ingresso, assim como mensalidades altíssimas, apoiados pelo nascimento e o dinheiro, reforçando o estabelecimento de hierarquias e do elitismo. A primeira universidade construída por mulheres foi a *Bedford College*, em Londres, em 1849 (ATKIN E BIDDISS, 2009).

A conquistas femininas puderam ser observadas quando houveram protestos clamando pelo sufrágio feminino em 1914, na Grã-Bretanha. Na França, no entanto, o *Nouvelle femme de La Fonde*, um jornal escrito por e para mulheres, estava mais preocupado com a extensão de outros direitos civis para as mulheres, desde que havia uma luta feminista para a alteração do Código Civil francês de 1804, “que deixava as mulheres com menos direitos civis do que uma criança”¹⁸ (ATKIN AND BIDDISS, 2009, p. 70). A reintrodução do divórcio em 1884, seguida pela legislação de 1895, permitiram a mulheres casadas abrirem poupanças sem a necessidade de permissão dos maridos ou dos pais; porém, estes continuaram a receber os pagamentos pelas mulheres (ATKIN E BIDDISS, 2009).

É uma prova de que houve um endurecimento dos códigos sociais o fato de terem tornado censuráveis mulheres solteiras que ousassem utilizar saias curtas, cabelos cacheados ou aderirem ao estilo “melindroso”. Na verdade, foi desenvolvida a propaganda de que mulheres solteiras ou sem filhos eram egoístas e antipatriotas. Isso porque, em 1911, Karl

¹⁸ “which left women with lower civil status than a child” (tradução nossa)

Pearson desenvolveu a primeira cadeira de *Eugenics* na *University College*, em Londres. Não era novidade a designação de *obrigação patriótica* da mulher de conceber crianças, desde que, nos anos 1880, a prima de Charles Darwin, Francis Galton, estimulou as mulheres de classe média a ter mais filhos, com rigorosa seleção de seus companheiros, para balancear o temido crescimento irrestrito de números de pobres e oprimidos (ATKIN E BIDDISS, 2009).

As mulheres foram continuamente pressionadas a procriar e abnegar de seus direitos em prol da instituição familiar, nas últimas décadas do século XIX, como uma forma de pressioná-las a criar futuros trabalhadores. Gertrude Stein, em “The Gentle Lena” (1909), como já apontado um dos contos de *Three Lives* (1909), apresenta a trágica história de Lena, uma esforçada imigrante alemã que não deseja engravidar, porém, por pressão do marido, engravida, e morre ao dar à luz ao seu quarto filho. A morte de Lena, tratada como mera casualidade pelo marido, finalmente satisfeito com a grande família, reflete a consciência de Stein sobre a negligente postura social que prioriza o nascimento de novas crianças à manutenção da vida das mulheres.

Sendo assim apresentados os pequenos mas significativos avanços da garantia dos direitos femininos na Europa, poder-se-á prosseguir para a apresentação da narrativa negra no supracitado continente.

2.1.2 A narrativa negra nos países europeus

É relevante destacar que os dados obtidos a respeito das referencialidades históricas do período de 1890 a 1914 não abordam, necessariamente, a condição da negritude na Europa. Sobre esse aspecto, é relevante salientar que há uma discrepância acerca da documentação e do referencial teórico existente do tráfico negreiro da Europa para os dos outros países que também se beneficiaram desse método de exploração. Diferente do arcabouço teórico destes países, tais como Estados Unidos e Brasil, conforme Araújo e Maeso (2012), os materiais científicos europeus que abordam o período supracitado não informam sobre a escravidão e as primeiras manifestações do movimento abolicionista, pois, de acordo com Allen (2017, p. 295), “a história do Oceano Índico, presta pouca, ou nenhuma, atenção para o tráfico negreiro quando discutidas as formas com as quais as pessoas interagem através dos oceanos”¹⁹, o que torna a

¹⁹ “histories of the Indian Ocean, pay little, if any, attention to slave trading as they discuss the ways in which peoples in the oceanic world have interacted with one another.” (tradução nossa)

história da escravatura, em um parâmetro mundial, centrada nas interações dos países do Oceano Atlântico, ignorando que tenha acontecido também na Europa.

Para Araújo e Maeso (2012), a ausência desse período histórico dos manuais didáticos e pesquisas científicas é, não apenas uma forma de apagamento, mas, também, um processo na construção da ideia de Europa, assim como um projeto que visa ao esquecimento da relevância da questão negra no período. As autoras ainda destacam que tal abordagem faz parte de uma tendência mais ampla que naturaliza as relações de poder e violência, que alteram os discursos políticos e acadêmicos na Europa. Dentre os métodos de apagamento da escravatura na Europa, as autoras destacam a “despolitização da narrativa”, a “(in)visibilização de ‘raça’ e ‘racismo’” e o “triunfo do humanismo igualitarista”(ARAÚJO E MAESO, 2012, p. 8).

Dessa forma, compreendendo a inviabilização do estudo acerca do tráfico negreiro e o crescente apagamento da escravidão nos países europeus, poder-se-á prosseguir para a investigação do processo abolicionista nos Estados Unidos.

2.1.3 O processo abolicionista nos Estados Unidos

Conforme Remini (2009), no início do século XIX, a tendência de conferir aos estadunidenses a habilidade de converter invenções em produtos comerciáveis caracterizou-os como criadores de máquinas e, portanto, distanciados da produção artística. Os estadunidenses estavam voltados para as técnicas científicas aplicáveis ao invés de teorias científicas puras, alcunhados de pragmáticos e concisos, o que era bastante útil e comercialmente positivo. Tornou-se comum afirmar que, enquanto os rapazes europeus escreviam poemas e romances, os rapazes americanos, especialmente de Massachusetts e Connecticut, inventavam ferramentas e máquinas (REMINI, 2009).

Também alcunhado de “Jacksonian Period”, graças à vitória presidencial de Andrew Jackson, em 1828, esse período trouxe inúmeras reformas nos Estados Unidos, sendo as principais nos âmbitos econômico, religioso e social. Nenhuma delas, no entanto, foi mais relevante do que o aumento significativo das demandas abolicionistas dos estados do Norte. De acordo com Remini (2009), nada seria mais hipócrita do que um país que se afirmava cristão e a favor da liberdade e da democracia manter escravos e, a partir da mão de obra escravizada, enriquecer. Antes mesmo dessa demanda, havia uma longa tradição abolicionista nos Estados

Unidos proveniente dos Quakers²⁰; porém, a Guerra de 1812 e a consequente reforma originada pelo conflito intensificou o clamor pela abolição.

Apenas em 1833, com a criação da “American Antislavery Society”, foi estabelecido uma comunidade de apoio para as rotas clandestinas, utilizadas pelos escravizados fugidos em busca de um abrigo entre os negros libertos ou brancos abolicionistas (REMINI, 2009).

Ao longo desse período, o Norte se industrializava; o Sul, pelo contrário, permanecia primariamente dependente da agricultura, mesmo que houvessem negociantes, advogados e outros profissionais que não dependessem disso. Porém, a maior parte dos sulistas eram fazendeiros, plantando algodão, tabaco, açúcar e arroz, dependendo da sua localização. A necessidade de mão de obra escravizada barata, entretanto, fazia da escravidão a mais básica e mais lucrativa operação econômica dos Estados Unidos (REMINI, 2009).

Durante o século XIX, no sul dos Estados Unidos, ter a posse de uma pessoa em condições de escravidão era tratado como uma questão de status; além do mais, havia uma ideia de que brancos e negros nunca viveriam em harmonia, o que reforçava a prática, pois os brancos “nada poderiam fazer com os negros caso ficassem livres” (KARNAL, 2007, p. 123).

Em 1808, houve a abolição do tráfico de escravos e em 1º de janeiro de 1863, foi proclamada a Lei da Emancipação dos escravos, com promulgação apenas em 1865, com a Décima Terceira Emenda da Constituição. A medida, porém, contou com a indenização para os fazendeiros, referente aos escravos libertos. No Sul, a segregação possuía seguidores que começavam a dividir os espaços em dois, seja por meio de leis ou critério “popular”. Com exceção de espaços trabalhistas, pessoas negras ficavam limitadas a ocupar lugares previamente definidos (KARNAL, 2007).

Mesmo que em 1866 o Congresso Nacional tenha aprovado a Lei dos Direitos Civis, que tornava ilegais as práticas discriminatórias, com a morte de Lincoln e a ascensão de seu vice, Andrew Johnson, um supremacista branco, em 1868, foram aprovados os “Códigos Negros”, que restringiam a liberdade dos negros em diversos aspectos, como, por exemplo, a proibição da reunião entre negros, casamentos inter-raciais, possuir armas ou possuir empregos especializados, e, conseqüentemente, melhores. Aqueles que não obedecessem às leis e cometessem algum delito, receberiam como punição a prisão e posterior venda, em um leilão (KARNAL, 2007).

Os Estados Unidos permaneceram divididos em polos, pois, enquanto nacionalmente fora aprovada a Décima Quinta Ementa, que proibia a discriminação por raça ou cor, no Sul, as

²⁰ Movimento religioso de origem britânica e protestante, criado no século XVII.

leis Jim Crow se popularizavam com o intuito de promover o afastamento entre negros e brancos. Em 1885, grande parte das escolas sulistas estavam segregadas. Foi apenas nas décadas de 1950 e 1960 que a Suprema Corte derrubaria o lema, e consequentes práticas, de “separados, mas iguais” (KARNAL, 2007).

As leis Jim Crow não se fortaleceram apenas por meio das práticas segregacionistas, mas, principalmente, pelo surgimento de grupos de extermínio que possuíam como *slogan* e objetivo dizimar o que eles consideravam como “população inferior”. Entre eles, o Ku Klux Klan (KKK), surgida em 1867, em Nashville. A KKK acreditava na política dos linchamentos, e incluíam na lista, na qual já se encontravam os negros, o que eles chamavam de *negro lovers* (ou brancos que relacionavam-se com negros ou que eram a favor do fim da segregação), chineses, judeus e a quem eles dispusessem a marca de “inferior”. De 1867 a 1871, foram registrados mais de vinte mil casos de assassinatos por grupos de extermínio (KARNAL, 2007).

Em conjunto com as ideias conturbadas do século XIX, economistas como Francis Amasa Walker e sociólogos como Herbert Spencer e William Graham Summer, afirmavam que o século XX estava fadado ao retardo do progresso pelas medidas estatais adotadas para incentivar os *desajustados*, grupo esse que englobava desde os imigrantes até as classes sociais mais baixas e desfavorecidas, integrando nesse grupo qualquer indivíduo fora das características anglo-saxãs e de classe média, aceitáveis para o período (KARNAL, 2007).

Conforme Morrison (2019), o século XX observou a entrada de cerca de 23 milhões de imigrantes no solo estadunidense — em maioria, europeus provenientes do leste e do sul, judeus, católicos e ortodoxos —, contrariando a maioria branca, anglo-saxã e protestante que compunha a população do país até o momento. Como mencionado anteriormente, os alemães migraram em grande escala para os Estados Unidos, como resultado da insatisfação com a Revolução de 1848, tendo alguns intelectuais no montante, mas a grande maioria era composta por camponeses que tinham mais dinheiro dos que os irlandeses e que pretendiam residir nas comunidades fazendeiras próximas das fronteiras e nas cidades do oeste (REMINI, 2009). Diferentemente dos imigrantes da Europa do Leste, esses imigrantes alemães foram bem recebidos nos Estados Unidos.

Enquanto que em 1911, na Europa, Karl Pearson assumia a primeira cadeira de *Eugenics*, como previamente abordado, nos Estados Unidos Samuel Cartwright, desde 1851, a partir da publicação de seu livro *Report on the Diseases and Physical Peculiarities of the Negro Race*, defendia os traços eugênicos de distinção dos negros para os brancos. Segundo Morrison (2019, p. 24-25, grifo nosso):

‘Segundo leis fisiológicas inalteráveis’, ele escreve, ‘os negros, via de regra, salvo raras exceções, só podem ter suas faculdades intelectuais despertadas o suficiente para receberem cultura moral e para se beneficiarem da instrução religiosa ou de outra natureza quando submetidos à *autoridade obrigatória* do homem branco... Por sua indolência natural, exceto quando submetidos ao estímulo da obrigação, eles passam a vida dormitando uma vez que sua capacidade pulmonar para o ar atmosférico foi expandida somente até a metade por falta de exercício. O sangue negro que irriga o cérebro acorrenta a mente à ignorância, à superstição e à barbárie, e fecha a porta para a civilização, a cultura moral e a verdade religiosa’.

Portanto, foi definido que o corpo dos negros funcionava de forma diferente do corpo dos brancos, caracterizando-os como *indolentes*, e *mentalmente incapazes*, o que determinou a crença popular de que os negros, sim, eram inferiores aos brancos. Ainda de acordo com Morrison (2019, p. 27), “um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo”, seguindo a ideia que a própria identidade é definida a partir da comparação com o Outro. Essa teoria era utilizada pelo grupo dominante como forma de reforçar o seu poder. Logo, a classe dominante buscava justificativas, por meio da ciência, para dar continuidade à barbárie da escravidão.

Um traço social que demonstrava que a eugenia estava presente no cotidiano estadunidense, já no século XX, foi a popularização da venda de fotos de cadáveres negros linchados, rodeados por espectadores brancos satisfeitos, publicadas como cartões postais (MORRISON, 2019).

Pode-se compreender, portanto, que em razão de uma luta que abrangeu grupos religiosos, aristocratas brancos compadecidos da situação do negro na “terra da liberdade” e negros libertos, houve a abolição da escravatura, porém, com ressalvas por uma parte da população, que acreditava que havia, sim, uma diferença *genética* entre etnias, o que tornava os brancos superiores *naturais* dos negros. Infelizmente, foram essas ressalvas que definiram, e ainda definem, as relações étnicas do povo estadunidense.

Logo, após a exposição da problemática racial, incluindo os estudos eugenistas que priorizavam a classificação do negro como o Outro, avançar-se-á para trajetória pelo reconhecimento da cidadania dos negros e das mulheres nos Estados Unidos.

2.1.4 A trajetória pelo reconhecimento da cidadania de negros e das mulheres nos Estados Unidos

Gertrude Stein foi uma ferrenha defensora da falta de necessidade de direitos políticos para mulheres, assim como da vitimização dos negros. Para ela, as mulheres não tinham tempo livre para exercer a cidadania e, portanto, não precisavam votar. Enquanto isso, os negros eram

acusados de exagerar em suas reclamações, propensos a mentirem sobre as suas condições de vida. Em sua bolha de privilégios, Stein não conseguia perceber que, apenas por meio da inserção na política e, conseqüentemente, de mulheres e negros em cargos públicos, que a condição da subalternidade delegadas a eles poderia ser superada. Ao dar tais declarações, Gertrude Stein inviabilizou a luta de milhares de mulheres e homens negros na tentativa de assegurar os seus direitos civis.

Os políticos e os teóricos políticos do século XIX tinham uma interpretação do que era a cidadania americana a partir de uma série de ideias sobre direitos humanos e a autoridade do estado, tendo a convicção de que um “bom governo garantia a cidadania de qualquer um *elegível*, com o mesmo conjunto de direitos políticos, equânime e irrevocável”²¹ (LEPORE, 2018, p. 245).

Antes dos anos 1880, nenhuma lei federal restringia a imigração, como aponta Lepore (2018). E mesmo em períodos de grande patriotismo, como nos anos de 1840, os Estados Unidos recebiam os imigrantes concedendo-lhes a cidadania, valorizando-os. Afinal, de acordo com o *U. S. Treasury*, o tesouro estadunidense, cada imigrante contribuía com a economia com, pelo menos, 800 dólares. Independentemente do valor alto para o período, a autora comenta que o congressista Levi Morton ainda reclamou que era um valor muito baixo.

A questão era: quem poderia ser considerado *elegível* para adquirir a cidadania americana? Lepore (2018) aponta que o Congresso considerava *elegível* qualquer indivíduo, desde que fosse natural ou naturalizado estadunidense, porém, uma quantia enorme de leis restringia a cidadania. O *Naturalization Act*, criado em 1798, aumentou o período de residência para os imigrantes tornarem-se naturalizados estadunidenses. O número de anos de residência voltou para cinco em 1802, mas apenas por causa dos termos que definiam que apenas homens brancos poderiam naturalizar-se estadunidenses.

A questão da cidadania também discutia se os afro-americanos poderiam ser considerados estadunidenses. Em 1857, a Suprema Corte julgou a questão da cidadania negra, questionando se

pode um negro, cujos ancestrais foram importados até este país e foram vendidos como escravos, tornar-se um membro da comunidade política formada e criada pela Constituição dos Estados Unidos, e, assim, tornar-se possuidor de todos os direitos, e

²¹ “A good government guarantees everyone eligible for citizenship the same set political rights, equal and irrevocable.” (tradução nossa)

privilégios, e imunidades, garantidas por aquele instrumento a todos os cidadãos? (LEPORE, 2018, p. 246)²²

A questão da cidadania negra não era a única a perturbar os congressistas. A cidadania para mulheres também era debatida, em razão dos inúmeros protestos e falas realizadas por mulheres influentes para iluminar a questão, que parecia não progredir. Uma dessas mulheres foi Elizabeth Cady Staton, feminista, ativista e abolicionista, que, em uma carta para a sua amiga Susan B. Anthony, professora e ativista, escreveu que “quando eu passar pelos portões celestiais e o bom Pedro perguntar onde eu quero sentar, direi, ‘em qualquer lugar onde eu não seja nem um negro e nem uma mulher. Confira a mim a glória da masculinidade branca, então daqui para frente eu terei liberdade ilimitada’”²³ (LEPORE, 2018, p. 246).

A questão da cidadania estadunidense tornou-se ainda mais confusa com as restrições criadas no processo de requerimento dos passaportes. O primeiro passaporte do governo estadunidense foi criado em 1782, porém, por um longo tempo, os passaportes não eram emitidos pelo governo federal, mas, sim, pelos estados e pelas prefeituras, o que tornou impossível que o passaporte passasse a ser, reconhecidamente, o documento comprobatório de cidadania.

Segundo Lepore (2018), os marinheiros negros normalmente utilizavam um documento conhecido como *seaman’s protection certificate*, ou certificado de proteção ao marinheiro, declarando-os como cidadãos dos Estados Unidos. Foi com um documento desses que Frederick Douglass conseguiu fugir da escravidão. Em contrapartida, nas terras escravagistas do Sul, existia um documento que servia como um certificado de anticidadania, uma espécie de antipassaporte, nas palavras de Lepore (2018), conhecido como *slave pass* ou passe escravo, nada mais do que um papel assinado pelo proprietário do escravizado. Esse documento era necessário para qualquer escravizado que estivesse atravessando uma área controlada pela patrulha escravagista, uma milícia de homens brancos armados.

Em 1856, o Congresso promulgou uma lei que declarava que apenas o secretário de estado poderia garantir e emitir os passaportes e que apenas cidadãos poderiam obtê-lo. Em 1866, um escriturário do Departamento de Estado escreveu que não haveria distinção de cor no processo de emissão dos passaportes, uma política à frente da lei federal de cidadania.

²² “Can a negro whose ancestors were imported into this country and sold as slaves become a member of the political community formed and brought into existence by the Constitution of the United States, and as such become entitled to all the rights, and privileges, and immunities, guaranteed by that instrument to the citizen?”

²³ “When I pass the gate of the celestials and good Peter asks me where I wish to sit, I will say, ‘anywhere so that I am neither a negro nor a woman. Conger o me, great angel, the glory of white manhood, so that henceforth I may feel unlimited freedom.’”

Logo após o final da Guerra de Secessão, homens e mulheres negros tentaram influenciar os governadores quanto aos planos pós-guerra. As prioridades eram cidadania e propriedade, como aponta Lepore (2018).

Porém, em contramão a essa demanda, em 1864, em Syracuse, Nova Iorque, na *National Convention of Colored Men*, ou a Convenção Nacional de Homens Negros, os homens clamaram pela cidadania plena para eles – excluindo, assim, as mulheres – e por reformas legislativas que incluíam a permissão para homens negros de todo o país estabelecerem-se em terras garantidas aos cidadãos pelo governo federal, a partir do *Homestead Act*, de 1862. O *Homestead Act* disponibilizou mais de 160 acres de terras públicas desocupadas para indivíduos ou chefes de família que eram autorizados a plantar nas terras por cinco anos e, então, pagarem taxas módicas, conforme Lepore (2018).

Lepore (2018) acrescenta que já Thaddeus Stevens, presidente da *House of Ways and Means*, o comitê principal sobre taxas e pagamentos da *United States House of Representatives*, ou a Casa dos Representantes, sob a presidência de Abraham Lincoln, queria confiscar e distribuir cerca de 400 milhões de acres das terras sulistas para algo como de 70 mil dos chefes rebeldes da Confederação e distribuir quarenta acres para cada homem livre adulto.

Com a morte de Abraham Lincoln, Andrew Johnson tomou para si a tarefa de proteger o Sul. O presidente não falava sobre a reconstrução, como desejavam os negros, mas sobre *restauração*. Andrew Johnson, de acordo com Lepore (2018), queria a adesão dos estados confederados à União, para deixar as questões sobre direitos civis e a cidadania para os próprios estados decidirem.

Enquanto isso, os homens livres continuam a pressionar com as suas exigências. Tanto as *Union Leagues*, quanto as *Equal Rights Leagues* promoveram as convenções dos homens livres, exigindo a cidadania plena, direitos iguais, o sufrágio e terras. Os homens livres reclamavam sobre os perdões dados por Johnson para os líderes confederados.

No inverno de 1865-1866, um grupo de legisladores sulistas, composto por antigos secessionistas, começaram a aprovar os *Black Codes*, ou códigos negros, uma série de leis baseadas em conceitos raciais, que davam continuidade a escravidão por meio de contratos, parcerias e outras formas de serviços. Lepore (2018) comenta que, na Carolina do Sul, crianças as quais os pais foram acusados de não lhes ensinar “hábitos industriais e honestidade” foram tomadas de suas famílias e levadas para morar com famílias brancas como aprendizes, em

posição de trabalho não-pago. A autora corrobora que a escravidão parecia-se com um monstro desde que, “a cada vez que era decapitado, nascia uma nova cabeça”²⁴ (LEPORE, 2018, p. 249).

Em fevereiro de 1866, o Senado sancionou o *Civil Rights Act*, ou Ato dos Direitos Civis, a primeira lei federal que definia a cidadania. Cinco dias depois, Frederick Douglass visitou a Casa Branca para buscar o apoio do presidente durante um encontro extraordinariamente tenso. Lepore (2018) aponta que Andrew Johnson, em um discurso moroso e evasivo, assegurou a Douglass que ele era um amigo das pessoas negras. De acordo com a autora, Johnson disse que “possuiu e comprou escravos, mas nunca vendeu um”²⁵ (LEPORE, 2018, p. 251).

O fato é que Andrew Johnson não tinha a intenção de refutar os *Black Codes* ou debater sobre direitos iguais, assim como assinar o *Civil Rights Act*. Depois que Douglass partiu, Johnson zombou com o seu assessor que Douglass era “apenas como qualquer outro negro e [que] ele cortaria a garganta de um homem branco se pudesse”²⁶ (LEPORE, 2018, p. 251).

Em março, depois que a *House of Ways and Means* aprovou o *Civil Rights Act*, Johnson vetou o documento. Em abril, o Congresso utilizou todo o seu poder para derrubar o veto de Andrew Johnson.

A abolição da escravidão, segundo Lepore (2018), derrubou a cláusula que compreendia os negros como apenas três-quartos cidadão. Com a lei de abolição da escravidão, a 14ª emenda, um século de debates e guerra foi findado com uma conquista constitucional. A 14ª emenda propôs uma definição de cidadania que garantia privilégios e imunidades, assim como promovendo proteção equânime para todos os cidadãos. Com isso, os negros passaram a equivaler a um cidadão completo, e, durante as votações após a 14ª emenda, os estados sulistas conquistaram posições no Congresso, graças aos votos dos cidadãos negros.

Lepore (2018) considera que o processo de escrita da 14ª emenda foi uma traição para a luta das sufragistas, desde que o grupo lutou pela abolição da escravidão, mas foi esquecido que, na segunda seção da emenda, estava explícito que, qualquer estado que negasse o direito ao voto a *qualquer homem* iria perder a representação no Congresso. As sufragistas, que desejavam ser incluídas no texto da 14ª emenda, foram esquecidas.

Sendo assim, não foi uma surpresa quando as mulheres protestaram. A ativista Frances Gage escreveu que “poderia alguém explicar por que os grandes advogados da *Human Equality* esqueceram de que quando eles eram fracos e precisavam da ajuda da força feminina da nação,

²⁴ “Each time it was decapitated, grew a new head.”

²⁵ “Owned and bought slaves but never sold one.”

²⁶ “He is just like any nigger, and he would sooner cut a white man’s throat than not.”

eles sempre usavam as palavras ‘sem distinção de sexo, raça ou cor’?²⁷” (LEPORE, 2018, p.251). A resposta veio logo depois, com o pronunciamento de Charles Sumner que respondeu que “nós sabíamos como o negro iria votar, mas não temos muita certeza sobre as mulheres”²⁸. A questão aqui é que as pessoas que estiveram envolvidas com a escrita da 14ª emenda tinham ciência de que os negros, provavelmente, votariam em peso nos Republicanos, mas não as mulheres.

Elizabeth Cady Staton foi clara em seu questionamento para Wendell Phillips, um advogado abolicionista. Após a afirmativa de que aquele era o momento dos negros, Staton questionou se a raça negra era composta apenas por homens. Como ficavam as mulheres negras? Permaneceriam sem votar, sem o reconhecimento de cidadania? O que era mais estranho é que, no processo da escrita da 14ª emenda, ao invés de *homem*, estava escrito *pessoas*. O que gerou uma ideia equivocada de que apenas *homens* eram considerados *pessoas*.

Em contrapartida, o senador Jacob Howard garantiu aos outros senadores de que a 14ª emenda não garantia o voto aos homens negros. Segundo Lepore (2018), a 14ª emenda apenas sugeria isso, sem oferecer nenhum mecanismo para forçar os estados a permitirem o sufrágio aos homens negros. A cláusula que garantia que os estados que impedissem os homens negros de votarem iriam perder representação no Congresso foi tratada como meramente ilustrativa, sem força real.

Enquanto isso, o Congresso aprovava o *Reconstruction Act*, que dividia os estados confederados em cinco distritos militares, cada um coordenado por um general. Aos estados rebeldes foi determinado que uma nova constituição deveria ser escrita, sendo necessário o envio ao Congresso para aprovação. Sob os termos da Reconstrução, os homens que foram soldados confederados perderam o direito ao sufrágio, tendo os antigos escravizados ganhado o privilégio de votar. Isso porque os estados confederados eram formados por homens brancos, sendo que destes, 80% eram democratas, enquanto os negros livres eram republicanos. Mesmo com o direito de votar garantido, os homens negros nem sempre conseguiam colocar o seu direito em prática, principalmente nos locais onde a Klu Klux Klan crescia.

Conforme Lepore (2018), 90% dos negros livres votantes se organizaram para votar na Virgínia. No Sul, os negros chegaram cedo nas cabines de votação, e em grupos,

²⁷ “Can anyone tell us why the great advocates of Human Equality forget that when they were a weak part and needed all the womanly strength of the nation to help them on, they always united the words ‘without regard to sex, race or color’?”

²⁸ “We know how the Negro will vote, but are not so sure of the women.”

frequentemente marchando juntos, organizados com antecedência, para protegerem-se dos ataques de grupos de extermínio.

Enquanto os protestos para a retificação da 14^a emenda continuavam, milhares de homens negros participavam das eleições. Oitocentos homens negros serviram à legislatura estadual, preenchendo mais de mil vagas em cargos públicos, sendo mais comuns em governos municipais e estaduais. Um homem negro, P. S. B. Pinchback, foi, brevemente, governador de Louisiana.

Lepore (2018) indica, em contraponto, que as mulheres tentaram votar. Antes da 14^a emenda, os ativistas pelos direitos das mulheres lutaram pela educação feminina e por leis garantindo que as mulheres casadas tivessem o controle de seus bens. Depois da 14^a emenda, o movimento pelos Direitos Femininos tornou-se o movimento pelo Sufrágio Feminino. Em 1868, em um plano de ação que foi conhecido como *New Departure*, ou Novo Começo, mulheres negras e brancas tentaram adquirir o direito ao voto exercendo-o: elas foram até às cabines de votação para tentar votar e foram presas quando tentaram depositar as cédulas de votação.

Durante esse período, os homens negros viram-se impedidos de votar, forçando o Congresso a debater e propor outra emenda constitucional, uma que iria aumentar os questionamentos sobre os termos cidadãos, pessoas e povo, desde que eram termos desafiados pelas mulheres ativistas e por imigrantes da China, que aumentavam exponencialmente no final do século XIX graças ao grande fluxo migratório.

A 15^a emenda, ratificada em 1870, assegurava a todos os cidadãos o direito ao voto, não sendo negado em razão de cor, raça ou condição prévia de escravidão, o que promovia aos homens negros o direito ao sufrágio. Conforme Lepore (2018), a 15^a emenda não promovia o que, de fato, parecia promover – o direito do voto aos homens negros. Na verdade, o ato de votar tornou-se ainda mais difícil e perigoso, em razão do terrorismo crescente propagado pelos grupos de extermínio. Mesmo com a decisão do Congresso de promulgar o *Force Act*, em 1870, e o *Klan Act*, em 1871, tornando a prática dos grupos de extermínio ilegais ao impedir os homens negros de votar, a força da Klu Klux Klan só aumentou, em um esforço de “retornar” o Sul dos Estados Unidos, espalhando violência em todo o território.

Assim como a 15^a emenda não resolveu a questão se as mulheres poderiam ou não votar. Por um lado, a 15^a emenda não garantia esse direito, desde que não havia a discriminação por sexo em seu texto. Por outro lado, não dizia que as mulheres não poderiam votar. Em razão disso, em 1870, cinco mulheres negras foram presas por tentar votar na Carolina do Sul. Lepore (2018) indica que, a partir desse momento, as mulheres decidiram testar os limites da cidadania

feminina, não apenas tentando votar, mas, principalmente, tentando concorrer à cargos políticos.

Uma dessas mulheres, Victoria Woodhull, uma vidente carismática de Ohio, que participou da convenção do sufrágio em 1869, mudou-se para Nova Iorque e tornou-se uma corretora da bolsa. Ela foi a primeira mulher a concorrer para o cargo de presidente. Ela concorreu como uma candidata autodenominada no partido que ela ajudou a fundar, o *Equal Rights Party*. Em 1871, ela anunciou que o partido estava em busca da revolução. Ela explicou que estava concorrendo, principalmente, para chamar atenção aos clamores das mulheres, que queriam ser politicamente iguais aos homens. Woodhull ainda afirmou que as mulheres já tinham o direito ao voto, sob a ótica da Constituição, quando interrogada pelo comitê judicial.

Infelizmente a candidatura de Victoria Woodhull não terminou muito bem. De acordo com Lepore (2018), a ativista passou o dia da eleição presa por acusações de obscenidade. A Suprema Corte, no fim, foi contrária à sua interpretação da Constituição, decidindo no julgamento intitulado *Minor vs. Happersett*, que a Constituição não atribuía, automaticamente, direitos políticos às mulheres.

Na convenção de 1876 do partido Republicano, em comemoração ao centenário da Declaração de Independência, Sarah Spencer, da *National Woman Suffrage Association*, a NWSA, clamou que os republicanos aceitassem ao seu lado as mulheres dos Estados Unidos. Ela foi rechaçada. Na mesma convenção, Frederick Douglass, com uma idade já avançada, tornou-se a primeira pessoa negra a falar em uma convenção republicana. Enquanto Sarah Spencer implorou, Douglass pressionou. Em sua fala, ele destacou que “a questão agora é... Vocês querem fazer bem à nós com essas promessas em sua Constituição?”²⁹ (LEPORE, 2018, p. 258). Segundo Lepore (2018), a resposta era *não*. Naquele ano, no centenário da Declaração da Independência, a Reconstrução falhou, em razão de compromissos decadentes, negócios ocultos, vícios pessoais e fraudes escancaradas de homens de cabeça fechada e que buscavam satisfação pessoal com a perda alheia.

No Sul, a equidade política só era possível sob o cano de uma arma, conforme Lepore (2018). Logo depois das tropas unionistas saírem das terras sulistas, democratas brancos, autointitulados redentores, tomaram o controle dos governos estaduais do Sul, dando assim um fim ao período de emancipação política dos homens negros, com a Klu Klux Klan aterrorizando o interior do Sul, queimando casas e perseguindo, torturando e matando pessoas. Entre 1882 e 1930, ocorreram mais de três mil linchamentos de homens e mulheres negros.

²⁹ “The question now is... Do you mean to make good to us the promises in your constitution?” (tradução nossa)

O movimento populista, começou no Sul e no Oeste. A fundadora e principal oradora do movimento populista, Mary E. Lease, acreditava que depois da Guerra da Secessão, o governo federal conspirou com empresas e banqueiros para retirar os direitos políticos das pessoas comuns, como fazendeiros e trabalhadores de fábricas. Lease e os seus seguidores rascunharam o republicanismo agrário de Thomas Jefferson e a retórica do homem comum de Andrew Jackson, como também influenciaram os comitês políticos de Franklin Delano Roosevelt, servindo como ponte entre o populismo e o progressismo, os dois maiores movimentos políticos de reforma que dividiram o fim do século XIX e o início do século XX.

Conforme Lepore (2018), Mary E. Lease lutou pelos fazendeiros e pelos trabalhadores assalariados, cujas vozes políticas eram repetidamente silenciadas pelos capitalistas. Mas ela também lutou pelos direitos femininos e ajudou a difundir um estilo de política feminina na política estadunidense. Impedidas de compor o eleitorado, as mulheres que queriam influenciar com as relações públicas optaram por formas de políticas públicas que estavam em declínio no mundo dos homens: marchas, comícios, desfiles. As políticas eleitorais, que os homens dominavam, tornaram-se domésticas. Os esforços para educar politicamente, a propaganda eleitoral, até mesmo o ato de votar, tudo passou para o espaço privado. Nesses espaços privados, as mulheres utilizaram as ferramentas do renascimento religioso do século XIX para fazer política: o sermão, o apelo, a conversão.

A *National Farmers' Alliance*, ou NFA, foi formada no Texas, em 1877, para lutar contra a taxaço das ferrovias, contra as empresas, e pelo estabelecimento das cooperativas de fazendeiros, assim como pela remoço das cercas em terras públicas. A NFA logo se espalhou pelas Dakotas, no Nebraska, em Minnesota, no Iowa e no Kansas. Os populistas, sejam fazendeiros ou trabalhadores de fábrica, como membros dos *Knights of Labors*, uma federaço trabalhista estadunidense ativa no século XIX, estavam unidos contra o clamor político de imigrantes chineses e de pessoas negras. A *Farmers' Alliance* excluía os afro-americanos, que acabaram fundando a sua própria associaço, a *Colored Farmers's Alliance*, a CFA. É relevante ressaltar que os populistas também excluía nativos americanos do que eles consideravam “o povo”.

Em 1877, Lepore (2018) afirma que os trabalhadores de ferrovias protestaram pelos cortes nos salários com uma greve em cidades de todo o país. O presidente Rutherford B. Hayes, do partido Solo Livre, enviou tropas federais para acabar com a greve, marcando assim a primeira vez que o governo federal usou o seu poder para apoiar os empresários contra o povo. A greve continuou, com pouco sucesso em melhorar as condições de trabalho. Entre 1881 e 1894, havia, em média, uma grande greve ferroviária por semana. A autora pontua que o

trabalho era, literalmente, esmagador: em apenas um ano, dos 700 mil homens que trabalhavam em ferrovias, mais de 20 mil se machucaram em serviço e aproximadamente 2 mil foram mortos.

Mary E. Lease costumava dizer que “homens são homens, mas mulheres são super-homens”³⁰ (LEPORE, 2018, p. 264). O populismo deu vazão às reclamações dos fazendeiros e dos trabalhadores contra os empresários e o governo, mas o movimento foi construído por mulheres – mulheres as quais acreditavam ser moralmente superiores aos homens. Portanto não foi uma surpresa quando Mary E. Lease entrou na política por meio da *Women’s Christian Temperance Union*, a WCTU, uma federação clubes de mulheres que foi formada em Cleveland, em 1874. A federação desenvolveu uma campanha contra os bares, conhecida como *Woman’s Crusade*, ou Cruzada Feminina.

A ativista falou pela primeira vez em público em um comício da WCTU no Kansas, discursando um texto com o título de *A plea for the temperance Ballot for Women*³¹. Lease clamou pelo fim do flagelo do álcool que, para as mulheres, que servia como uma desculpa para os maridos que agrediam as suas esposas e os seus filhos e que gastavam todo o salário em bebida, abandonando à família à fome. Para Mary E. Lease, esse era um argumento substancial para as mulheres votarem.

Em 1872, segundo Lepore (2018), o *Prohibition Party* se tornou o primeiro partido a apoiar o sufrágio feminino. Sete anos depois, o WCTU, sob a liderança de Frances Willard, adotou o motto de “proteção doméstica”. A ativista Frances Willard, que foi presidente da universidade feminina e a primeira mulher reitora da *Northwestern University*, viveu pelo motto “faça tudo”. Sarah E. V. Emery, uma universalista³² do Michigan, tornou-se uma oradora e escritora importante do WCTU, dos *Knights of Labor* e da *Farmers’ Alliance*. A *Farmers’ Alliance* vendeu mais de 400 mil cópias do tratado antisemita intitulado *Seven Financial Conspiracies Which Have Enslaved the American People*³³, onde a escritora culpava o estado de conspirar com banqueiros judeus.

Para que houvesse um avanço em suas causas, os populistas e as sufragistas, que eram rejeitados pela maior parte dos partidos no período, voltaram-se para os partidos menores. Se os republicanos rejeitaram as demandas por direitos iguais das mulheres, os democratas tinham ainda menos interesse na causa. Susan B. Anthony esperava poder discursar na convenção do

³⁰ “Man is man, [but] woman is superman.”

³¹ Um pedido pela sobriedade da cédula para as mulheres.

³² Universalismo é um conceito e um construto filosófico e teológico que advoga o ponto de algumas ideias terem aplicação ou aplicabilidade universal.

³³ Sete Conspirações Financeiras que tem Escravizado o Povo Americano.

Partido Democrata em 1880, clamando pelo apoio dos democratas à causa de 20 milhões de mulheres. Ao invés disso, Susan B. Anthony apenas observou, calada, enquanto o seu texto era lido por um escriturário. O *New York Times* escreveu que “nenhuma ação foi tomada quanto a isso, e Miss Anthony não mais perturbou a convenção”³⁴ (LEPORE, 2018, p. 265).

Marieta Stow, editora de um jornal, declarou que já era o tempo das mulheres terem o seu próprio partido e concorreu ao cargo de governadora da Califórnia em 1882, como uma candidata do partido *Woman's Independent Political*. Dois anos depois, Belva Lockwood, uma advogada de Washington, concorreu como presidente pelo partido *Equal Rights*. Em 1886, Emery discursou em nome do sufrágio feminino, tanto na convenção do partido democrata quanto do *Prohibition Party*. Porém, Judith Ellen Foster, que ajudou a fundar o WCTU, condenou os partidos menores em um comício do partido republicano. Longe de honrar as mulheres, os partidos menores apenas “se apropriavam do seu trabalho e da sua influência por seus propósitos próprios”³⁵ (LEPORE, 2018, p. 265). Em 1892, Foster fundou a sua própria organização, a *Woman's National Republican Association*, a WNRA.

No mesmo período, Mary E. Lease ajudou a o *People's Party*, ou o Partido do Povo. Muitas das reformas propostas pelos populistas tiveram o efeito de diminuir o poder político dos negros e dos imigrantes. Uma das propostas principais era a cédula australiana, mais conhecida como a cédula secreta, que requeria um teste de alfabetização entre os votantes, o que impossibilitou o voto dos negros sulistas e dos novos imigrantes das cidades do Norte.

Conforme Lepore (2018), o estado do Kentucky foi o primeiro a aceitar a reforma, na cidade de Louisville. Massachussets aprovou a lei do voto secreto logo depois de um ano. Em Nova Iorque, o governador democrata, David Hill, vetou a cédula secreta três vezes. O veto de David Hill foi apenas derrubado em 1890, depois que quatorze homens carregaram uma petição pesando meia tonelada para a Câmara Legislativa de Nova Iorque.

Com Sarah Emery, Mary E. Lease assinou a fundação da *National Woman's Alliance*, dedicada a unir as causas do sufrágio e do populismo. Na sua declaração de intenções, a organização clamava por equidade política entre sexos. Como o *People's Party* cresceu e começou a ganhar eleições municipais e estaduais, Lease e Emery – e o sufrágio feminino – continuaram como centrais. Sarah Emery tornou-se a editora da revista do partido, a *New Forum*. Na convenção do partido em Omaha, em 1892, Lease apoiou a candidatura presidencial de James Weaver. Mas o *People's Party* traiu Lease. A plataforma final, adotada no 4 de julho,

³⁴ “No action whatever as taken in regard to it, and Miss Anthony vexed the convention no more.”

³⁵ “Appropriates her work and her influence to its own purposes.”

incluiu uma introdução escrita por um fazendeiro do Minnesota, Ignatius Donnelly. A plataforma clamava pela cédula secreta, a posse estatal das ferrovias, um imposto de renda gradual e uma jornada de trabalho mais leve, assim como eleições diretas para o senado. O direito ao sufrágio para as mulheres não estava incluído nas demandas do partido.

O populismo entrou na política estadunidense no final do século XIX e nunca mais saiu. Isso marcou “o povo” como *todo mundo*, significando a *todos*, menos os ricos. O populismo era contrário às empresas, que lutavam no tribunal para serem compreendidas como *pessoas*. Entretanto, Lepore (2018) afirma que *o povo*, como o populismo definia, não incluía pessoas não-brancas que estavam lutando pelo reconhecimento da sua cidadania e que não tinham dinheiro para pagar os custos altos dos advogados para defende-los no tribunal.

Em 1895, o jornal de Joseph Pulitzer, *New York World*, apoiou a candidatura de Mary Lease à prefeitura de Wichita. Depois que ela perdeu e sua casa em Wichita foi tomada pelo banco por falta de pagamentos, ela decidiu se mudar para Nova Iorque, pois acreditava que era “o coração da América”³⁶ (LEPORE, 2018, p. 270).

Longe dali, Frederick Douglass estava escalado para discursar em 23 de agosto de 1893, na feira chamada de *Colored People’s Day*, ou Dia das Pessoas Negras. A exposição da Universidade da Columbia era segregada, não apenas pelas leis Jim Crow, que não chegavam ao território de Illinois, mas pela convenção racial, que estava espalhada pelo território estadunidense como uma doença. Douglass era o único afro-americano importante presente na convenção; todos eram brancos, até os guardas. Os únicos negros na convenção, exceto Douglass, eram os zeladores. Mas dizer que não haviam pessoas negras na feira é um erro: existiam, sim, negros. Eles estavam todos no Salão da Agricultura, velhos homens e mulheres negros, anteriormente escravizados, vendendo miniaturas de fardos de algodão, suvenires, enquanto outros eram expostos em uma vila africana falsa. Douglass escreveu que, “como se eles quisessem envergonhar os negros, [eles] exibiram o negro como um selvagem repulsivo”³⁷ (LEPORE, 2018, p. 276).

Em 1893, quando Wells foi para Chicago se encontrar com Frederick Douglass, na *Chicago World’s Fair*, eles decidiram almoçar juntos. Lepore (2018) nos conta que Wells gostaria de almoçar no restaurante do outro lado da rua, mas não tinha certeza se iria ser servida no local, afinal, apenas brancos eram autorizados. Os atendentes os encararam com surpresa, até que eles reconheceram Frederick Douglass. Pressionado por Ida B. Wells, Douglass, que

³⁶ “The heart of America.”

³⁷ “As if to shame the Negro, [they] exhibit the Negro as a repulsive savage.”

estava mais do que desejoso em condenar a feira, concordou em ajudar a escrever um texto introdutório para o panfleto intitulado *The Reason Why the Colored American Is Not in the Columbian Exposition*³⁸, no qual ele insistiu que qualquer representação verdadeira da nação teria que ser honesta e que, por mais que ele quisesse falar da história dos Estados Unidos com uma visão de progresso, a verdade era diferente.

De acordo com Lepore (2018, p. 278), Douglass ainda corroborou que

desde a escravidão até as leis Jim Crow, a história dos Estados Unidos envolve a necessidade de um discurso claro sobre os erros e ofensas sofridos, assim como os direitos garantidos em flagrante contradição com os valores de liberdade e civilização defendidos pelos republicanos americanos³⁹.

Por mais que Ida B. Wells tenha insistido no boicote do que ela chamou de *Tambo and Bones: Negro Day*, em uma clara referência aos menestréis⁴⁰ famosos na época, como visto na **figura 5**, Douglass decidiu manter o compromisso. Quando o dia chegou, ele se deparou com a feira enfeitada com melancias⁴¹ e brancos que estavam lá para atrapalhar o seu discurso. Segundo Lepore (2018, p. 278), Douglass disse que “homens falavam do ‘problema do negro’, mas que não existia nenhum ‘problema do negro’. O problema é se o povo americano tinha lealdade, honra e patriotismo o suficiente para viver a sua própria constituição”^{42, 43}.

³⁸ A razão pela qual americanos negros não estão na Exposição de Columbia.

³⁹ “Involves the necessary of plain speaking of wrongs and outrages endured, and of rights withheld in flagrant contradiction to boasted American Republican liberty and civilization.”

⁴⁰ Os menestréis eram homens brancos que, com maquiagem *blackface*, imitavam aos negros com um cunho racista, em shows que misturavam dança, música e variedades após a Guerra da Secessão.

⁴¹ A melancia tornou-se um objeto de chacota para os negros, desde que os shows dos menestréis tentavam associar a imagem do negro como uma figura que consumia apenas melancias e frango frito.

⁴² “Men talk of the Negro problem, [but] there is no Negro problem. The problem is whether the American people have loyalty enough, honor enough, patriotism enough, to live up to their own Constitution.” (tradução nossa)

⁴³ A autora diz que esse não foi o último discurso público de Frederick Douglass. Em 3 de setembro de 1894, quando Frederick Douglass estava adoecido, ele se deslocou de sua casa em Washington para discursar em Manassas, na Virgínia, em uma homenagem à uma escola técnica para crianças negras livres, uma escola que ensinava os fundamentos da construção civil. Dois anos depois, Douglass, com setenta e sete anos, sofreu um ataque cardíaco em meio a um jantar com a sua esposa, enquanto conversavam sobre a emancipação feminina. Ele havia passado o dia com Susan B. Anthony, em reuniões sobre o sufrágio feminino, uma de suas amigas mais próximas. Milhares de pessoas compareceram ao seu funeral.

Figura 5 – Menestrel.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

Algum tempo depois, Homer Plessy, um sapateiro de Nova Orleans que parecia branco, mas que sob as leis raciais de Louisiana era tecnicamente negro, foi preso por violar a Lei Jim Crow de 1880, que separava os vagões de trem entre brancos e negros. Homer Plessy resistiu a prisão para desafiar a lei de Louisiana. Em uma decisão por 7 contra 1, no julgamento *Plessy vs. Ferguson*, a Suprema Corte defendeu a decisão do tribunal, que dizia que as Leis Jim Crow não eram inconstitucionais, argumentando que o motto de separados mas iguais não, necessariamente, significavam acomodações desiguais. A 14ª emenda prometeu a todos os cidadãos proteção equânime pela lei. A votação majoritária no julgamento de Plessy mostrou que a separação e equidade eram ideias totalmente contraditórias.

Por mais que tentasse construir uma auréa de harmonia e empatia entre raças e gêneros, Gertrude Stein não conseguiu exprimir, em sua obra, o sentimento de insatisfação e indignação das mulheres para com as condições precárias vividas por elas, como também o clamor dos negros pelo reconhecimento de sua cidadania plena. É incompreensível que, após tanto linchamentos e assassinatos, Stein ainda emitisse opiniões tão controversas em suas obras, ainda mais depois de manifestações em nome da proteção estatal para mulheres e negros.

2.1.5 Movimentos migratórios e os direitos trabalhistas femininos

Gertrude Stein abordou com bastante ênfase em *Three Lives* (1909) a imigração para os Estados Unidos, por meio de muitas personagens de origem alemã que chegavam ao país em

busca de melhores condições de vida. Mesmo que seja uma temática relevante, Stein não priorizou analisar os movimentos migratórios dentro do próprio país. E ao focar na vida dessas imigrantes alemãs, Stein não abordou adequadamente a temática dos direitos trabalhistas femininos, presente em sua obra por meio dessas mesmas imigrantes, que trabalhavam como faxineiras e cozinheiras nas casas dos burgueses estadunidenses. Em “The Good Anna”, a jovem irmã de Sallie, uma garota alemã que trabalhava na casa de Miss Mathilda, recebia, semanalmente, 8 centavos por seu trabalho. Anna, a protagonista, chega a afirmar que o valor é ínfimo e que a remuneração deveria ser de 10 centavos.

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a industrialização promoveu, nos Estados Unidos, grande riqueza para poucos, prosperidade para a nação, produtos baratos para a classe média e miséria e anseios para muitos. Esses “muitos”, conforme Lepore (2018), eram muito mais numerosos do que antes, então falar do “povo” era o mesmo que falar da “massa”, os números crescentes dos pobres, dos abatidos e dos famintos.

Nos anos que sucederam as eleições de 1896, tudo parecia maior do que antes. Até mesmo os prédios eram maiores, de acordo com Lepore (2018). Grandes prédios que comportavam escritórios, grandes fábricas, grandes mansões, grandes museus. O ato de quantificar tornou-se apenas uma medida de valor. Havia grandes negócios, como os grandes brancos, as grandes ferrovias, as grandes empresas de petróleo. A *U. S. Steel*, a primeira empresa com o valor de um bilhão de dólares, foi fundada em 1901, consolidando mais de 2 mil empresas no ramo do ferro.

O progressismo tinha as suas raízes no populismo do século XIX. Porém, enquanto o populismo era apaixonado, o progressismo era a versão mais discreta, provinda da classe média: doméstica, quieta e sem paixão. A guerra que começou em Cuba em 1898, e que foi declarada nas Filipinas em 1902, piorou as condições para as pessoas negras nos Estados Unidos, que encararam, em casa, uma campanha terrorista. A retórica pós-guerra, preenchida por um discurso racial venenoso, apenas incitou o ódio racial no futuro. Segundo Lepore (2018, p. 286), o governador de Mississippi, em 1903, declarou que “se for necessário, todo negro do estado será linchado”⁴⁴.

Mark Twain chamou o linchamento de uma epidemia sangrenta de insanidades. Lepore (2018) determina que, por uma estimativa, alguém no Sul era enforcado ou queimado a cada quatro dias. A decisão do tribunal no julgamento *Plessy vs. Ferguson* determinou que não havia recurso legal para lutar contra a segregação, que crescia, mais brutal a cada ano. A

⁴⁴ “If it is necessary, every negro in the state will be lynched.”

discriminação, no entanto, não era limitada ao Sul. Cidades e condados do Norte e do Oeste aprovaram as leis de zonas racializadas, banindo os negros das comunidades de classe média. Em 1890, em Montana, os negros viviam em todos os 56 condados do estado, mas, em 1930, eles eram limitados a apenas onze. Em Baltimore, os negros não podiam comprar casas nos quarteirões onde os brancos eram maioria.

Na primavera de 1890, enquanto lecionava na Universidade de Atlanta, W. E. B. Du Bois estava andando da sua casa no *campus* para entregar, no escritório de um jornal da cidade, um artigo comedido sobre o linchamento de Sam Hose, um fazendeiro negro, quando ele viu, pendurado na janela de uma loja, as articulações dos dedos de Hose. Sam Hose foi desmembrado e queimado, tendo as partes de seu corpo sido vendidas como suvenires.

A Grande Migração foi o movimento em que milhares de negros do Sul mudaram-se para o Norte e para o Oeste. De acordo com Lepore (2018), antes da Grande Migração, 90% de todos os negros dos Estados Unidos viviam no Sul. Entre 1915 e 1918, 500 mil afro-americanos saíram de cidades como Milwaukee, Cleveland, Chicago, Los Angeles, Filadélfia e Detroit. Outros 1,3 milhões deixaram o Sul entre 1920 e 1930. No início da Segunda Guerra Mundial, 47% de todos os negros nos Estados Unidos viviam fora do Sul. Nas cidades que os receberam, eles construíram novas comunidades e novas organizações sociais.

Em 1909, em Nova Iorque, Du Bois ajudou a fundar a *National Association for the Advancement of Colored People* e, no outro ano, começou a editar uma revista mensal, a *The Crisis*, ou A Crise, explicando que o título surgiu da convicção de que era um tempo crítico para a história do avanço do Homem, uma crise de humanidade.

Progressistas brancos, que se apropriaram dos métodos científicos criados por Du Bois, fizeram-se de cegos para as Leis Jim Crow. Como os populistas antes deles, conforme Lepore (2018), quando os progressistas falavam da desigualdade, eles queriam falar da condição dos fazendeiros brancos e dos assalariados brancos, em relação aos empresários que os exploravam. Ainda que os progressistas não negassem que fossem influenciados pela luta da justiça racial, o jornalismo investigativo de Ida B. Wells, expondo o a política de linchamento nos Estados Unidos, tornou-se uma arma nas mãos dos mesmos.

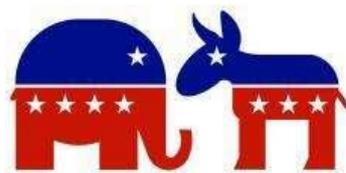
Em 1906, a Suprema Corte do Oregon aprovou a lei do trabalho feminino em dez horas diárias, que foi desafiada por um trabalhador de lavanderia chamado Curt Muller. Entre 1911 e 1920, leis que proporcionavam o descanso para as mulheres que eram mães e viúvas, por meio de pensões, foram aprovadas em 40 estados. Entre 1909 e 1917, as leis que determinavam a carga horária máxima para o trabalho feminino foram aprovadas em 39 estados. E entre 1912 e

1913, as leis para o salário mínimo feminino foram aprovadas em 15 estados, segundo Lepore (2018).

Porém, Lepore (2018) indica que os protecionistas, ou o grupo que defendia os direitos trabalhistas femininos, fizeram uma barganha considerada “faustiniana”, ou seja, praticamente um pacto com o diabo. As leis trabalhistas aprovadas, mencionadas anteriormente, provinham da ideia de que as mulheres não eram apenas dependentes dos homens, como também do estado. Se as mulheres nunca tivessem conquistados os direitos equânimes, diz a autora, essas leis que, supostamente, foram escritas para proteger as mulheres, certamente as impediriam de conquistar a emancipação política desejada.

Tendo lutado pelos seus direitos formalmente desde 1848, as mulheres conquistaram o direito ao voto em oito estados: Colorado, em 1893; Idaho e Utah, em 1896; Washington, em 1910; Califórnia, em 1911; Arizona, Kansas e Oregon, em 1912. As feministas começaram a lutar, a partir daí, por coisas além do sufrágio. A palavra *feminismo* entrou para o dicionário inglês em 1910, como uma geração de mulheres independentes, muitas universitárias, ou seja, mulheres educadas, *New Women*, ou Novas Mulheres, como eram chamadas. Esse grupo de mulheres lutou por direitos educacionais e oportunidades equânimes, assim como por métodos contraceptivos – um termo cunhado pelo primeiro jornal feminista, o *The Woman Rebel*, ou A mulher rebelde.

Figura 6 – Os símbolos dos partidos Democratas e Republicanos.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

Em 1892, e novamente em 1916, as sufragistas desfilaram nas ruas em cidades por todo o país, em organizações providas dos seios universitários, e mantiveram greves de fome para dar à causa um teor sério. Essas mulheres preservaram um modo de fazer política que provinha do passado, com broches e cartazes. Elas decoravam os elefantes, para representar os republicanos, e os burros, para representar os democratas, como visto na **figura 6**, com uniformes penitenciários. Elas voaram em balões e se vestiram de vermelho, branco e azul. As ativistas se fantasiavam de estátuas, como visto na **figura 7**, e desfilavam com correntes. As

feministas travaram uma Cruzada moral, ao estilo dos abolicionistas, mas, nas ruas, ao estilo dos democratas Jacksonianos.

Figura 7 – Florence Fleming Noyes como a Estátua da Liberdade.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

De acordo com Lepore (2018), Roosevelt, em uma campanha extraordinária pela democracia direta e pela justiça social, esperava ganhar a eleição pelo partido republicano ao apelar pelos votos das mulheres, mas, principalmente, valendo-se de outra reforma progressista: as primárias diretas, que nada mais eram do que as eleições preliminares em que os eleitores decidem os candidatos do seu partido. Treze estados já utilizavam das primárias diretas para decidir os seus candidatos; desses treze, Roosevelt ganhou em nove.

Assim como a cédula secreta, as primárias diretas eram parte progressista, parte apoiada nas Leis Jim Crow. Roosevelt precisavam ganhar nelas porque, na Convenção Nacional do Partido Republicano, ele não tinha chance real de ganhar o voto dos delegados negros. A razão disso é, simplesmente, porque o Partido Republicano não tinha o suporte dos brancos no Sul. Os únicos delegados sulistas eram negros, homens que foram indicados para cargos públicos pela administração de William Howard Taft, eleito em 1908. Roosevelt tentou, em vão, conquistar o apoio deles para a presidência, chegando a dizer que gostava da raça negra em um discurso para a Igreja Metodista Episcopal Africana, antes da convenção.

Depois que o Roosevelt perdeu as eleições primárias para William Howard Taft, ele fundou o Partido Progressista. Na convenção do Partido Progressista, houve um boicote à possibilidade de permitir que houvessem delegados negros no partido. Uma das apoiadoras de

Roosevelt, Lily Whites, chegou a dizer que o partido era para homens brancos (LEPORE, 2018).

Mas o Partido Progressista não era, de fato, um partido de homens brancos. Era, também, um partido de mulheres brancas. O partido novo de Roosevelt adotou o sufrágio feminino como um dos elementos de sua plataforma de governo e o próprio Roosevelt prometeu um cargo para Jane Addams em seu gabinete. Segundo Lepore (2018), Addams foi a segunda pessoa a discursar na convenção do Partido Progressista, depois de marchar no salão com uma bandeira escrito *Votes for Women*, ou Votos para as Mulheres. Retornando para o seu escritório, Jane Addams encontrou um telegrama de um editor negro de um jornal que dizia que “o sufrágio feminino estará maculado com o sangue negro, a menos que as mulheres neguem a aliança com Roosevelt” (LEPORE, 2018, p. 301)

Posteriormente, em 1913, quando no governo de Woodrow Wilson, a violência racial continuou, principalmente pela postura leniente do presidente Wilson. Como os outros progressistas, Wilson não apenas falhou em remediar a desigualdade racial, como ele a apoiou. James Weldon Johnson, da *National Association for the Advancement of Colored People*, escreveu que “houveram outros presidentes que alimentavam a mesma gama de sentimentos, mas o senhor Wilson mantém a inimaginável posição de ser o primeiro presidente dos Estados Unidos, desde a Emancipação, que condena e instiga o preconceito contra os negros” (LEPORE, 2018, p. 302). As Leis Jim Crow prosperaram porque, depois do fim da Reconstrução Negra, em 1877, os reformistas, que antes lutaram pela causa dos direitos civis para os negros, abandonaram-na para forjar a união entre os estados e o governo federal, assim como pela reunião do Norte e do Sul, pela discriminação racial.

Em “Melanctha” (1909), a segregação racial aparece com bastante sutileza. Em suas andanças, Melanctha tem como um de seus lugares favoritos em sua “estrada que conduz para a sabedoria”⁴⁵ (STEIN, 1933, p. 100) a ferrovia, onde ela encontra inúmeras homens, trabalhadores, que possam ensina-la os seus conhecimentos sobre a vida. Um desses homens, que o narrador apresenta apenas como um “grande, sério, melancólico, carregador marrom claro”⁴⁶ (STEIN, 1933, p. 98), compartilha com Melanctha o relato do dia em que quase foi assassinado por um branco bêbado.

Nas palavras do narrador, “ele contou como os homens brancos no extremo Sul tentaram mata-lo porque ele fez um deles, que estava bêbado e o chamou de nêgo (sic) maldito, e que se

⁴⁵ “Road that leads to wisdom.”

⁴⁶ “Big, serious, melancholy, light brown porter.”

negou a pagar por sua poltrona para um nêgo (sic), descer do trem entre as estações”⁴⁷ (STEIN, 1933, p. 99). Esse carregador temia voltar para o extremo Sul do país, em razão das ameaças de morte que recebeu dos homens brancos.

A ambientação proposta por Gertrude Stein em “Melanctha” (1909) ignora as condições reais de um país segregado e propõe uma serenidade harmoniosa no tratamento entre brancos e negros, como se não houvesse tensão ou segregação, como se todos os espaços fossem permitidos igualmente para ambas as raças. Fora essa minúscula ocorrência, a segregação racial é ignorada no resto da obra. Diferente de outras obras, não há a ameaça contínua de um linchamento ou da prisão por embriaguez. Os negros em “Melanctha” (1909) vivem em uma paz ingênua e contente, apenas aguardando as decisões que os brancos tomarão sobre as suas vidas.

Desse modo, após a exposição da Grande Migração Negra e dos avanços trabalhistas e civis para as mulheres, avançar-se-á para a análise das produções literárias do período, em busca de amostras que endossem a influência dos desdobramentos sociais sobre os autores e suas inspirações.

2.2 A influência das experiências sociais na produção artística europeia e estadunidense

O clima de confiança em meados do século XIX deveu muito à memorável expansão econômica e industrial da Europa do que foi chamado de “Railway Age”, ou Idade dos Trilhos. Um crescente número de europeus foram agraciados com a possibilidade de aproveitar, seja ao atual ou o antigo padrão de riqueza, e a maior variedade dos hábitos de consumo material. Assim como aos avanços em vários campos de comunicação e suprimento alimentar, sanitaria e de saúde, educação e literatura estavam unidos para criar a imagem ostensiva de *progresso* (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Conforme Atkin e Biddiss (2019, p. 83), “muito desse otimismo sobreviveu à virada do século”⁴⁸. Dessa forma, mesmo que o crescimento econômico tenha diminuído durante a recessão econômica, relativa ao período de 1873 a meados de 1890, certos países europeus, tais como Inglaterra e França, engajaram-se na corrida de expansão colonial, mais agressiva do que qualquer uma das anteriores da longa história da construção do império europeu. Foi esse

⁴⁷ “He told how the white men in the far South tried to kill him because he made one of them who was drunk and called him a damned nigger, and who refused to pay money for his chair to a nigger, get off the train between stations.”

⁴⁸ “Much of this optimism survived beyond the turn of the century.” (tradução nossa)

empenho imperialista que reforçou as crenças familiares sobre tecnologia e cultura europeia, assim como a hegemonia racial. (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Dentre os temores acerca das dinâmicas de mudança de paradigma da socialização das massas, estavam a violência associada ao anarquismo, socialismo e tendências nacionalistas, que desafiavam uma organização antiga das classes dominantes, que estavam localizadas em uma potencial corrida de armas destrutivas, tais como a bomba atômica (ATKIN E BIDDISS, 2009).

Entre os tópicos de grande interesse na Europa, estavam localizadas as ciências naturais, que não apenas alimentavam as perguntas pertinentes às suas próprias questões, mas, também, estendiam os seus métodos ao desenvolvimento de outras esferas. Na vanguarda da inovação, estavam os que questionavam o que poderia ser aprendido no modo de pensar das crianças, ou dos neuroatípicos (grupo de pessoas que apresentam transtornos mentais, tais como bipolaridade, depressão e personalidade limítrofe), ou daqueles vivendo no primitivismo e nas culturas exóticas, retratadas como formas externas de realidade, claramente expressas no âmbito intrapessoal. O último aspecto, todavia, era claramente vital no desenvolvimento dos métodos de *repensar* o que a arte, por si própria, poderia ser (ATKIN E BIDDISS, 2009).

O objetivo das tendências artísticas desenvolvidas na Europa era o de diminuir a desigualdade entre os consumidores de arte. De acordo com Abreu (2008), o Cubismo Literário apresenta um preciosismo na construção do significado pois a desconstrução da linguagem e sua subsequente ressignificação foram as maneiras que os escritores conseguiram demonstrar a sua genuína insatisfação com o que estava sendo produzido até o momento. A crítica Laura Riding Jackson (1986, p. 240 *apud* ABREU, 2008) ainda afirma que os cubistas atribuíram às palavras uma inexistência de valor intrínseco à palavra, portanto, as palavras e os seus significados não eram de interesse dos escritores.

Logo, a linguagem não era compreendida como uma forma de reproduzir a realidade, mas, sim, um elemento com energia própria que precisava ser extraída. Sobre isso, Stein afirmava ser a linguagem uma ferramenta de recreação intelectual e que, além de não ser possível duvidar disso, a linguagem viverá tanto quanto a humanidade (ABREU, 2008).

Além do desenvolvimento das vanguardas europeias, ainda havia uma clara resistência à produção literária feminina, como indica Virgínia Woolf no ensaio “A nota feminina na literatura”, publicado em 1905. Mesmo com a massiva produção literária feminina no período vitoriano, chegando a sobrepor a produção masculina do período (SPENCER, 1996), a crítica especializada resistia ao afirmar que mulheres não poderiam ser consideradas artistas (WOOLF, 2013), realizando boicote aos livros de autoria feminina.

A representação das mulheres em romances produzidos por homens é diferente daqueles escritos por mulheres, como observado nos romances *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e *Jude, The Obscure* (1895), de Thomas Hardy, que, separados por mais de quarenta anos, apresentam protagonistas antagônicas, no referente ao *status* conferido às mulheres, mesmo que ambas estejam em um patamar equânime no que concerne à condição financeira.

Posteriormente, Virgínia Woolf proporcionou aos leitores uma breve reflexão a respeito das aspirações de alteração do paradigma social vigente no século XX, quando torna a mulher protagonista de um romance intitulado com um nome masculino, *Orlando* (1928). De acordo com a autora, “a escrita de uma mulher é sempre feminina; não pode deixar de ser feminina; nos melhores casos, é extremamente feminina: o único problema é definir o que queremos dizer com feminina” (WOOLF, 2013, p. 29), o que induz ao questionamento de se as produções femininas abordam apenas a questão de gênero.

A Europa também testemunhou as produções literárias voltadas ou ao fantástico ou às condições exóticas antes relatadas apenas em diários de bordo dos exploradores quando do processo de expansão colonial. Dentre essas obras, *Frankenstein* (1823), de Mary Shelley, que expõe o sentimento de onipotência do colonizador europeu ao, não apenas dominar, mas, também, ao criar o que é antinatural, podendo essa ser uma alegoria à dominância europeia aos povos colonizados. Em Portugal, *Os Maias* (1875) aborda a vergonha que traria a famílias aristocratas a união, por meio do casamento, com famílias que fizeram a sua fortuna a partir do tráfico negro. Anos mais tarde, *Heart of Darkness* (1902), de Joseph Conrad, e *Der afrikanse Farm* (1937), de Isak Diniesen, puderam apresentar as consequências da colonização na organização social dos africanos colonizados, sendo esses caracterizados como criaturas leais, ingênuas e infantis, que se propunham a defender os seus colonizadores.

Nos Estados Unidos, conforme Remini (2009), mesmo que a produção literária sulista não tenha produzido obras-primas comparáveis àquelas nortistas, muitos dos autores sulistas produziram trabalhos de interesse e valor similares. Porém, como argumentou William Gilmore Simms, “o Sul não dá a mínima para literatura e arte”⁴⁹. O povo sulista estava mais preocupado em alcançar o Norte na corrida pela industrialização, na qual o período da Reconstrução em muito *atrapalhou* a população acostumada a mão-de-obra escravizada barata; além do mais, a educação não havia se desenvolvido lá como no Norte, pela economia agrícola e escravagista.

Como consequência, a produção literária estadunidense, do final do século XIX ao início do século XX, dividiu-se em duas vertentes. A primeira vertente tratava de romantizar a

⁴⁹ “The South don’t give a d-d for literature or art.” (tradução nossa)

escravidão, tornando-a aceitável por meio da amizade inter-racial entre escravizado e escravizador; afinal, “os tipos de personagens negros frequentemente vistos na literatura dominante no início do século XX [eram algo] como ‘escravo contente’ ou ‘livre miserável’” (COLEMAN, 2019, p. 39). Isso pode ser observado em romances como *Uncle Tom’s Cabin* (1852), *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884) e *Gone with the Wind* (1936). A segunda vertente propunha o conflito racial no seio familiar, como aponta Morrison (2019, p. 67), tornando “[repulsivas] as relações carnis mútuas entre as raças”, como *The Sound and the Fury* (1929), *Go Down, Moses* (1942) de William Faulkner e *To Kill a Mockingbird* (1960) de Harper Lee.

Essa divisão ocorreu, como aponta Morrison (2019), em decorrência do papel do colorismo, não apenas na literatura, mas na sociedade estadunidense. Caso fossem observadas as leis dos estados sulistas, por exemplo, onde, normalmente, as produções literárias eram ambientadas, haviam leis de cor que proibiam a interação inter-racial. Por um lado, relações carnis eram proibidas, enquanto que, por outro, relações de submissão eram estimuladas.

É relevante destacar, porém, que a produção de H. P. Lovecraft (1890) foi, notoriamente, baseada em estereótipos raciais, não apenas demonstrando uma fobia aos negros, mas, também, a qualquer grupo que não compusesse o padrão anglo-saxão. Nas notas da antologia *Medo Clássico*, Ramon Mapa indica que “o ódio de raça é um elemento fundamental na prosa lovecraftiana, pois, basicamente, seus monstros e aberrações são a representação de seus temores e fobias de raça” (LOVECRAFT, 2017, p. 67). Isso pode ser exemplificado com as descrições do boxeador negro morto no ringue e utilizados nos experimentos do médico sádico em *Herbert West Reanimator* (1922), quando o narrador chega a alcunhá-lo como “simiesco” e “bestial”.

No que concerne ao feminino, observa-se uma forte tendência ou ao anonimato das protagonistas ou a caracterização das mulheres como insípidas e fracas. Nesse aspecto, destacam-se as obras de Henry James, *Washington Square* (1880), que apresenta uma herdeira com um pai dominador, que acaba por tomar a sua herança na tentativa de evitar um casamento malsucedido, e *The Turn of the Screw* (1898), popularizada pelo anonimato de sua protagonista. A narrativa da última obra revela não apenas as questões de classe que rondavam o imaginário da classe média, como também o apagamento das mulheres que exerciam as funções de preceptoras e governantas.

A tendência para a representação da mulher como insípida aparece também em uma de suas obras mais famosas, *The Portrait of a Lady* (1881), com a personagem de Isabel Archer, uma garota simplória dos Estados Unidos que ganha uma herança e vê-se repentinamente

enredada nas tramoias da vida da sociedade inglesa, como casamentos arranjados por conveniência e segredos de cunho moral duvidoso, como é o caso do relacionamento extraconjugal entre Madame Merle e Gilbert Osmond, o futuro marido de Isabel. Desse relacionamento resultou uma filha, Pansy, que é forçada a casar-se com um ex pretendente de Isabel, Lorde Warburton.

Ambas as mulheres que tem a vida determinada por um casamento, Isabel e Pansy, são caracterizadas como de caráter dúbio, sempre confusas por questões morais; Isabel não queria casar-se por dinheiro e decidiu arruinar-se, de forma inconsciente, ao escolher como marido um homem pobre, para quem desejava doar-se; Pansy é extremamente devotada ao pai, por acreditar que a mãe está morta e que ele é tudo o que lhe resta. Ela decide se casar com Lorde Warburton após o pai trancafiá-la em um convento, para decidir, com a clausura, se valia a pena desobedecer ao próprio pai.

Na contramão a essa tendência, em meados do século XIX, a publicação de *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861), da alforriada Harriet Ann Jacobs, permitiu que as denúncias aos horrores da escravidão fossem realizadas diretamente do punho da vítima. Posteriormente, a produção literária de Charlotte Perkins Gilman, autora de “The Yellow Wallpaper” (1892) e *Herland* (1915), foi definitiva para abordar a questão de gênero no país, sendo a primeira obra uma denúncia às barbáries cometidas contra mulheres em instalações médicas que julgavam tratar casos de insanidade; a segunda obra, porém, envereda pelos caminhos da utopia e imagina um mundo dominado pelas mulheres.

Observa-se que o período histórico influenciou na simbologia das produções literárias nos Estados Unidos e na Europa, espelhando as situações rotineiras e cotidianas como grandes marcos envoltos de críticas. O fantástico fica a cargo de representar a vida do colonizador nas colônias, o contato do cristão com o ancestral, as dificuldades de assimilação do que não é Ocidental; posteriormente, quando esse ancestral fica restrito às relações entre escravizado e escravizador, mesmo que ocidentalizado, continua a ser combatido como um comportamento danoso. O Outro é construído como o *estranho*, enquanto o *status quo* branco e cristão, no século XIX e no início do século XX, utiliza o espaço existente na literatura para combatê-lo.

Desse modo, após a exposição de obras que apresentam as referencialidades históricas como parte determinante das narrativas literárias, poder-se-á investigar como as relações de gênero são recriadas na obra de Gertrude Stein. Antes disso, porém, no próximo capítulo, apresentaremos a subjetividade da mulher negra por meio das relações inter-raciais e de gênero.

3 MULHERES NEGRAS: SUBJETIVIDADE, CORPO E RELAÇÕES DE GÊNERO

Para Davis (2016, p. 123), “a última década do século XIX foi um momento crítico para o desenvolvimento do racismo moderno – seus principais pilares institucionais e as justificativas ideológicas concomitantes”. Após o definitivo rompimento entre mulheres brancas e homens negros com o resultado do sufrágio do homem negro, ou seja, a luta pelo direito do voto do homem negro, o ódio à raça e às mulheres afirmou-se ainda mais, principalmente pelas leis Jim Crow, mas especificamente pela construção de mitos e estereótipos racialmente posicionados. Segundo McCauley (1996), a narrativa de que mulheres negras são devassas sexuais tem sido a principal justificativa na ideologia dos sistemas de racismo e sexismo, e o conseguinte desenvolvimento histórico da representação das mulheres negras como animais, adoecidas e permissivas, o que contribui para a subordinação da mulher negra.

A fundação racial dos Estados Unidos remonta a meados do século XVI, quando quatro fatores estruturaram o olhar inglês a respeito dos africanos enquanto escravizados. McCauley (1996, p. 6), aponta em primeiro lugar, a cor da pele dos africanos que foi vista de forma negativa desde o princípio. A autora comenta que o conceito de negritude era equivalente ao pecado e sensualismo, assim como antônimo da branquidade. Enquanto “a Branquidade simbolizava pureza, virgindade, virtude, beleza, bondade e Deus, Negritude conotava sensualismo, pecado, baixeza, feiura, mau e o Diabo”⁵⁰. Em segundo lugar, a autora pontua que os africanos eram considerados inferiores e incivilizados. Por isso, no século XVII, o intenso envolvimento no tráfico negreiro era justificado como serviço missionário. Como uma ideia complementar, em terceiro lugar, o africano era visto como uma besta selvagem, com os ingleses associando-os à macacos – uma imagem tão bem fixada que é presente até nos dias atuais. Por último, a aparente potência sexual dos africanos era associada ao animalesco.

Devido a esses fatores, mulheres negras eram diferenciadas das mulheres brancas, no aspecto sexual. Enquanto as mulheres negras eram tratadas como imorais e promíscuas, as mulheres brancas eram alçadas ao posto de imaculadas. O mito que McCauley (1996) chama de “negro super-sexual” foi construído sobre a imagem da própria sociedade inglesa do período, que era sexualmente reprimida.

⁵⁰ “‘Whiteness’ symbolized purity, virginity, virtue, beauty, beneficence and God, ‘Blackness’ connoted fithiness, sin, baseness, ugliness, evil and the devil.” (tradução nossa)

Dessa forma, esse capítulo tratará da construção das representações da mulher negra na sociedade estadunidense, com um recorte histórico que abrange das últimas décadas do século XIX até 1915, em razão do período vivido por Gertrude Stein e que influenciou na produção de “Melanctha” (1909).

O presente capítulo se dividirá em três seções: na primeira, “A construção da mulher no século XX: perspectivas sociais”, no que serão abordadas as pautas feministas do período. Na segunda seção, “A questão negra: mecanismos de racialização”, serão discutidos os pilares da Negritude e formas de resistência do grupo no período. Na terceira seção, “A mulheridade negra: política antimulher e representação”, será discorrido desde as ferramentas de opressão na escravidão até a simbologia racista e sexista que servem como mecanismos de manutenção do sistema racial e patriarcal sobre os corpos das mulheres negras. Será também discutido acerca das relações de gênero, sendo analisado o percurso racial de relações entre homens brancos e mulheres negras, assim como entre mulheres negras e homens negros.

3.1 A construção da mulher do século XX: perspectivas sociais

Para Almeida (2013), o século XX definiu a representação feminina conforme as formulações do Positivismo e do Higienismo do século XIX. De acordo com essa imagética, as mulheres eram associadas a inúmeras responsabilidades, dentre elas, a preservação da família e da moral cristã; as mulheres eram consideradas possuidoras de atributos como a pureza, a bondade e a submissão, e a figura feminina era exaltada como generosa e meiga. O futuro da Pátria e da família estava em suas mãos.

A autora ainda corrobora que, mesmo com o forte discurso a respeito da pureza feminina e das qualidades morais que a mulher deveria ter, havia a ambiguidade de considerá-las as preservadoras da raça, condenando, simultaneamente, qualquer ideia de sexualidade, independente se ligada à ideia de reprodução da espécie ou não. Enquanto às mulheres é exigido uma postura de preservadoras das raças, elas também são condenadas ao se tornarem sexualmente ativas, sendo este papel determinante para o status social feminino. Às mulheres é destinado o local da maternidade, o que sugere a necessidade de relações carnis para tornarem-se mães.

As representações ambíguas, de provedora santificada à prostituta condenável, provêm da cultura europeia dos séculos XVIII e XIX, que produziram uma quantidade inédita de discursos, que, de acordo com Kehl (2008, p. 48), tinham como objetivo “promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições

denominados ‘feminilidade’”. Logo, a partir desses discursos, os sujeitos seriam definidos por meio de sua anatomia e vicissitudes, o que entra em contradição com a ideia corrente no período de que a “natureza feminina” precisaria ser contida pela sociedade e pela educação, para que as mulheres pudessem cumprir o suposto destino ao qual estariam designadas naturalmente, ou seja, ao matrimônio e à maternidade.

Para Kehl (2008, p. 48), a feminilidade, naquele período, poderia ser definida como um “conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora”. Portanto, às mulheres era designado um único lugar social – ao espaço familiar e doméstico –, destinando-as ao papel materno e excluindo-as enquanto seres subjetivos.

Segundo Butler (2017), “a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos”. No século XIX, as virtudes próprias da feminilidade, de acordo com os teóricos homens vigentes no período, envolviam o recato, a docilidade, a permissividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, posteriormente, dos filhos. A representação da mulher enquanto mãe, para Almeida (2013), reflete o modelo arquetípico exaltado pela Igreja Católica, da mulher que é mãe e virgem, isenta dos pecados das relações sexuais.

Como consequência desse modelo que preservava os estereótipos de feminilidade cristãos, ocorreu a exclusão das mulheres dos espaços de protagonismo social, por haver a valorização destas apenas no papel doméstico, no espaço privado dos lares, com o desempenho da maternidade. A mulher, de acordo com Almeida (2013), passou a ser a responsável pela educação de seus filhos, enquanto os seus maridos ocupavam os espaços públicos, sendo reconhecidos por sua presença e atividade social.

Sobre os seus estudos acerca do papel da mulher na sociedade do século XIX, Fuller (1994) comenta que a insistência das mulheres em conquistar a sua independência não reside no ódio aos seus cônjuges ou à domesticidade do lar, mas, sim, à ideia de que a devoção excessiva feminina esfria as relações homem-mulher, degrada os casamentos e impede os sexos de agir de forma autônoma e independente. A autora ainda comenta que “esse é o grande defeito do casamento, esse de que a mulher pertence ao homem, ao invés de formar um todo com ele (FULLER, 1994, p. 119).

Para Kehl (2008), foi a intensa produção teórica nos séculos XVIII e XIX a responsável pela fixação dos estereótipos femininos envolvendo a suposta natureza feminina e adequação comportamental que toda e cada mulher deveria ter. A autora corrobora que “na sociedade moderna [são necessárias] novas condições de desestabilização da relação entre as mulheres e

as formações sociais fundadas na diferença das funções reprodutivas, masculina e feminina” (KEHL, 2008, p. 58).

Segundo a autora, Rousseau, com a publicação de seu *Contrato Social* (1762), foi um dos principais responsáveis pela criação do ideal do casamento por amor, respeitando a liberdade dos cônjuges e a busca da felicidade compartilhada; foi também responsável pela definição da representação feminina como maternal, ao publicar *Émile*, em 1762. Na história, Sofia, esposa de Émile, é uma mulher virtuosa e dedicada que deseja o melhor para o seu esposo, abnegando-se e tratando-o praticamente como uma criança.

Ainda segundo Rousseau (1762 *apud* KEHL, 2008), é fundamental que a educação feminina seja voltada para a vergonha e para o pudor, para que as relações conjugais sejam equilibradas. Kehl (2008, p. 59) explica que “a razão é convocada a dominar os excessos próprios da natureza que dotou as mulheres de uma voracidade sexual que os homens não são capazes de satisfazer”. Logo, as mulheres deveriam manter a vergonha e o pudor para que o excesso de suas necessidades carnis não fossem um obstáculo para a preservação do casamento e da fidelidade conjugal.

Sobre isso, Federici (2017, p. 34) explica que “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens”. Sendo assim, a distinção sexual determina a posição da mulher enquanto indivíduo, como procriadora e responsável pela manutenção da família.

Por sua vez, Butler (2017) desenvolve essas considerações ao afirmar que “a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e exclusão” e, enquanto que no século XIX a mulher era caracterizada como um sujeito no entre-lugar entre a natureza e a cultura, caracterizada pelos seus desejos ilimitados e por um pudor que seria capaz de contê-los, elas, porém, eram caracterizadas como seres com pouca instrução ou razão para isto. Ou seja, apenas a razão masculina poderia pôr em prática o pudor feminino, seja pela educação, seja pela contenção matrimonial, contendo os excessos sexuais destas.

No período, de acordo com Kehl (2008), os papéis de gênero definiam o seguinte:

As mulheres devem ser educadas para se tornar recatadas e resistentes ao sexo de modo a sustentar com seu negaceio, a virilidade dos parceiros; frágeis e desprotegidas para mobilizar neles a força, a potência, o desejo de proteção; submissas e modestas para melhor governar a casa e a família (KEHL, 2008, p. 61).

Dessa forma, as mulheres deveriam ser reprimidas sexualmente para que agissem racionalmente e, com isso, oferecer uma ponte entre sexos, permitindo ao homem toda a liberdade sexual e falta de participação quanto aos assuntos domésticos, deixados aos cuidados da esposa. Porém, independentemente de suas atividades de chefia doméstica, as esposas ainda deveriam preservar uma postura cálida e meiga, para que suas ações mais incisivas não chocassem aos seus maridos, permitindo à sociedade burguesa a criação da representação do homem líder de família – que, na prática, não ajuda em nada, deixando o trabalho duro para as suas esposas. De acordo com Butler (2017, p. 18), “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”.

Devido aos papéis de gênero designados pela sociedade para as mulheres ao longo do século XIX, as ideias que influenciavam o discurso das elites intelectuais no século XX disseminavam e reforçavam o papel doméstico das mulheres, considerando desnecessárias as necessidades educacionais femininas, eliminando-as, de acordo com Almeida (2013), tema que será aprofundado no capítulo 3.

No período investigado as experiências comuns ao sexo feminino eram interpretadas sob o escrutínio da vivência masculina, tendo os paradigmas estabelecidos a partir das relações de gênero como parâmetro de análise. Para Almeida (2013), a alteridade, a capacidade de colocar-se no local do Outro, dependia da escala axiológica que estabelecia a submissão feminina por meio de comportamentos sociais divididos entre toleráveis e intoleráveis, deixando estes últimos para as mulheres proscritas do convívio social das pessoas de suposta boa índole, ou seja, que obedeciam esse sistema de regras.

Para isso, ainda segundo a autora, as mulheres precisariam obedecer a um rigoroso sistema de valores sociais, dentre eles, eximir-se de estudar ou trabalhar, afinal, “a intenção de que as mulheres permanecessem nos lares possuía como principal argumento a certeza da desagregação da família” (ALMEIDA, 2013, p. 191). Então, além de não poderem exercer qualquer função no âmbito público, que não a materna, as mulheres ainda deveriam tornar-se responsáveis pela manutenção da casa e educação integral dos filhos em idade pré-escolar.

Segundo Almeida (2013), o trabalho feminino não era apenas boicotado em razão de retirar as mulheres do espaço sagrado do lar, mas, mais acentuadamente, pelo perigo delas alcançarem a independência financeira representava para o convívio doméstico. A maior ameaça que a independência financeira feminina representava seria a suposta possibilidade de tornar-se a razão pelo decréscimo no número de matrimônios e, conseqüentemente, na limitação ou total eliminação do número de filhos, como ocorrido com Gertrude Stein. A sua enorme

fortuna, acessível em tenra idade, permitiu-lhe a autonomia de declarar-se lésbica em uma sociedade de costumes e crenças homofóbicas.

A outra possibilidade, de acordo com a autora, seria a plenitude e a satisfação que uma mulher solteira poderia sentir por meio da autonomia financeira, o que a tornaria resistente ao casamento. Para Almeida (2013), os homens bem-sucedidos faziam o caminho inverso, apenas aguardando uma boa promoção no trabalho para casar. A autora ainda comenta que a limitação no número de filhos não era uma preocupação masculina, sendo este um controle que sempre partia das mulheres, representando essa decisão como um risco para os países que necessitavam de homens fortes para o combate ou para o trabalho.

As expectativas sobre a felicidade feminina no século XIX envolviam um casamento em uma idade jovem, gravidez compulsória de múltiplos rebentos, satisfação conjugal, mesmo que o parceiro a traísse ou mantivesse relações com prostitutas, enquanto que, para os homens, não havia a pressão para se casarem – muitos só se casavam na faixa dos 30 anos, ainda considerados “garotões” – e a única expectativa real envolvia o nascimento de seus filhos, que deveriam ser varões para preservar o nome da família. Portanto, no início do século XX, as expectativas sobre as mulheres permaneceram as mesmas, independente da luta feminista que crescia progressivamente, fomentada ainda no século XIX, desde que a alteridade provinha do olhar do homem sobre a mulher (FEDERICI, 2017).

As representações “femininas” eram construídas como um reflexo do poder vigente no período, desde antes, no feudalismo, quando as crianças passaram a ter o valor de trabalho e, assim, as mulheres passaram a ser consideradas instrumentos de reprodução e a serem separadas por esposas, com quem os homens poderiam se reproduzir, e amantes ou prostitutas, com quem eles se deitavam para divertirem-se.

Enquanto o casamento era visto como “a regulamentação das relações sexuais entre os homens e as mulheres” (ALMEIDA, 2013, p. 192), não houve uma ideia de ação positiva que celebrasse a igualdade entre os sexos, mas, sim, a discriminação explícita por meio de imagens disfarçadas de um papel social relevante desempenhado por elas. Essas imagens nada mais eram do que ferramentas de opressão e segregação, estereótipos preservados até os dias atuais.

Para Butler (2017, p. 31), “o sexo feminino constitui aquilo que não se pode restringir nem designar. As mulheres são o sexo que não é ‘uno’, mas múltiplo”, o que permite a estas o desempenho da maternidade, da solteirice, ou do papel social que melhor se encaixar na personalidade feminina borbulhante e em constante mudança.

No início do século XX, herdando os valores sócio-culturais do século XIX, surgiu um novo mecanismo de subalternização feminina: a psicanálise. Por meio desta, os anseios e

reclamações femininas foram considerados *histeria*, aprisionando centenas de mulheres em hospícios, por não comportarem-se conforme exigido pelo *status quo* do período. Gertrude Stein, em sua breve e tumultuada vida acadêmica, foi influenciada pelos estudos de William James, seu professor e amigo, enquanto cursou Psicologia em Radcliffe. Não obstante, em “Melanctha” (1909), a protagonista tem o seu fim em um sanatório público, após contrair tuberculose.

3.1.1 O histerismo freudiano e as consequências para as mulheres

Por volta do século XIX, uma série de ideias de teor médico, filosófico e moral, determinavam a essência da diferença entre o masculino e o feminino. Por meio dessas ideias, entrou-se em um consenso a respeito das distribuições sociais entre homens e mulheres, que, supostamente, obedeciam às disposições naturais dos sexos que, em teoria, possuíam naturezas distintas.

Conforme Almeida (2012), a cultura europeia foi responsável pela produção de discursos que promoviam uma adequação entre as mulheres e um grupo de atributos, predicados, funções e restrições, que passou a ser denominado *feminilidade*, um conjunto de paradigmas que passou a tentar definir a natureza das mulheres. Com isso, foram determinadas as virtudes oriundas da feminilidade, como o recato, a docilidade e a afetividade afluída, como também a *receptividade passiva* quanto a relação dos desejos e necessidades masculinos e, posteriormente, dos filhos.

Como consequência, a figura da mulher passou a ser intimamente ligada com a ideia da maternidade, conduzindo e atrelando o erotismo feminino ao atributo materno. No período, havia a crença de que a natureza feminina precisava ser domada pela sociedade e pela educação, como uma forma das mulheres cumprirem o seu destino como anjos dos lares, como esposas, e mães. Desse modo, foi gerada uma pressão social, provenientes dos maridos, pais e educadores, para que as mulheres fossem mantidas como seres inocentes sexualmente, assim como socialmente maleáveis.

A tradição cristã em muito influenciou, durante o século XIX, na criação do paradoxo da feminilidade, que comporta a maternidade e o próprio desejo sexual no indivíduo mulher. Sendo assim, o erotismo feminino foi esvaziado de virtude e, conseqüentemente, estigmatizado como um comportamento negativo. Para a ética cristã, o ato sexual deveria ser restrito para fins reprodutivos, silenciando qualquer possibilidade de gozo do corpo feminino fora desse lugar, segundo Almeida (2012).

Esse comportamento passivo e permissivo, a posição da mulher enquanto mantenedora da ordem e da harmonia doméstica, gerou duas formas de alienação: a primeira, quando do afastamento feminino da esfera social, determinou um distanciamento das lutas de poder que viriam de definir os seus próprios destinos. Quanto a isso, Kehl (2008, p. 16 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 30) indica que “sem acesso ao poder político, as mulheres não teriam meios de garantir os outros direitos fundamentais para se tornar sujeitos de suas próprias histórias”. A segunda forma de alienação, subjetiva, acarretou na renúncia da apropriação de um elemento falocêntrico, a própria fala. No ato de se silenciarem, as mulheres deixaram de participar das “grandes tarefas da cultura”, como vinha a chamar Freud os atos políticos e sociais em prol dos direitos individuais, tornando-se, assim, socialmente invisíveis.

Logo, as mulheres foram subjugadas a uma posição de *feminilidade*, criada pelo próprio discurso masculino e burguês da época. Foi essa mesma feminilidade que, quando em crise, ainda no século XIX, forjou o que seria conhecido como *histeria*, como uma forma determinante de expressar um sofrimento psíquico. Por meio da limitação social do corpo feminino, assim como de sua sexualidade e vida, as mulheres encontraram nos sintomas históricos uma maneira de dramatizar o seu protesto e sua insatisfação, de acordo com Almeida (2012).

Para Almeida (2012), a partir do comportamento dessas mulheres, uma espécie de sintomalogia de conversão, com que se deparou em seu consultório, Sigmund Freud desenvolveu o alicerce fundamental para o método e o pensamento psicanalítico, em seu livro *Estudos sobre a Histeria* (1895), no que ele aprofunda a pesquisa que aponta que o confronto com o desejo das mulheres indicava uma sexualidade em ebulição e, dessa forma, pôs em questão a suposta passividade feminina.

Segundo a autora, Freud desenvolve as suas hipóteses sobre a sexualidade feminina no decorrer de toda a sua obra, tendo como destaque dois momentos de extrema relevância: o primeiro, no intervalo de 1905 à 1920, quando aborda as concepções iniciais sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil, e no que a sexualidade da mulher é limitada pelo modelo sexual masculino, sendo essa fase intitulada como *monismo sexual*; o segundo momento, do período de 1924 à 1925, no qual Freud tenta atribuir à sexualidade feminina uma especificidade própria, é chamada de *o devir feminino*.

Com o livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Almeida (2012) destaca que Freud desenvolve o conceito de pulsão sexual como distinto do instinto. Em um discurso que a autora caracteriza como revolucionário, Freud enuncia uma gama de proposições consideradas chocantes para o período, como a existência da sexualidade infantil, caracterizada

por ele como autoerótica⁵¹ e perversa polimorfa⁵², desde que a criança utiliza qualquer parte do corpo como objeto sexual; outro conceito é o da sexualidade fora da esfera da procriação, com a finalidade única do prazer; e o que Freud chamou de pulsão sexual inaugurante como pulsão parcial, caracterizada como múltipla e variada, utilizando como instrumentos os mais diferentes objetos que causem prazer, dissociando-os da genitalidade e da reprodução.

A autora ainda acrescenta que Freud diferencia-se dos psiquiatras da época por não considerar as *aberrações sexuais* como provenientes da degenerescência ou da hereditariedade. Para ele, as perversões nada mais são do que constituintes da sexualidade humana, não sendo fenômenos anormais. Com isso, o conceito de pulsão de Freud, por meio de seus estudos, coloca a questão do prazer como a problemática central da sexualidade, saindo do âmbito da biologia para o das representações psíquicas, como afirma Almeida (2012).

Mesmo que, para o período, as ideias de Freud pudessem ser consideradas inovadoras, quando tratava-se da sexualidade feminina, o psicanalista ainda baseava-se no pensamento dominante do século XIX, conseqüentemente, reforçando os papéis de gênero e usando-os para justificar a diferença anatômica entre sexos. Em sua obra, Freud propõe duas formulações fundamentais para a compreensão da sexualidade humana, sendo a primeira a crença de uma bissexualidade inerente às manifestações sexuais observadas nos homens e nas mulheres; a segunda é a tese de uma libido única, de essência masculina, em que o psicanalista afirma haver apenas um sexo, o masculino (ALMEIDA, 2012).

Segundo Almeida (2012), Freud constrói a base da sua concepção de feminilidade em cima de um monismo sexual de dois sexos, ou seja, na crença de que havia apenas uma libido para os dois sexos. A autora aponta alguns paradoxos na obra de Freud acerca da feminilidade, como os três aspectos da sexualidade feminina em comparação com a sexualidade masculina, sendo estes, a anatomia, com a zona erógena feminina no clitóris e, a masculina, no pênis; pela pulsão, de essência ativa e masculina, presentes nas meninas e nos meninos por meio da masturbação; e pela teoria que estipula que todos os seres humanos têm pênis, sendo o da menina um pênis minúsculo, o clitóris.

Em um outro momento, Freud postula a essência passiva no feminino, propondo que as pulsões parciais sempre estiveram presentes, só que de forma passiva, nas meninas. A partir disso, o psicanalista indica que as pulsões e comportamentos ativos em meninas nada mais são do que sinais de masculinidade, considerando o clitóris como uma marca de masculinidade no

⁵¹ É a prática de se tornar sexualmente estimulado através de estímulos internos.

⁵² Conceito psicanalítico que propõe a capacidade de obter gratificação sexual fora dos comportamentos sexuais socialmente normativos.

corpo feminino, atribuindo à libido, que se configura como uma energia sexual ativa, um caráter masculino (ALMEIDA, 2012).

Sobre as contradições nas formulações de Freud acerca da sexualidade feminina, Almeida (2012) indica que, ao mesmo tempo em que as mulheres passaram a ser consideradas masculinas por natureza, também seriam femininas por essência. A autora corrobora que era como se Freud acreditasse que o sexo feminino estava possuído por uma masculinidade considerada estranha.

De acordo com Almeida (2012), em 1924, com o artigo *A dissolução do complexo de Édipo*, pela primeira vez, Freud dá destaque às diferentes trajetórias no desenvolvimento da sexualidade masculina e feminina. Segundo a autora, para o menino, o declínio do complexo de Édipo⁵³, logo representando a destruição fálica infantil, só ocorrerá com a ameaça da castração, em que o menino vivencia os desejos libidinosos direcionados à mãe e o interesse narcísico direcionado ao seu próprio pênis. Inicialmente, o menino não dá a mínima à ameaça da castração, porém, com a observação dos genitais femininos, é que ele passa a temer a castração. Com isso, o menino abandona os desejos edipianos.

O complexo da castração na menina é despertado pela visão do pênis nos meninos, o que acarretará em um sentimento de inferioridade, o que estimulará a menina a compensar a falta pela inveja do pênis. Nesse momento, o complexo da castração induz a menina a voltar-se para o pai, em uma tentativa de substituir o pênis, desejando ter um filho do próprio pai. Esse desejo, de ter um filho do pai, é o promotor do Édipo feminino. Quando a menina percebe que esse desejo, dificilmente, irá se concretizar, o complexo de Édipo feminino é paulatinamente abandonado (ALMEIDA, 2012).

Conforme Almeida (2012, p. 34), a vida sexual das mulheres, no período, estava delegada à obscuridade, o que induziu Freud a, múltiplas vezes, deduzir que a psicologia das mulheres poderia ser considerada análoga à dos homens. Porém, ainda segundo a autora, independente disso, Freud sempre destacou o “caráter inacabado ou mesmo de suposição de suas explorações a respeito desta questão e sua ‘urgente necessidade de confirmação’”. Com isso, gerou a questão de que, nas meninas, o complexo de Édipo afeta as suas relações com a mãe, mas por que os meninos retêm o mesmo objeto em seu complexo de Édipo?

A autora comenta que, na fase fálica, as meninas estão aptas a fazer uma descoberta fantástica, que o seu irmãozinho ou companheiro de brincadeiras tem um pênis muito maior do que o seu minúsculo clitóris, o que, conseqüentemente, leva à inveja do pênis. A autora indica

⁵³ Teoria criada por Freud, baseada na tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*, que designa um conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino, ainda criança, experimenta com relação a sua mãe.

que Freud sintetiza esse momento em uma única frase “ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1996, p. 281 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 34). Para o psicanalista, se a inveja do pênis não puder ser absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, pode gerar várias consequências, dentre elas, um sentimento de inferioridade na mulher, que pode persistir e tornar-se um traço característico de ciúme; outra consequência é o afastamento da relação afetiva com a mãe, uma vez que a menina passa a considerá-la responsável por botá-la no mundo sem um pênis; por fim, a abolição da masturbação clitoridiana, que é considerada uma atividade ligada à virilidade, constituindo a precondição necessária para a construção da feminilidade.

O psicanalista continua propondo que o reconhecimento da diferença sexual induz a menina a renunciar à masculinidade, dirigindo-se à feminilidade, em razão de um sentimento egocêntrico de humilhação, ligado à inveja do pênis. Indo em direção contrária ao menino que, na fase fálica, encontra-se em uma posição edípica, tendo como objeto de desejo e amor a mãe e, como rival, o pai, solucionando o complexo de Édipo pelo complexo de castração, na menina, é o complexo de castração que induzirá ao complexo de Édipo. A menina, ao reconhecer a sua castração, também reconhece a superioridade do menino, por ter um pênis, e sua própria inferioridade por não tê-lo. O tornar-se mulher, na concepção freudiana, com a resolução do Édipo feminino pela castração, torna-se a uma complicada transação para a menina, que se rebela contra esse estado de coisas indesejáveis. Para Almeida (2012), a menina tem três possíveis soluções para a resolução do problema: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal.

De acordo com Almeida (2012), a primeira alternativa, a inibição sexual, a frigidez, leva a menina a abrir mão de sua masculinidade em nome da renúncia à atividade fálico-clitoridiana. A segunda alternativa, o complexo de masculinidade, faz com que a mulher se prenda à sua masculinidade ameaçada de forma ameaçadora, acreditando na possibilidade de adquirir um pênis, resultando em uma escolha de objeto sexual ativa. A terceira alternativa, a feminilidade normal, ou seja, quando a mulher torna-se mulher pela maternidade e pela passividade, possibilita o encontro do caminho para uma feminilidade definitiva, pela substituição de seu desejo masculino de possuir o pênis paterno por um desejo feminino pela maternidade, de ter um filho do pai, e pela substituição do gozo masculino ativo clitoridiano pelo gozo passivo vaginal.

A autora indica que o modelo fálico-edípico, para a sexualidade feminina, configura-se em um paradoxo por indicar, por um lado, o feminino como construção psíquica, desvinculando-se de uma ordem natural e, por outro lado, sustenta que a maternidade é o destino

normal para as mulheres, sendo as demais alternativas consideradas desvios negativos e soluções patológicas. Para Almeida (2012), a ideia da maternidade como uma única possibilidade de solucionar a inveja do pênis é, no mínimo, problemática, pois isso destinaria ao bebê no lugar do falo, sem uma posição de alteridade para com a mãe, o que, conseqüentemente, traria problemas para o seu desenvolvimento. Nessa ideia, é como se, de forma contraditória, para situar a mulher em uma posição de falta, Freud reforçasse o seu lugar onipotente como mãe.

Segundo Valdívia (1997), foi pelas mãos de Freud que a histeria deixou de ser considerada uma *doença* da mulher, tornando-se uma possibilidade de relação humana *doentia*, que submete uma pessoa a outra. Para Jacques Lacan, de acordo com a autora, Freud desenvolveu o seu estudo sobre a sexualidade feminina até o que foi chamado de *posição histórica*, ou seja, uma posição subjetiva em que a mulher pode ocupar quanto à feminilidade, fazendo-a relacionar-se de forma específica quanto ao amor, ao desejo e ao gozo.

Sobre os estudos da feminilidade feitos por Lacan, podem-se extrair várias implicações. Dentre elas, está a relação da mulher com o seu próprio gozo, que é diferente dos de seus parceiros homens. A mulher, por não pertencer à função fálica, tem contato com um outro gozo, o gozo do Outro, que é suplementar. Para Valdívia (1997, p. 23), “por ser fora-da-linguagem, o gozo do Outro permanece na ordem do indizível, dando à feminilidade um ar de mistério, frequentemente incompreensível para os homens, que tentam apreendê-la do ponto de vista masculino, ou seja, da posição do todo fálico”.

Em conformidade com Valdívia (1997), os estudos referentes à feminilidade não apresentam um conjunto fechado, impedindo que se constitua uma classe de mulheres, portanto, não existe uma classe feminina, como há uma classe masculina. As mulheres são únicas, podendo apenas ser contadas de uma a uma, ou seja, não existe uma mulher única, padrão, para designar o universal, desde que não há nela um significante que seja específico a ela. Para Jacques Lacan, a mulher não existe, sendo essa inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal, tanto para homens, que consideram a mulher como um sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam pela tentativa de alcançar uma identificação feminina universal. Para a autora, “a representação simbólica da mulher é inalcançável, só sendo conseguida pela vida da maternidade. Mas, isto a situa como mulher somente enquanto mães” (VALDÍVIA, 1997, p. 24).

Sobre essa idealização, acarreta o fetichismo, um modelo de perversão sexual específico do homem, apresenta a estrutura do desejo sexual do sujeito em relação ao objeto parcial⁵⁴. De acordo com Valdívia (1997), é comum encontrar nas análises dos neuróticos essa queda do desejo masculino, que encontra o prazer no corpo da mulher, separando a *virgem* da *prostituta*. Para a autora, “amar e desejar concomitantemente a mesma mulher seria incestuoso, questão essa já elucidada por Freud. Geralmente os homens precisam de outra ‘denegrada’ para desejar, seja concretamente ou em nível de fantasia” (VALDÍVIA, 1997, p. 24). Seguindo essa lógica, para amar e desejar a mesma mulher é necessário que ele perca o respeito por essa mulher, desde que esse respeito recobre o seu pavor ao incesto.

Já sobre o desejo feminino, não ocorre essa fratura. Para a mulher, é um mesmo homem que ela dedica o seu amor e o seu desejo. Essa conexão do amor e do desejo feminino é o que caracteriza-o por seu caráter indelével e nebuloso. Para a autora, é considerado normal uma mulher não conseguir exprimir os seus sentimentos. A feminilidade, para ela, é frágil e vacilante, necessitando de uma contínua validação que a represente. Pelo viés psicanalítico, de forma neurótica, a mulher tenta inventar uma razão para que possa preencher o vazio em que ela mesma consiste, o que nos leva ao que Lacan chama de *posição histérica*, na qual há um repúdio da posição de objetivo sexual relegado às mulheres pela fantasia masculina. A histérica não deseja ser objeto sexual do homem. Por isso, na falta de um suporte para uma identificação plenamente feminina, a mulher passa a abordar a sexualidade à maneira do homem, por meio da ostentação fálica, e tenta também apoiar-se pelo culto de uma feminilidade misteriosa (VALDÍVIA, 1997).

Para Lacan, segundo Valdívia (1997), o complexo de Édipo se constitui de três tempos, nos quais há a modulação na relação do sujeito com o falo. O primeiro tempo, chamado de fase fálica primitiva, constitui o período em que o falo está presente na ordem da cultura, como pano de fundo. O desejo da mãe é orientado por ele e a criança é submetida à esses desejos maternos, ou seja, o seu desejo passa a ser o desejo da mãe. A criança, então, passa a ocupar o lugar fálico materno, sendo ela o desejo do outro, da mãe. No segundo tempo edípico lacaniano, o pai assume a sua função como privador, como castrador, separando a mãe de seu desejo fálico e a criança de seu objeto incestuoso. É o momento de intervenção da Lei, do pai. Mas, para que a Lei produza os seus efeitos, é necessário que esteja vinculada ao discurso da mãe. No terceiro

⁵⁴ O objeto parcial é um conceito interligado ao de desenvolvimento psicosexual. Para cada fase do desenvolvimento, um objeto é elegido como alvo da libido. Na fase oral é o seio, na fase anal, o ânus e a uretra, na fase fálica os genitais, e na fase genital a relação que se dá entre pessoas totais.

tempo, o pai intervém, mas não na figura de pai onipotente, mas como pai potente, possuidor do falo, que a mãe deseja. O falo volta a ser o objeto desejo da mãe.

Assim, no *Seminário III sobre Psicoses* (1973), segundo Valdívia (1997), Lacan determina que a identificação com a mãe se realiza por meio do desvio rastreado pelo objeto de desejo do pai. Logo, algumas meninas podem reduzir esse processo, identificando-se imaginariamente com o pai, constituindo a *posição estrutural histérica*. Com isso, há a ascensão da posição masculina, indicando a dificuldade histérica de alicerçar-se a uma identificação sexual. Sendo assim, o corpo de uma outra mulher torna-se o suporte de sua identificação imaginária, na tentativa de superar a falta de um reconhecimento simbólico do pai. A histeria, portanto, sente-se atraída pelo falo. Diferente do menino que passa pela fase fálica, a menina não herda nenhum reconhecimento simbólico paterno. Para a autora, a ascensão da histérica à posição masculina não deixa de constituir um tipo de homossexualidade, mas apenas ao nível descritivo.

É do sentimento de lesa que surgem as inúmeras reivindicações históricas. Os sofrimentos das históricas e suas queixas tornam-se uma demanda perpétua do reconhecimento simbólico dirigido ao pai. Esporadicamente essas demandas aparecem sob uma atitude de sacrifício em relação ao pai, aguardando uma reparação. As históricas passam a idealizar o pai imaginário, mesmo que ele apresente-se fraco e desvalido. Dessa forma, o sujeito histérico mostra ao outro a sua própria divisão subjetiva, sendo o sintoma o seu único enigma a ser decifrado pelo outro. A histérica promove o homem e o denuncia, apontando a sua falha ao satisfazê-la. Para Valdívia (1997, p. 26), “a histérica tenta construir um senhor para, sobre ele, poder reinar para sempre. Ela aguarda a vinda do senhor para, sobre ele, poder reinar para sempre”. Na trajetória de uma grande histérica, há sempre um homem mau apresentando-se como não castrado, que, na complementariedade, acaba por destruí-la de fato.

Por produzir esse homem, a histérica migra para a posição masculina, desejando uma relação da ordem da totalidade com a função fálica, com a castração, repudiando o gozo do Outro, o feminino. Uma mulher que se posicionasse no lugar feminino guardaria uma relação de ordem do não-todo como a feminilidade, sendo feminina sem ser toda mulher. E concluiria a sua trajetória sem odiar o fato de ser objeto do desejo masculino.

Em “Melanctha” (1909), a protagonista parece sofrer de um complexo de Édipo feminino, pois a personagem é descrita como uma “amarela pálida e misteriosa e pouco agradável como a sua mãe, mas o poder real na natureza de Melanctha veio através de seu

robusto e desagradável e muito insuportável pai negro”⁵⁵ (STEIN, 1933, p. 90). Durante a narrativa, é repetido o quanto ela odeia os seus pais, mas, quando se trata de seu pai, os sentimentos de Melanctha são contraditórios.

No texto, “Melanctha Herbert quase sempre odiava o seu pai negro, mas ela muito amava o poder nela que veio dele”⁵⁶ (STEIN, 1933, p. 90). Como mencionado anteriormente no capítulo, a inveja do pênis nas meninas, conforme Almeida (2012), pode resultar em um gradativo afastamento da mãe, pela conclusão de que é ela a responsável pelo seu nascimento “defeituoso”.

Melanctha descobre o “poder” proveniente de seu pai, “Melanctha quase esqueceu de odiar o seu pai, no seu interesse profundo pelo poder que agora ela sabia que existia dentro dela”⁵⁷ (STEIN, 1933, p. 95). E que poder seria esse? A sua sexualidade latente, em pleno florescimento, que ela buscou explorar com as andanças pelas docas e na ferrovia de Bridgepoint.

Como uma prova disso, temos o trecho onde o narrador comenta que “Melanctha tinha um profundo respeito por qualquer tipo de poder bem-sucedido. Isso era o que sempre mantinha Melanctha por perto, em seu sentimento para com o seu *viril* e insuportável pai negro”⁵⁸ (STEIN, 1933, p. 96, grifo nosso). O destaque para *viril* confirma que o fascínio de Melanctha vem da admiração sexual que sente pela sexualidade do próprio pai.

Além disso, Melanctha tem a certeza de que é igual ao seu pai, quando o narrador pontua que “Melanctha sempre abusou de seu pai e ainda que ela fosse como ele e ela fosse orgulhosa disso também...”⁵⁹ (STEIN, 1933, p. 112). Portanto, de acordo com os estudos de Almeida (2012), Melanctha desenvolve um complexo de masculinidade, o que justifica o seu comportamento libidinoso desregrado com desconhecidos, afinal, ela confiava em seu instinto masculino para salvá-la de problemas.

Apresentadas as expectativas para as mulheres no século XX e a trajetória psicanalítica determinada a elas, poder-se-á prosseguir para a discussão acerca da História da Raça e o papel da negritude na resistência negra.

⁵⁵ “Pale yellow and mysterious and a little pleasant like her mother, but the real power in Melanctha’s nature came through her robust and unpleasant and very unendurable black father.”

⁵⁶ “Melanctha Herbert almost Always hated her black father, but she loved very well the power in herself that came through him.”

⁵⁷ “Melanctha almost forgot to hate her father, in her strong interest in the power she now knew she had within her.”

⁵⁸ “Melanctha had a strong respect for any kind of succesful power. It was this that always kept Melanctha nearer, in her feeling toward her virile and undendurable black father.”

⁵⁹ “Melanctha was always abusing her father and yet she was just like him and she was proud of it too..” (tradução nossa)

3.2 A questão negra: mecanismos de racialização

Segundo Caldeira (1994), a designação de bárbaro ou selvagem para comunidades não brancas revela uma necessidade de repetição do padrão e da norma conhecidos para validação do repúdio da diversidade cultural estabelecidas. Tal diferença, além de cultural, também era física – caracterizadas seja pela cor da pele, seja pelo cabelo ou pelo volume dos lábios – o que dificultava as interações entre esses povos, e o que causava uma dificuldade de assimilação por parte dos brancos, e finalmente gerou a aculturação ou uma desculturação forçada. Os povos não-brancos deveriam abrir mão da sua cultura conhecida em prol da cultura branca e ocidental.

Para a autora, a cor dos africanos causou um impacto muito maior nos ingleses do que nos outros povos envolvidos com o comércio de escravos. Caldeira (1994), ainda discorre sobre a perplexidade inicial dos ingleses que foi rapidamente sucedida por inúmeras tentativas para explicar a diferença de coloração de peles. Porém, a autora corrobora que, independente do fascínio em explicar a origem dos africanos, havia uma verdade absoluta entre os brancos: a inferioridade dos africanos, como é a impressão original de Ishmael sobre Queeqeb, em *Moby Dick* (1851), quando o vê pela primeira vez com estranheza.

De acordo com a autora, essa inferioridade determinada pelos brancos residia no campo da civilização, ou seja, nos aspectos culturais que determinam um povo. Costumes religiosos, modos de vestir e de falar, ou até como organizar a lavoura e o governo, eram tidos como descréditos e invalidados, pois eram considerados mecanismos diabólicos e que deveriam ser extinguidos.

Dessa forma, Caldeira (1994) indica que, mesmo com total ciência de que estavam se relacionando com outros seres humanos, que mereciam igual respeito, os ingleses se referiam a esse povo como “animalescos”, “bestiais” e “brutos”, termos estes que possuíam uma carga sexual muito mais forte e perceptível no período isabelino do que na atualidade.

Essa relação entre os negros e o animalesco foi fundamentalmente estabelecida quando os negros foram encontrados no mesmo ambiente que orangotangos – vistos pela primeira vez no início do tráfico negreiro e apenas nas terras africanas – o que destacava as fantasias de relações insidiosas entre homens e animais. Segundo a autora, “a lascívia associada ao macaco e o seu parentesco com o diabo acrescentavam um ingrediente de ameaça à imagem do Africano” (CALDEIRA, 1994, p. 33).

O roubo das terras dos africanos ocorreu, justamente, pela invalidação dos costumes morais dos mesmos, pois os ingleses se apropriaram das terras dos africanos com o argumento de que estes não tinham como apresentar uma comprovação de propriedade da terra, desde que

os seus governos não tinham o mesmo costume que o governo inglês de se ater à burocracia, o que os ingleses chamavam de “modelo respeitável de organização da terra” (CALDEIRA, 1994, p. 33).

Os ingleses possuíam a mesma relutância em reconhecer a organização social africana como respeitável, determinando que os costumes africanos ameaçavam a própria organização social inglesa, com regras e decore em excesso. A autora explica que os ingleses viam a sociedade africana como um perigo para “a ordem ameaçada pelo caos, a contenção moral pelo império dos mais baixos impulsos, as convenções sociais por um comportamento desregrado” (CALDEIRA, 1994, P. 34).

Devido a essas reflexões, o teórico George Fredrickson (1988) não conseguiu responder à questão se os Estados Unidos realmente nasceram racistas, pela influência dos ingleses e seu posicionamento racialmente violento, por uma série de atitudes pré-existentes, ou se foi uma evolução social, econômica e política responsável por estabelecer o racismo no país, como conhecido hoje, por meio das interações dos colonos com os africanos.

Caldeira (1994) destaca:

Nos Estados Unidos, ao tempo da escravatura, acreditava-se no estado natural do Africano como sendo infantil, apático, preguiçoso, irresponsável, dependente, caprichoso, instável, insensível, mentiroso, ladrão, leviano e descuidado, manhoso, dócil, fiel e humilde, dominado pela libido, cheio de ritmo e boa disposição. A essas características do *nigger*, que tendiam a categorizar toda uma raça, foi beber o estereótipo preponderante em tempo de escravatura – o sambo, o escravo contente com a sua sorte (p. 38).

Tais substantivos utilizados para descrever os negros constroem, paulatinamente, a imagem em torno da negritude como naturalmente diferente e inferior ao branco, desde a percepção acerca da diferença da cor de pele até o cheiro sendo ambas desagradáveis aos brancos, conforme Caldeira (1994). Essas características, segundo a autora, configuram comentários sobre a inferioridade do negro, tendo sempre apoio nas comparações com animais.

Em 1862, Abraham Lincoln propôs ao Congresso as emendas à Constituição que proporcionaram a liberdade e cidadania aos afro-americanos, tendo em seu terceiro artigo a suposta solução colonizadora para os negros livres – um lugar fora das terras estadunidenses, de acordo com Caldeira (1994).

Para Caldeira (1994), Thomas Jefferson tomou conhecimento da possibilidade de insurreição entre negros em razão do rancor destes contra os brancos, e, por esse motivo, desenvolveu sérias reservas quanto à continuidade da presença dos negros em solo estadunidense. Jefferson temia que esse embate pudesse levar à total destruição de uma das

partes. Sobre a miscigenação, Jefferson destacou que a escravatura era a grande responsável por esse fenômeno e defendeu uma separação entre raças como uma forma de evitar a mistura, prevendo uma devolução dos negros para a África após a abolição da escravatura.

A respeito do conceito de negritude, segundo Munanga (2009), o processo de construção identitária requer a tomada da consciência da diferença do *nós* para o *outro*. Embora a *negritude* esteja associada à cor da pele preta, não é um movimento atrelado ao biológico. Pelo contrário, além de poder ser reconhecido como proveniente da *negritude* tudo o que o olhar do mundo ocidental branco tenha encaixado sob o nome dos negros, também acrescenta-se ao vocábulo toda a construção social destinada a combater a prática de desumanizar, destruir e negar às culturas provindas da África.

Como uma forma de resgate da identidade negra, a *negritude*, Munanga (2009) elenca três fatores primordiais: o histórico, o linguístico e o psicológico. O fator histórico, como indica o autor, é de suma importância para que as comunidades pretas tenham uma referência de sua origem, ancestralidade e para que possam transmiti-la para as gerações futuras. Tal medida é relevante para que a destruição das informações familiares da ancestralidade africana ocorrida no período da escravidão seja corrigida. Esta estratégia era muito utilizada para apagar a memória coletiva dos escravizados e colonizados, de acordo com o autor.

Um ponto de extrema relevância abordado por Munanga (2009) é a discrepância das memórias coletivas da população preta, entre comunidades de base religiosa africana, daquelas que não possuem vínculo com tais comunidades; nas comunidades de base religiosa africana a consciência histórica é muito mais forte, pela recorrente manutenção da memória coletiva através da oralidade, quando os mais velhos mantêm vivos os mitos de origem e a fundação dos quilombos, atualizando-se pelos ritos e outras práticas religiosas; já nas bases populares sem vínculo com as comunidades de base religiosa africana, a consciência histórica está relacionada a questões de *sobrevivência*. Isso influi na criação da identidade do “oprimido economicamente e discriminado racialmente”, segundo Munanga (2009, p. 11). Por esses motivos, o fator linguístico sobrevive nas comunidades de base religiosa africana por meio dos terreiros religiosos, no formato de uma linguagem exotérica utilizada como meio de comunicação entre homens e deuses, conforme Munanga (2009).

Por último, o fator psicológico questiona as diferenças temperamentais entre pretos e brancos, tendendo a associar os traços comportamentais dos primeiros como característica de personalidade, de identidade, de acordo com Munanga (2009). Este último traço, no entanto, é

totalmente contraditório, desde que, biologicamente, a teoria das raças foi refutada⁶⁰ por Nicholas Miklouho-Maclay no século XIX e a eugenia⁶¹ é considerada hoje um retrocesso de ideias. O fator psicológico, porém, reside no panorama político e ideológico, onde ainda é significativo, tornando-se uma categoria de dominação e exclusão. Dessa forma, segundo Munanga (2009, p. 13), “a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de ‘exclusão’. Ser negro é ser excluído”.

Segundo Caldeira (1994), a religião é um dos aspectos mais decisivos para a construção da imagem inferior do negro criada pelos europeus, cujos costumes e moral eram profundamente enraizados na religião. Para os europeus, indígenas e africanos eram considerados igualmente como selvagens pagãos. A autora afirma que “na perspectiva cristã, estes povos simplesmente não tinham religião nem espiritualidade e adoravam o diabo que se disfarçava sob as várias imagens dos seus deuses” (CALDEIRA, 1994, p. 44), como é o caso de Queeqeg em *Moby Dick* (1851), com o seu deus Yojo, uma figura esculpida em ébano.

Sobre o uso da razão, Caldeira (1994) aponta que em um dos ensaios de David Hume, *Of National Characters* (1748), em que o autor compara as diferentes espécies humanas, ao negro é destinado um estatuto de inferioridade, sob a perspectiva naturalista:

sinto-me inclinado a suspeitar que os negros são naturalmente inferiores aos brancos. Não houve nunca uma nação civilizada que não fosse branca, nem mesmo um indivíduo, que tivesse ganho eminência, quer na acção, quer na especulação, que não fosse branco. Falta-lhes o engenho, a Arte e a Ciência (HUME, 1964, p. 252 *apud* CALDEIRA, 1994, p. 44).

O autor fundamenta o seu argumento sob a perspectiva de civilização branco e ocidental, que nega a capacidade organizacional das nações africanas. Além disso, Hume argumenta que os negros nunca foram premiados ou “ganhado eminência”, porém, esquecendo que, para os reis e rainhas da África a prioridade não era apenas serem reconhecidos enquanto seres humanos pelas nações europeias, mas, sim, libertarem-se do jugo destas.

Caldeira (1994) também comenta sobre Hegel, que alegava que os africanos não tinham uma História por não ter uma comunicação escrita. Lévi-Strauss, em contraponto, faz uma distinção entre História e Etnologia, tendo como base a presença ou ausência de documentação

⁶⁰ KAMALAKARAN, Ajay. Antropólogo russo refutou racismo científico no século 19. Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/2016/06/25/antropologo-russo-refutou-o-racismo-cientifico-no-seculo-19_606027>. Acesso em 03 set 2020.

⁶¹ Criada no século XIX por Francis Galton, a eugenia é um conjunto de práticas e ideias para um suposto *melhoramento* da raça humana. Porém, mesmo após inúmeras refutações da sua posição enquanto ciência, a eugenia foi utilizada como justificativa para práticas racistas e discriminatórias (MACIEL, 1999).

escrita e determina o valor da tradição oral enquanto fonte de informação. Para Caldeira (1994) “a cultura oral pode ser tão rica que de modo algum constitua uma limitação para o investigador” (CALDEIRA, 1994, p. 45), como é o caso de *Beowulf* (aproximadamente do século VIII), poema épico de autoria não conhecida.

Por sua vez, Immanuel Kant (1764, p. 51 *apud* Caldeira, 1994), “os negros da África não tem qualquer noção da natureza que vá além do sentimento infantil”. O autor acreditava que havia uma diferença essencial tão abismal entre as duas raças humanas, a negra e a branca, que influía não apenas na cor da pele, mas também na alma de cada um dos indivíduos.

Conforme Caldeira (1994), Addison Gayle (1971) resgata a memória relativa aos exemplos de ações responsáveis pelo *estrangulamento cultural* da imagem da negritude sob o domínio da estética branca, pelo que o autor chama de *moralidades medievais*, que tratava de representar o Bem com as vestes brancas puras e o Mal com as roupas negras e ameaçadoras da escuridão diabólica.

Uma das principais lideranças negras que lutaram contra a construção simbólica e social da negritude nos Estados Unidos é Frederick Douglass, um escravizado fugido, que refugiou-se no Norte em 1838 e liderou o Movimento Abolicionista. Sua contribuição estendeu-se desde o período da Guerra Civil até a sua morte, em 1895. Em um de seus discursos, proclamado em Boston em 1849, Douglass declara a sua contrariedade quanto ao projeto de expatriação dos negros dos Estados Unidos.

Outra liderança, conhecido por sua postura contraditória, é Booker T. Washington, ou o Feiticeiro de Tuskegee, como passou a ser conhecido por seu cargo de diretor e grande promotor do *Tuskegee Institute*, uma escola profissionalizante para negros no Alabama. É considerado como um dos testemunhos mais importantes da liderança negra, desde 1876 até 1915, quando da sua morte, tornando-se a principal referência da política integracionista do virar do século, conforme Caldeira (1994).

Sempre defensor da humildade, da fidelidade, do respeito à ordem estabelecida, Washington deu aos escravocratas os argumentos perfeitos para as acusações de acomodacionismo e colaboracionismo por parte dos negros escravizados, de acordo com Caldeira (1994). No referido discurso, dirigindo-se aos sulistas, Washington posiciona-se passivamente, para assegurar-lhes previamente a aceitação passiva da segregação institucionalizada, como viria a ser enunciada e sancionada pelo Supremo Tribunal, em 1896, que decidiu pela política da igualdade na separação ou *separate but equal doctrine*:

Tal como provámos a nossa lealdade no passado, ao criar os vossos filhos, ao cuidar

dos vossos pais e das vossas mães no leito de doença e muitas vezes ao acompanhá-los, com os olhos marejados de lágrimas, até o túmulo, também no futuro, do nosso jeito humilde, estaremos do vosso lado delicadamente, não deixando que se aproxime o forasteiro, prontos a sacrificar as nossas vidas, se assim for preciso, para defender as vossas (WASHINGTON, 1965, p. 148 *apud* CALDEIRA, 1994, p. 49).

O trecho acima demonstra a passividade bovina em aceitar o que os brancos estivessem dispostos a abrir mão, com a crença de que a igualdade social chegaria, cedo ou tarde, sendo isso uma recompensa pela conduta digna e pela contribuição de qualidade em nome da economia do país, para que o privilégio seja merecido. Independente de precisar aceitar o caráter de subalternidade, para Washington, o importante seria que os seus iguais aceitassem o trabalho manual e prestassem um bom desempenho nisto, segundo Caldeira (1994).

Outra liderança negra de suma importância é William E. B. Du Bois, que foi um líder radical e um opositor da política de Booker T. Washington. Para Caldeira (1994), Du Bois suspeitava da metodologia do programa educacional de Washington, não aceitava o fundamento basicamente econômico de sua política e o seu olhar leniente perante a perda progressiva dos direitos civis e políticos dos negros.

Em razão da degradação da situação do negro nas últimas décadas do século XIX, com a crescente segregação pelas leis Jim Crow e a invalidação do *Civil Right Act*, de 1875⁶², as novas constituições dos estados do Sul, que naturalizavam a discriminação, os linchamentos, a perda do direito ao voto, requeriam dos negros uma luta mais agressiva e reivindicativa, segundo Caldeira (1994).

Com isso, Du Bois fundou, com William Monroe Trotter, o *Niagara Movement*, em 1905. O *Niagara*, uma organização de protesto com tradição abolicionista negro, foi absorvida posteriormente pela *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), organização inter-racial de luta pelos direitos civis dos negros. Quando da fundação da NAACP, Du Bois era o único negro na Direção da entidade, sendo ele também o responsável pela direção da revista e seu porta-voz, *The Crisis*, conforme Caldeira (1994).

Discorrido sobre a Questão Negra sob a perspectiva estadunidense, poder-se-á prosseguir para a questão da educação negra, onde será discutido sob a perspectiva da raça a posição da educação para os negros na sociedade dos Estados Unidos.

⁶² O último dos atos da Reconstrução (1865-1877), um conjunto de leis que determinava a paridade de assentos entre raças no transporte público e em júris populares.

3.2.1 A questão da educação negra nos Estados Unidos

James Baldwin, em seu livro *Nobody Knows my Name* (1993), explora a educação negra estadunidense, afirmando que “o nível da educação negra é, obviamente, mais baixo que o nível geral. O nível geral é baixo porque os americanos têm muito pouco respeito pelo esforço intelectual genuíno. O nível [da educação] negra é baixo porque a educação ocorre em uma sociedade segregada”⁶³ (BALDWIN, 1993, p. 80).

Sobre a questão educacional do negro nos Estados Unidos, Du Bois (2013, np) comenta que “o sentimento de inferioridade que a escravidão impôs [aos negros] resultou em um sentimento intenso de desejo para melhorar a sua condição a partir da educação”⁶⁴. Dos 488,070 negros livres nos Estados Unidos em 1860, 32,629 estavam matriculados em escolas, sendo que, desse montante, 91,736 eram analfabetos. Nos estados escravagistas, apenas 3,651 crianças negras estavam matriculadas em escolas apoiadas pelos negros libertos.

Na época da escravidão, comenta Du Bois (2013), os negros não podiam ser educados. As leis, nesse período, eram explícitas e severas. Havia aulas esporádicas, ministradas por mestres indulgentes, ou então lecionadas em escolas negras clandestinas, mas, principalmente, as leis eram seguidas rigorosamente. Em todos os estados escravistas, as leis eram reforçadas e rigorosamente cumpridas. Essas leis proibiam a educação dos negros.

No período da emancipação, nem todos os negros sulistas eram analfabetos. Na Carolina do Sul, a maioria dos 10 mil negros livres e, talvez, 5% dos escravos, eram alfabetizados. Mas o analfabetismo entre os negros era superior a 95%, em 1863, o que significa que menos de 150 mil, do mais de 4 milhões de escravos emancipados, eram capazes de ler e escrever (DU BOIS, 2013).

O primeiro grande movimento popular pela educação pública, com os recursos estatais, no Sul, surgiu dos negros. Muitos dos líderes pré-guerra defendiam a educação para todos, mas poucos foram ouvidos. Escolas para mendigos e paupérrimos eram apoiadas, mas apenas esporadicamente. A educação pública para todos ao custo do governo, no Sul, era uma ideia dos negros. No século XVIII, Thomas Jefferson desenvolveu um sistema educacional para brancos, com escolas industriais idealizadas para negros (DU BOIS, 2013).

No Sul pré-guerra, havia dois obstáculos insuperáveis para um sistema educacional

⁶³ “The level of Negro education, obviously, is even lower than the general level. The general level is low because Americans have so little respect for genuine intellectual effort. The Negro level is low because the education of Negroes occurs in a segregated society.”

⁶⁴ “The very feeling of inferiority which slavery forced upon them fathered in intense desire to rise out of their condition by means of education.” (tradução nossa)

público. Conforme Du Bois (2013), o primeiro era a atitude dos proprietários de escravos, que não queriam pagar os impostos para um sistema educacional para a classe trabalhadora escravizada. Eles acreditavam que os trabalhadores não precisavam de educação, que, caso eles fossem alfabetizados, eles dariam um jeito de fugir da sua condição escravizada. O segundo obstáculo residia no fato de que os trabalhadores brancos não exigiam um sistema educacional e não viam necessidade disso.

Obviamente, cita Du Bois (2013), era apenas uma parte da classe trabalhadora, o povo negro, que interligava o conhecimento com o poder, que acreditava que a educação era um degrau para a riqueza e para o respeito e que, a riqueza, sem a educação, era um mal. Se os agricultores se opunham à educação para os brancos pobres, eles concordavam que a educação e escolas para negros eram um absurdo.

Os primeiros esforços em prol da educação surgiram durante a Guerra da Secessão, quando os Negros, refugiados e os soldados eram ensinados em vários acampamentos e lugares onde eram alocados, ao pressionarem por isso. As escolas somente foram abertas entre os negros da Virgínia, Port Royal e Carolina do Sul, logo depois de serem libertados (DU BOIS, 2013).

De acordo com Du Bois (2013), o primeiro dia letivo escolar foi definido para o dia 17 de setembro de 1861, na cidade de Hampton, na Virgínia, em uma casinha marrom próximo ao Seminário, uma escola normalmente frequentada pelos brancos. Nessa escola lecionava Mrs. Mary Peake, uma mulata, cujo pai era um inglês. Ela nasceu como uma mulher livre e recebeu uma educação fina na sua casa em Alexandria. Dessa forma, Mary Peake gostava de ajudar os seus irmãos de raça, o que a estimulou a lecionar para os escravizados durante a escravidão, ensinando-os a ler e a escrever. Ela manteve a sua escola em Hampton, apenas até a próxima primavera, quando ela morreu de tuberculose com 39 anos. A escola de Mary Peake não foi apenas a primeira em Hampton, mas, também, foi a primeira a lecionar negros no Sul.

Ainda conforme Du Bois (2013), em janeiro de 1862, Solomon Peck abriu uma escola em Beaufort, na Carolina do Sul, e Barnard Lee, em Hilton Head. Em Boston, Nova Iorque e na Filadélfia, foi criada a *Freedmen's Aid Societies*, e quarenta e um homens e vinte mulheres professores foram para Port Royal em março. Depois disso, oito escolas foram abertas em maio e, dentro de um ano, trinta, com mil estudantes matriculados. Oficiais mantiveram escolas para soldados negros e muitos negros, que compraram terras abandonadas, abriram escolas às suas próprias custas. Em 1865, as escolas de Port Royal tinham sessenta professores.

As escolas para as crianças negras eram apoiadas por negros libertos de Charleston desde 1741, abertas, primeiramente, clandestinamente, depois das leis proibirem-nas. Quando

Johnson ascendeu como presidente, o evento foi celebrado em Charleston, na Carolina do Sul, com a inauguração de escolas públicas para todas as crianças, sem distinção de cor. Com isso, 25 dos 40 professores eram negros. Nas mesmas salas onde crianças negras eram lecionadas, também haviam crianças brancas com grandes olhos azuis (DU BOIS, 2013).

Em Beaufort, os negros inauguraram um prédio para o ensino médio gratuito, mantido e apoiado por eles mesmos até 1867. A mais notória das escolas clandestinas para crianças negras libertas foi aberta em Savannah, em 1818 ou 1819, por um francês negro chamado Julien Froumontaine, de Santo Domingo. Em 1829, essa escola lecionava abertamente para crianças negras. Depois de 22 de dezembro de 1829, tornou-se punível por lei ensinar um negro escravizado ou liberto a ler e a escrever. A escola de Julien Froumontaine, no entanto, cresceu na clandestinidade por muitos anos e, para Du Bois (2013), a partir dela surgiram os pilares da instrução pública, que distribuía privilégios iguais para todas as crianças, sem distinção de raça ou cor.

Havia, no período pós-guerra, uma propaganda pesada em prol da educação negra no Sul, o que entra em contradição com as evidências históricas do período. Segundo Du Bois (2013), os negros não eram apreciados e eram temidos quase na mesma proporção de suas manifestações de inteligência e capacidade. Para o Sul, as escolas arruinavam os negros.

Na Carolina do Norte, pessoas que lecionavam em escolas para negros foram atacadas, as escolas queimadas e ameaças feitas contra as vidas daqueles que estavam engajados com esse trabalho. De 1865 a 1866, professores do ensino fundamental em escolas negras eram quase exclusivamente nortistas brancos, porém, havia um crescimento paulatino de professores negros inclusos no quadro de funcionários dessas escolas (DU BOIS, 2013).

O número de alunos negros nas escolas, em 1869, era um pouco mais de 8 mil; em 1870, o número aumentou para 15 mil. Já os de alunos brancos, em 1869, era de 8,255; em 1870, o número foi para 11 mil. Em 1870, o número de crianças matriculadas nas escolas chegava a 30 mil e o salário dos professores nesse período era, em média, 35 dólares por mês, conforme Du Bois (2013).

No estado da Geórgia, o número de negros chegava a 500 mil, mas apenas 1% destes era alfabetizado, em 1870. Talvez nem mesmo 500 negros, quando as escolas públicas foram abertas, eram mais ou menos capazes de cobrar por uma escola primária. Em 1871, mais de 6 mil crianças negras estavam matriculadas em escolas particulares, enquanto que em 1880, depois de dez anos das escolas públicas serem asseguradas para os cidadãos estadunidenses, o número de crianças negras matriculadas estava no número de 86 mil. Nesse período, a maioria era lecionada por professores negros. Entre os alunos da escola pública, os alunos das escolas

privadas, que chegavam a 3 mil, e os universitários, o número de negros no sistema educacional chegava em 97 mil, de acordo com Du Bois (2013).

Enquanto isso, o comitê, criado pelos negros, exigia educação imediata, mas a legislação de 1866 garantiu um sistema “público” de educação mediante o pagamento dos negros pelas escolas. Na Carolina do Norte, os negros exigiam a educação pública desde os primórdios, tanto é que existiam escolas privadas para negros libertos, antes da Guerra da Secessão, e eles se inspiravam no exemplo de John Cravis, que estudou em Princeton, e que chegou até Washington, na Lee University. Quando a lei o impediu de lecionar para estudantes brancos, ele começou a lecionar em uma escola para negros libertos, em Raleigh (DU BOIS, 2013).

Quanto a isso, Du Bois (2013) nos conta que os negros estavam sedentos por escolas, mas os brancos continuaram indiferentes. Os negros, depois de 1865, criaram as primeiras escolas livres no Arkansas. Eles abriram escolas privadas em Little Rock, a capital do estado, cobrando, inicialmente, uma pequena taxa por um breve período, quando tornaram-se uma associação educacional, pagando um salário fixo para os professores, e as escolas passaram a ser livres. Muitos dos cidadãos brancos do Arkansas não aprovavam a educação fornecida pelo *Freedmen's Bureau*, a instituição que cuidava dos negros libertos no Sul, pois acreditavam que as medidas defendidas pela instituição estimulavam a equidade social entre negros e brancos.

Sob as iniciativas criadas pelo *Freedmen's Bureau*⁶⁵, como visto no cartaz mostrado na **figura 8**, os negros construíram escolas e, às vezes, financiavam cerca de 33% dos custos da instrução. Enquanto isso, o governo federal fazia pouco para estimular a educação para os negros.

Figura 8 – Cartaz sobre a instituição *Freedman's Bureau*.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

Durante a convenção de 1868-1869, o Comitê de Educação declarou que havia verbas

⁶⁵ O *Freedmen's Bureau* ou o Gabinete dos Libertos, foi uma importante agência de reconstrução, que auxiliava os libertos do Sul. Funcionou brevemente como uma instituição governamental dos Estados Unidos, de 1865 à 1872, para direcionar provisões, roupas e combustível, para abrigo imediato dos refugiados destituídos, assim como para os libertos, suas esposas e filhos.

voltadas para o aumento das escolas permanentes, fundo esse proveniente da venda de domínios públicos, e que seria injetado na educação das crianças com idade escolar, ou seja, dos seis até os dezoito anos, sem distinção de raça ou cor. O sistema educacional público no Texas foi o primeiro a se provar uma falha, pois havia uma grande hostilidade quanto a admissão de negros nas escolas públicas, assim como uma ineficiência de gerenciamento por parte dos responsáveis (DU BOIS, 2013).

Na Constituição de 1868, todas as crianças eram permitidas nas escolas públicas, independente da cor. A lei também garantia as escolas mistas, uma condição que prevaleceu até 1877. Por muitos anos, os sistemas educacionais públicos para brancos e os negros eram praticamente separados, cada um com o seu superintendente. Finalmente, por volta de 1890, foi eleito um superintendente geral, com assistentes brancos e negros, unindo os dois sistemas educacionais, segundo Du Bois (2013).

Em Delaware, inúmeras tentativas em nome da educação das crianças negras foram feitas pelos próprios negros, mas, apenas em 1875, as escolas para negros foram reconhecidas pelo estado. Por meio de taxas pessoais, inclusos mensalidades e contribuições voluntárias, essas pessoas eram capazes de manter as escolas abertas, até que uma assembleia geral determinou que o estado deveria ser o responsável por financiá-las, em 1881 (DU BOIS, 2013).

No Missouri e na Virgínia Ocidental, foram criadas escolas livres no mesmo período que nos outros estados, voltadas para negros. O Tennessee foi mais devagar e Maryland, como Delaware, se negaram a providenciar escolas para as crianças negras e, por muito tempo, cobraram mensalidades pelo ensino, supostamente, público. Em quase todos os estados a questão das escolas mistas ou separadas foi incansavelmente debatida. De acordo com Du Bois (2013), não havia dúvidas de que os negros desejavam escolas mistas; eles desejavam a vantagem do contato com crianças brancas, como uma evidência da equidade social. Sobre isso, o autor indica que os negros eram apoiados em suas exigências pelos líderes nortistas brancos, que apontavam a dificuldade de gerenciar dois sistemas educacionais públicos separados, o que aumentariam os trabalhos e os gastos. Em muitos desses estados, a questão caiu no esquecimento, mas, em outros, como Louisiana, as escolas mistas foram criadas.

Consequentemente, a forte propaganda pelo ódio racial tornou as escolas mistas apenas um sonho, aumentando o custo da educação pública no Sul, o que resultou no atraso do desenvolvimento do sistema educacional de forma geral e, eventualmente, fez das crianças negras um fardo. A separação por raça era proibida pela Constituição da Carolina do Sul e Louisiana. Em Atlanta, o Conselho Educacional queria escolas mistas, mas concordou com as escolas separadas quando pressionado.

As *common schools*⁶⁶, no Sul, foram fundadas pelo *Freedmen's Bureau* e pelas sociedades missionárias e as escolas públicas estatais foram formadas, principalmente, pelos governos da Reconstrução Negra. Desde o começo do sistema público de educação, segundo Du Bois (2013), e depois, a luta entre o controle local e o controle estatal, como também pela supervisão, foi amarga. O *controle local* significava o controle da propriedade e da particularidade racial. Esse conselho prezava pela reação às decisões estatais com preconceito racial. E, onde quer que tivessem voz, também haveria retrocesso – particularmente quanto às escolas negras –, podendo ser determinante para o aumento do poder das administrações dos condados e dos distritos.

Isso resultou, em consonância com Du Bois (2013), em um esforço dos estados sulistas em fazer das escolas negras as piores possíveis, tanto quanto eles estavam dispostos a desafiar a opinião pública nacional; e cada centavo gasto com as escolas negras era tomado dos salários dos negros e voltavam para os grandes empresários, que lucraram dez vezes com as novas oportunidades de exploração.

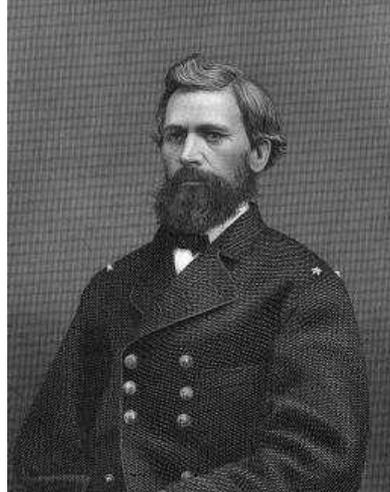
O movimento que salvou a educação pública negra não foi a opinião esclarecida do Sul, mas o movimento filantrópico do Norte que, desde o início da luta pela educação dos negros, contribuiu com a criação de universidades para negros. A razão por trás dessa iniciativa estava na preocupação de suprir a demanda para professores, como também representava uma concessão para o preconceito do Sul, que violentamente detestava que professores negros lecionassem em escolas para negros (DU BOIS, 2013).

Como legado da *Freedmen's Bureau* estão a *Howard University* e o *Freedman's Hospital*. A *Howard University* foi fundada pelo General Oliver Otis Howard, como visto na **figura 9**, líder da *Freedmen's Bureau*, e seu primeiro presidente. Os seus sucessores como presidentes foram W. W. Paton, J. E. Rankin, que escreveu o hino *God Be With You Until We Meet Again*, e John Gordon, um descendente de Jonathan Edwards⁶⁷. A *Howard University*, no século XIX, tinha o maior centro médico negro de todos os Estados Unidos e formou quase metade de todos os advogados negros do país (DU BOIS, 2013).

⁶⁶ As *common schools* eram as escolas públicas dos Estados Unidos no século XIX, tendo Horace Mann como o seu principal apoiador.

⁶⁷ **Jonathan Edwards** foi um pregador congregacional, teólogo calvinista e missionário dos indígenas, considerado um dos maiores filósofos estadunidenses.

Figura 9 – General Oliver Otis Howard.



Fonte: www.t1gstatic.com, 2021.

Outra grande universidade foi a *Berea College*, que foi fundada por John G. Feu, um homem do Kentucky que se tornou um abolicionista. Depois da Guerra de Secessão, alunos negros passaram a ser permitidos na universidade. Por quarenta anos os negros puderam se matricular na instituição, até que, em 1904, as matrículas para negros foram impedidas por lei. Já o *Hampton Institute* foi fundado pelo General S. C. Armstrong, próximo a onde os negros faziam o contrabando de guerra, e foi onde as mulheres negras fundaram a primeira escola negra. A *Atlanta University* foi fundada, em 1857, por Edmund Ware (DU BOIS, 2013).

Conforme Du Bois (2013, p. ?), “se não fossem pelas escolas e universidades negras, o negro iria, com todas as intenções e propósitos, voltar para a escravidão”⁶⁸. Com todos os esforços do estado para não financiar uma educação de qualidade para os negros, mesmo quando eles tinham ciência da necessidade da instrução para saírem da situação de mediocridade destinadas a eles por um sistema racista, os negros conseguiram construir escolas e formar os seus pares para educa-los com muito esforço e dedicação de uma série de entidades que acreditavam na equidade racial.

Apesar dos aspectos burocráticos aqui mencionados para que os negros recebessem uma educação pública de qualidade, em “*Melanctha*” (1909), a geração de negros mais jovens é altamente educada. No caso de *Melanctha*, é possível comparar o seu nível educacional para o de seus pais, pois “*Melanctha* foi para a escola e era rápida em aprender, e ela sabia muito bem

⁶⁸ “Had it not been for the Negro school and college, the Negro would, to all intents and purposes, have been driven back to slavery.”

como usar esse conhecimento para perturbar os seus pais que não sabiam de nada”⁶⁹ (STEIN, 1933, p. 91). Melanctha, que odeia os pais, usa o conhecimento que adquiriu na escola para humilha-los, eles, que são analfabetos. Ela utiliza o conhecimento como um poder, assim como os brancos o fizeram quando proibiram os negros de aprender a ler e a escrever.

Já no caso de Jane Harden, é mencionado que “Jane tinha tido uma boa quantia de educação. Ela esteve por dois anos em uma universidade negra. Ela tinha tido que abandoná-la por causa de sua má conduta”⁷⁰ (STEIN, 1933, p. 103). E, além de ter estudado esses dois anos em uma universidade negra, “Jane uma vez lecionou em uma escola negra. Ela tinha tido que sair dali também por causa de sua má conduta”⁷¹ (STEIN, 1933, p. 104). Os seus problemas com o alcoolismo, relacionados a sua negritude pelo narrador, atrapalharam qualquer expectativa acadêmica para ela. Melanctha, por outro lado, “lecionou por um tempo em uma escola negra como uma substituta para algum professor”⁷² (STEIN, 1933, p. 109).

O exemplo de Jeff Campbell é o mais abnegado. Por querer ajudar os seus compatriotas negros, “Jefferson estudou muito, foi para uma universidade negra e então aprendeu a ser um médico”⁷³ (STEIN, 1933, p. 111). Como já apresentado no presente capítulo, era praticamente improvável que um negro se formasse em Medicina, em razão das inúmeras leis que proibiam a admissão de negros nas universidades.

A partir das referencialidades históricas relatadas no capítulo, é relevante salientar que a probabilidade desses três casos de alfabetização e educação formal sejam raridades isoladas, pois, no século XIX, o acesso à educação para os negros era extremamente limitado e, muitas vezes, resultava em um custo muito alto, valor esse que as famílias dos personagens mencionados não teriam condição de arcar. Tal situação, portanto, pode-se configurar uma utopia, desde que no final do século XIX ainda se lutava pela asseguarção de uma educação pública de qualidade para os negros.

3.2.2 *O experimento Tukesgee e a questão da ética na saúde*

Agora, como uma contribuição para a temática, abordar-se-á um assunto que escapa do período de delimitação da pesquisa, de 1880 a 1915, para destacar um experimento realizado

⁶⁹ “Melanctha went to school and was very quick in all the learning, and she knew very well how to use this knowledge to annoy her parents who knew nothing.”

⁷⁰ “Jane had had a good deal of education. She had been two years at a colored college. She had had to leave because of her bad conduct.”

⁷¹ “Jane had once taught in a colored school. She had had to leave that too on account of her bad conduct.”

⁷² “Taught a little in a colored school as substitute for some teacher.” (tradução nossa)

⁷³ “Jefferson studied hard, he went to a colored college, and then he learn to be a doctor.” (tradução nossa)

de 1932 a 1972, como mais uma prova da extensão do racismo nos Estados Unidos. Sobre o assunto, Goldim (1999) esclarece que, desde o final do século XIX, houveram inúmeras tentativas para a regulamentação das atividades científicas. Foi em 2 de março de 1900 que o senador Jacob H. Gallinger, do partido Republicano, propôs ao Senado dos Estados Unidos uma lei que regulamentava os experimentos científicos em seres humanos, mas a proposta não foi aceita.

Segundo Goldim (1999, p. 1), “a pesquisa, segundo esta proposta, somente poderia ser realizada por profissionais habilitados, os bebês, crianças, adolescentes, gestantes, nutrízes, velhos e doentes mentais não seriam elegíveis para pesquisas”, sendo outra exigência dessa lei que aqueles que fossem submetidos aos experimentos tivessem, no mínimo, 20 anos e estarem em suas plenas faculdades mentais para permitir qualquer experiência. A parte burocrática seria simples, tendo o pesquisador que enviar, uma semana antes da execução da pesquisa, os objetivos e os métodos do projeto para uma comissão do Distrito de Columbia, para licenciamento, acompanhada de uma permissão, por escrito, dos participantes, assinadas na presença de duas testemunhas e autenticada por um tabelião. Essa comissão seria responsável por avaliar os riscos envolvidos, assim como a idade, a capacidade e o conhecimento que as pessoas envolvidas tinham do procedimento, como também o seu desejo de participar da pesquisa. Nenhum procedimento seria aprovado sem a vontade de seus participantes.

Porém, como a lei não foi aprovada, de 1932 a 1972, o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos realizou uma pesquisa, cuja qual o projeto nunca foi localizado, que envolveu 600 homens negros, sendo destes 399 com sífilis e 201 sem a doença, na cidade de Macon, no estado do Alabama. O objetivo da pesquisa que recebeu o nome de *Estudo Tuskegee*, nome do centro de saúde onde foi realizada, era o de observar a evolução da doença, sem um tratamento. Na Noruega, um estudo semelhante foi realizado em 1929, baseado em dados históricos, onde foi relatado mais de 2 mil casos de sífilis não tratados.

Não foi comunicado aos participantes do Estudo Tuskegee que eles tinham sífilis, nem mesmo dos efeitos da patologia. Como diagnóstico, era dito que eles sofriam de “sangue-ruim”, sendo esta denominação a mesma utilizada pelos Eugenistas estadunidenses, no final da década de 1920, para justificar a esterilização de pessoas portadoras de deficiência. De acordo com Goldim (1999), os benefícios de participar do estudo contavam com o acompanhamento médico, uma refeição quente no dia dos exames e o pagamento das despesas com o funeral. Alguns prêmios em dinheiro também foram dados, durante o projeto, pela participação dos homens. Para o autor, a inadequação inicial do projeto não foi apenas o fato de não tratarem a sífilis, pois, no período, não havia um medicamento comprovado para a doença, mas, sim, a

omissão do diagnóstico conhecido e o prognóstico esperado.

Em consonância com Goldim (1999), em 1950 já havia um medicamento estabelecido para o tratamento da sífilis, porém, os indivíduos que participavam do estudo persistiram sem um tratamento. Para tanto, todas as instituições de saúde dos EUA receberam uma lista com os nomes dos participantes do estudo, com o intuito de evitar que recebessem qualquer medicação, mesmo que estivessem em um outro local.

Goldim (1999) destaca que, no período de 1950, o Código de Nuremberg já havia sido proclamado, o que estabelecia as primeiras diretrizes éticas internacionais para a pesquisa com seres humanos. O irônico é que o Código de Nuremberg foi escrito por estadunidenses e é parte da sentença do Tribunal de Nuremberg II, que foi uma corte militar composta unicamente por juízes estadunidenses. A Associação Médica Americana, a AMA, também já havia publicado algumas normas no sentido de proteger as pessoas envolvidas com as pesquisas. Independente disso, os resultados parciais do estudo foram aceitos para apresentação em congressos científicos e não receberam qualquer restrição por parte da comunidade científica.

Foi apenas em 1969 que a imprensa noticiou o número de mortes ocorridas como consequência do estudo, que computavam 29 no momento da publicação da notícia. O historiador James H. Jones foi quem tomou contato, por coincidência, com os documentos relativos ao experimento, também em 1969, mas deduziu que o projeto já havia sido descontinuado. Foi somente em 1972, quando a repórter Jean Heller, da *Associated Press*, publicou uma matéria no *New York Times* denunciando o projeto, que houveram repercussões sociais e políticas.

Conforme Goldim (1999), depois de 40 anos de acompanhamento dos participantes do projeto, com o término do experimento, haviam apenas 74 indivíduos vivos. O número de mortos pela sífilis e suas complicações chegou a 100, tendo como instituição responsável pela pesquisa o Centro de Controle de Doenças, o CDC, de Atlanta. Em 1997, apenas 8 pessoas estavam vivas e o governo estadunidense decidiu realizar um pedido de desculpas formais a todos os envolvidos, e enganados, durante o experimento.

3.3 Mulheridade Negra: política antimulher e representação

De acordo com hooks (2019a), as imagens associadas à negritude e pessoas negras foram construídas bem antes, por meio do imperialismo político quando da influência inglesa no tráfico negreiro e na escravidão. Foi a partir da escravidão que os supremacistas brancos

reconheceram a necessidade de controlar as imagens que representavam o grupo oprimido, sendo este o mecanismo central de manutenção do sistema de dominação racial.

O agravante da condição das mulheres negras, segundo hooks (2019b), é a tendência de tratarem a opressão por raça como superior à opressão por gênero, o que descaracteriza a situação de oprimida da mulher em uma sociedade patriarcal. Tal conduta se reflete na admiração das pessoas pela aparente “força” da mulher negra em superar as adversidades, quando, para a autora, “ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la, resistência não deve ser confundida com transformação” (HOOKS, 2019b, p. 25).

Isso porque, ainda no período da escravidão, a destruição da dignidade humana, desde a eliminação dos nomes e status das escravizadas, fazia parte do preparo das pessoas africanas para o mercado de escravos, conforme hooks (2019b). Além disso, havia a separação de grupos, como uma forma de evitar a concentração de uma língua em comum.

Dentre os inúmeros mecanismos para destruir a dignidade africana, estava o perigo constante do estupro dos corpos das mulheres negras. O trabalho doméstico era muito ambicionado pelos trabalhadores do campo, principalmente pelas promessas de trabalho mais leve. Porém, hooks (2019b) detalha que a constante presença de senhores e senhoras exigentes tornava os escravizados suscetíveis à crueldades e torturas. Em especial as mulheres negras, que permaneciam em alerta perante a sua vulnerabilidade sexual, temiam qualquer homem, seja branco ou negro, perante o medo de serem escolhidas como vítimas de assédio ou estupro. Como uma maneira de suborná-las, os proprietários homens brancos dessas mulheres escravizadas ofereciam regalias nos serviços domésticos, delegando-as o papel de prostitutas, conforme hooks (2019b). A submissão das mulheres negras escravizadas não é tratada como cumplicidade, desde que não havia como a mulher resistir sem sofrer consequências, sendo o destino destas a punição e a violência sexual.

Para Davis (2016, p. 20), “as mulheres negras dificilmente eram ‘mulheres’ no sentido corrente do termo”. Isso porque os homens brancos foram educados para considerar as mulheres a sua ruína, o que os torna vulneráveis à sedução das mulheres, levando-os a desenvolver sentimentos antimulher.

hooks (2019b) explica que, enquanto os homens brancos idealizavam a mulher branca, assédios e violências de gênero eram cometidas contra as mulheres negras. Tais comportamentos eram justificados pelo percurso imagético e simbólico que designava a mulher o papel de criadora do pecado sexual, sendo as mulheres negras, portanto, vistas como a personificação da luxúria e do mal feminino. Sobre isso, Davis (2016, p. 180) pontua que “uma das características históricas marcantes do racismo sempre foi a concepção de que os homens

brancos possuiriam um direito incontestável de acesso ao corpo das mulheres negras”, representando-as como permissivas e oferecidas, ignorando o histórico de opressão e abuso.

Enquanto as mulheres negras eram exploradas, tanto sexualmente quanto pela força de trabalho, as mulheres brancas reafirmavam a sua primazia sobre a mão-de-obra escravizada especificamente, acima de muitas mulheres negras que participavam do cotidiano familiar e, logo, representavam uma suposta ameaça ao exibirem a semi-nudez de seus corpos sem tabus. Conforme hooks (2019b), “algumas senhoras reagiam à angústia das escravizadas perseguindo-as e as atormentando”, ou pior, oferecendo-as como meros objetos sexuais.

Além disso, castigos corporais eram comuns, como outro método para destruir a dignidade das mulheres negras, como também o fato de mulheres negras escravizadas serem forçadas a desempenhar as funções do homem negro escravizado. Foram esse tipo de ações que dificultaram o desenvolvimento de uma consciência feminista entre as mulheres negras.

De acordo com Davis (2016, p. 18), “a julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias”, pois, na representação de mulheres negras não haviam imagens associadas à maternidade benevolente, mas, sim, à luxúria e ao vulgar.

McCauley (1996) comenta que os ingleses costumavam usar os africanos como espelhos sociais e projetavam nestes as características que eles haviam descoberto em si mesmos. Os puritanos, que povoaram os Estados Unidos no século XVII, eram notórios em seus preceitos morais e influenciaram na disseminação do Protestantismo. Os puritanos eram sexualmente reprimidos, o que instigava a transferência de culpa da conduta sexual imprópria masculina para as mulheres negras, que eram consideradas bruxas que seduziam os seus algozes. De acordo com hooks (2019a, p. 66), “a fascinação do Ocidente com o primitivo tem a ver com sua própria crise de identidade”.

Segundo a autora, “a designação de todas as mulheres negras como depravadas, imorais e sexualmente desinibidas surgiu no sistema de escravidão” (HOOKS, 2019b, p. 93), sendo este um dos mitos mais danosos, continuando até mesmo no período pós-abolição, quando mulheres negras não podiam exercer a sua liberdade sexual com os próprios negros sem serem agredidas com ofensas.

Foi no período da Reconstrução Negra, de 1867 a 1877, que as mulheres negras puderam lutar para alterar os símbolos associados a elas, como o estereótipo da Aunt Jemima, uma espécie de Tia Anastácia, o da mãe preta ou o da Sapphire, sendo este o estereótipo da mulher negra má. Para que fossem vistas e tratadas com o mínimo de dignidade, as mulheres negras

passaram a emular os comportamentos e maneirismos de mulheres brancas, conforme hooks (2019b).

Para hooks (2019b), necessidade de alterar as imagens que representavam a mulheridade negra residia no fato de que a exploração sexual das mulheres negras enfraqueceu a moral dos recém alforriados, que não tinham perspectiva de, um dia, superarem as adversidades e se erguerem como raça. Para isso, observavam as mulheres negras de todas as faixas etárias e status, pois todas elas eram suscetíveis à estupradores brancos.

Segundo Carneiro (2019, p. 194), “a escravidão sexual da mulher negra ocorreu, então, como forma de controle social no sistema escravocrata. Nesta relação podemos utilizar a categoria de biopoder, em que a prática do estupro é uma forma de domínio através do abalo mental e físico do outro”, sendo, portanto, essa uma prática muito recorrente. Os senhores de escravos, muitas vezes, chantageavam a escravizada a ter relações carnavais com eles como uma forma de ascensão na frágil hierarquia social da escravidão ou então mesmo como punição, sendo o estupro recorrente nas *plantations*.

As representações da mulheridade negra que conseguiram sobreviver ao sistema escravocrata, mas que foram maculadas por ele, consistem em retratá-las como resignadas, religiosas e maternais, tendo como maior característica o autosacrifício e anulação em prol de algo ou alguém. Naquele período, como aponta hooks (2019b), mesmo que uma mulher negra conseguisse se formar, desempenhar funções de confiança em uma empresa ou fosse médica ou advogada, ela seria reduzida a palavras como meretriz e prostituta.

Mesmo que as mulheres fossem as principais vítimas da guerra psicológica estabelecida pelos homens brancos para reforçar o ideal da supremacia branca, os homens negros também eram afetados pelo mito do homem negro estuprador. De acordo com hooks (2019b), o homem negro não temia o sistema racista por causa dos terrores ocasionados pela perseguição à mulher negra pelo homem branco, mas, sim, pelo temor de que essa determinação letal fosse utilizada para destruí-lo.

Foi essa inaptidão de proteger e defender a mulher negra, como também a inabilidade de proverem a casa, que gerou o que hooks (2019b) chama de emasculação⁷⁴ – ou seja, pela necessidade de uma figura de liderança nos lares escravizados, a mulher negra paulatinamente foi assumindo as funções que, na divisão dos papéis de gênero, deveriam ser de responsabilidade do homem.

⁷⁴ A **emasculação** é um conceito sócio-ideológico que define quando um homem se sente despojado de sua masculinidade, seja por desempenhar papéis de gênero considerados femininos, quanto por ser impedido de desempenhar os papéis de gênero considerados masculinos.

Para hooks (2019b, p. 86), “vários homens negros escravizados tinham convicção de que era obrigação deles prover o bem-estar econômico da família e tinham ressentimento amargo e remorso”, o que não pode ser compreendido como emasculação, desde que a condição não era própria para que essas funções fossem por ele desempenhadas.

Essas rugas sociais entre a mulher e o homem negro, nascidas ainda no período da escravidão, geraram desequilíbrio nas relações de gênero, desde que o homem negro passou a considerar-se emasculado, graças a iniciativa e perspectiva da mulheridade negra em resistir à opressão por gênero e raça, enquanto a mulher negra passou a ver no homem negro a leniência e permissividade que a branquidade conseguiu inserir em sua representação. As relações entre mulheres negras e homens negros continuaram estremecidas, principalmente pelos posicionamentos ideológicos defendidos pelos homens negros, como a crença de que a união com os homens brancos traria maiores benefícios para eles.

Em “Melanctha”, essas relações de gênero são estabelecidas pela diferença, desde que há a relação conturbada entre Melanctha e Mr. Herbert, pai dela, que a vê como uma menina que desdenha da estrutura social imposta a ela quando Melanctha estabelece amizade com os homens da cidade; com Jeff Campbell, seu interesse amoroso, que a percebe como uma mulher fria e melindrosa, que brinca com os sentimentos dos homens; e com Jane, uma mulher lésbica branca que por um período de dois anos relaciona-se com Melanctha, passando a odiá-la após o término.

Como apontado anteriormente, Gertrude Stein se baseou em estereótipos para construir a única narrativa sobre negros em *Three Lives* (1909), “Melanctha”. Na história, Melanctha flana por Bridgepoint sem preocupações, sem se ater ao que era exigido dela, enquanto mulher e negra, pois a ambientação do conto não possuía verossimilhança com o mundo real, onde mulheres negras eram violentadas por muito menos. A discussão sobre a sexualidade da mulher negra, tratada com bastante liberalismo, também é um sinal de que pouco há de real, pois, como mencionado neste capítulo, as mulheres negras não exploraram a sua sexualidade latente, já que queriam ser valorizadas e queridas – diferente da trajetória de “autoconhecimento” de Melanctha, que a fez ficar mal falada na cidade.

4 VOZES HETEROGÊNEAS: ESPAÇOS DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DA NEGRITUDE EM MELANCTHA

Em *Three Lives* (1909), de Gertrude Stein, somos apresentados a três histórias distintas, mas semelhantes: três mulheres que lutam para superar as adversidades ao seu próprio modo e que, contudo, sempre são barradas nessa trajetória por algum elemento externo. Em “The Good Anna”, o trabalho exemplar é tudo o que a protagonista tem, desde que sua paixão lésbica e platônica por uma vizinha viúva não sai desse âmbito latente; em “The Gentle Lena”, a protagonista também é uma trabalhadora esforçada, mas a sua vida muda com um casamento e as estafantes e seguidas gravidezes as quais o seu corpo é submetido. Ela morre tragicamente no parto de seu quarto filho, sem deixar saudades em ninguém. Em “Melanctha”, contudo, somos apresentados a uma história sem enredo, para observar ao bem querer do narrador a vida conflituosa da protagonista.

Conforme já mencionado, em “Melanctha” (1909), segundo conto do livro, conhecemos a história da jovem Melanctha Herbert, negra de tez clara, que vive em um bairro negro em Bridgepoint. A protagonista é tratada de forma diferente em sua comunidade, justamente por seu tom de pele claro, o que gera expectativas racializadas nos cidadãos dessa comunidade. Aqueles que convivem com ela esperam que a mesma aja conforme uma mulher branca, com os mesmos valores morais de uma branca, o que muito a desagrada.

Melanctha sempre viveu a seu próprio ritmo. Quando mais nova, adolescente, a protagonista vagava pelas docas e fazia amizade com os estivadores deste lugar, tudo com uma curiosidade que o narrador chama de “estrada que conduz a sabedoria”⁷⁵ (STEIN, 1933, p. 100). Essa curiosidade a leva a fazer amizade com John, um cocheiro na fazenda da família Bishop, nas proximidades de Bridgepoint, um homem casado e com família. O pai de Melanctha, James Herbert, não gosta nada dos rumores sobre a sua filha e decide intervir, chamando John para uma briga de faca, da qual sai perdedor.

James Herbert, que nunca havia estado presente, se afasta em definitivo da sua família, deixando a protagonista com a sua mãe de saúde frágil, Mis Herbert. Ao longo dos anos, a mesma intensifica o seu flunar, até conhecer Jane Harden, professora negra, mas “tão branca que dificilmente alguém adivinharia”⁷⁶, (STEIN, 1933, p. 103), segundo o narrador, com uma peculiar inclinação ao álcool. Com Jane Harden, Melanctha decide “aprender” tudo o que é

⁷⁵ “Road that leads to wisdom.”

⁷⁶ “She was so white that hardly any one could guess it.”

necessário, sendo esse um eufemismo para as relações lésbicas que as duas manteriam por dois anos, até que Melanctha se cansasse e prosseguisse com o seu flamar, abandonando Jane ao álcool.

Com o contínuo consumo do álcool por parte de Jane, ela adoece e recorre aos cuidados de Jeff Campbell, médico negro que, posteriormente, passa a cuidar de Mis Herbert. Com as reclamações de Jane quanto a Melanctha e o seu comportamento “imoral”, Jeff forma a imagem de uma mulher maldosa, totalmente concupiscente, que não tem valores. Quando cuida de Mis Herbert, Jeff trata a protagonista com frieza, pois não quer nenhum contato com uma mulher tão perigosa. Porém, a medida que o tratamento avança e os dois são forçados em uma convivência próxima, Jeff descobre a verdadeira personalidade da mesma, que é afável e meiga, e acaba se apaixonando por ela, embora com muita relutância.

O grande problema de Melanctha surge desse relacionamento. Jeff Campbell vive às sombras do passado de Melanctha, com as pessoas com quem ela se relacionou anteriormente, perguntando-se com quem ela saiu ou deixou de sair, com quantos homens ou mulheres a protagonista namorou. Jeff não consegue esquecer as palavras de Jane Harden sobre Melanctha e acha difícil abandonar o passado dela, o que gera discussões entre os dois, mas, principalmente, causa na mesma um desgosto para com Jeff, ao ponto de abandoná-lo.

Nesse ínterim, Melanctha conhece Rose Johnson na igreja, quando buscou as palavras de Deus para confortar o seu coração perdido. Rose Johnson é uma mulher negra retinta, mas que foi criada por brancos, e se considera superior aos outros cidadãos negros de Bridgepoint por causa disso. Rose e Melanctha mantêm essa amizade tortuosa, na que a protagonista mais dá do que recebe, chegando ao ponto de, quando Rose entra em trabalho de parto, Melanctha abandonar tudo para cuidar do bebê. O filho de Rose com Sam Johnson falece no momento em que a mesma deixa o bebê por conta dos Johnsons, em razão dos cuidados negligentes de Rose.

Rose Johnson dá muito valor a sua amizade com Melanctha porque ela é uma mulher tão clara que poderia ser branca. São inúmeras as vezes que Rose diz para Melanctha que não a compreende, que o seu comportamento depressivo é um exagero, que ela nunca pensaria em matar-se, mas em matar uma outra pessoa quando está deprimida. A amizade das duas não dura muito depois do término entre Melanctha e Jeff Campbell, pois Melanctha volta aos seus antigos hábitos de sair com homens não respeitáveis para se divertir e Rose os condena veementemente.

Depois desse relacionamento fracassado, Melanctha volta aos seus dias de flamar, convivendo com as pessoas de comportamentos condenáveis para a comunidade de Bridgepoint, e começa um relacionamento com um homem mestiço, Jem Richards, mais branco

do que negro, que a conduz aos locais mais sombrios da cidade, conseqüentemente abandonando-a. Depois disso, Melanctha adoece repentinamente, com tuberculose, concluindo a sua trajetória com uma morte solitária em um sanatório público da cidade.

Diferente dos dois outros contos presentes no livro, “Melanctha” (1909) segue o percurso da personagem principal, Melanctha no seu processo de aceitação de sua própria negritude, inspirada pela força que vê e admira e odeia em seu pai, ambigüamente, James Herbert. Ao longo de seus caminhos pela cidade, em busca de conhecimento, Melanctha decide aceitar que é negra, negando a branquidade e seus valores, conseqüentemente aderindo a um estilo de vida desregrado, que o narrador deduziu ser característico dos negros. A boemia é a melhor amiga de Melanctha, até que a pune com a tuberculose e a mata. Essa morte não é à toa, mas, sim, uma forma do narrador culpar Melanctha por assumir as suas raízes negras.

Como pode ser intuído já na narrativa do enredo de “Melanctha” (1909), as vozes sociais estão presentes em cada linha, a cada virar de página. Gertrude Stein construiu a narrativa sobre os pilares ideológicos que regeram a sua vida, como o racismo implícito que permeou as relações raciais segregadas no final do século XIX, e o machismo explícito que determinou a vida das mulheres na virada do século. Esse capítulo está voltado para a análise dos elementos que conduzem a uma interpretação contraditória da negritude na obra, mas também investiga como o machismo é apresentado na narrativa.

A partir dessas reflexões, esse capítulo está voltado para a análise dos elementos que conduzem a uma interpretação contraditória da negritude na obra, mas também investiga como o machismo é apresentado na narrativa.

Para interpretar essas vozes sociais presentes no discurso de “Melanctha” (1909), recorreremos ao *plurivocalismo bakhtiniano*, a teoria que aponta a presença de inúmeras vozes sociais no romance, por meio da língua única adotada pelo autor. Para Bakhtin (1998, p. 128), “o plurilinguismo é sempre personificado, encarnado nas imagens individuais das pessoas com as dissonâncias e as discordâncias individuais”. Sendo assim, como já apontado, o foco de investigação nesse capítulo são essas imagens individuais presentes na narrativa, com o intuito de compreender as contradições que envolvem o conceito negritude, majoritariamente em razão da ideologia da branquidade que determina o posicionamento ideológico de seus personagens.

Dessa forma, o presente capítulo se divide em duas seções: na primeira seção, “A representação da negritude na obra de Gertrude Stein: a criação de um estilo a partir de fontes europeias e norte-americanas”, apontamos as obras onde os autores abordam a negritude na obra de Gertrude Stein e como ela realiza essa abordagem da negritude a partir das suas percepções pessoais sobre o assunto; na segunda seção, “‘O Cubismo Literário’: estereótipos e

método de indução em *Melanctha*”, apresentar-se-á os mecanismos literários utilizados pelo narrador para a construção dos estereótipos raciais e de gênero, assim como os comentários da autora, Gertrude Stein, que auxiliam na construção das representações problemáticas dos negros em sua ambientação.

Apresentado o capítulo, poder-se-á prosseguir para a primeira seção sobre a representação da negritude na obra de Gertrude Stein.

4.1 A representação da negritude na obra de Gertrude Stein: A criação de um estilo partir de fontes europeias e norte-americanas

Conforme Malcolm (2008), a escrita de Gertrude Stein é pautada, majoritariamente, por suas próprias experiências, sendo necessário um trabalho de análise de suas obras em conjunto com textos produzidos por seus biógrafos, para melhor compreensão dos elementos presentes nas narrativas. Por exemplo, Malcolm (2008) comenta que “*Melanctha*” (1909) não é baseada na experiência de Stein com os negros, mas, sim, no seu relacionamento com May Bookstaver, que não deu certo, e resultou em rancores implacáveis por parte de Stein.

Inspirada pelas relações com sua empregada, Lena, e com o seu amor falido, May Bookstaver, Stein desenvolveu o Cubismo Literário, vanguarda modernista inspirada no Cubismo de Pablo Picasso e Georges Braque. Para Morrison (2020, p. 272), “o Modernismo do qual Stein é geralmente vista como precursora tem muitas formas, [como] o desfazer dos limites, a ausência de fronteiras, a mistura de linguagens e a redefinição de papéis de gênero”. Segundo a autora, um dos parâmetros para a mudança de paradigmas sociais, e que auxiliou na dissolução do que eram consideradas “fronteiras naturais”, foi a fusão racial, a miscigenação étnica estadunidense.

O Outro racial, de acordo com Morrison (2020), estimulou a produção literária, assim como das artes visuais, modernistas. A presença do Outro racial foi determinante para a configuração da literatura estadunidense. A autora comenta que essa presença do Outro racial agiu na imaginação literária estadunidense, como uma força mediadora, visível e invisível, sob as produções do período. Dessa forma, mesmo quando os textos não são, necessariamente, sobre essas presenças africanistas, de alguma forma a sombra do espectro racial ainda pairava sobre essas narrativas, por meio de implicações, sinais e linhas de demarcação.

Segundo Morrison (2020, p. 273), “nos Estados Unidos, ‘americano’ significa branco, os povos africanistas se esforçam para tornar o termo aplicável antes mesmo valendo-se de hifens e etnias”, como é o caso do termo *afro-americano*, que distingue os negros de outros

americanos “comuns”, ou seja, brancos. Para os artistas modernistas, o ato de representar o moderno na literatura envolveu a exploração do Outro africanista e a imagética a ele associados, tais como os supostos problemas com agressões, a contemplação da liberdade, a exploração da moral e da ética do povo negro, o cruzamento de religiões, as ramificações de poder, tentando analisar, assim, o corpo e a mente da população negra.

Hortense Sängler, o alter-ego negro de Stein da época de Radcliffe, mais tarde tornou-se Melanctha, em *Three Lives* (1909). Enquanto Stein é bastante clara sobre a nacionalidade de suas personagens, como é o caso de Lena e Anna na obra supracitada, apenas Melanctha não recebeu identificação nacional, mesmo tendo nascido nos Estados Unidos. Ela é negra, e, independente da obra ter sido publicada 40 anos após a proclamação da libertação dos escravizados, não tem terra natal ou designação de cidadania. Melanctha nunca é descrita como americana.

Morrison (2020) indica que o africanismo foi um mecanismo utilizado por Stein para abordar temas que ela não se sentia confortável de retratar pelo fato de provir de uma classe média branca. Esse africanismo a permitiu articular o que considerava ilegal e anárquico, como a discussão das relações das mulheres com ou sem homens, o que poderia ser polêmico se retratasse uma mulher branca em tal cenário. Como prova disso, em “Melanctha” (1909), Gertrude Stein indica que a protagonista, Melanctha, era *mestiça* (sic), portanto, resultado de uma união entre pessoas de duas etnias, branca e negra. Porém, Morrison (2020) alerta para contradição no texto de Stein, já que os dois pais de Melanctha são negros: James Herbert, pai de Melanctha, é negro retinto; e Mis Herbert, mãe de Melanctha, é uma negra clara. Logo, como Melanctha poderia ser mestiça se os seus dois pais são negros? Seria uma forma de fazer alusão a alguma traição, por parte de Mis Herbert, ou apenas uma incongruência em sua sede de construir uma imagem familiar conturbada para a protagonista? As dúvidas de Morrison (2020) podem ser infundadas, em razão da própria Mis Herbert ser “mestiça” (sic) e, portanto, ter sangue branco.

Gertrude Stein escrevia sempre, ainda que de uma maneira indireta, sobre as mulheres e os seus corpos. English (2004, p. 94) aponta que “as mulheres não eram apenas os objetos literários apropriados por Stein; elas eram o seu lugar favorito para exploração e exposição de formas de identidade modernas e nacionais e subjetividade literária distintas”⁷⁷. Para Stein, o trabalho do *New Woman's*, grupo feminista estadunidense, carregava um significado duplo: mesmo que as mulheres lutassem por seus direitos, pela sua emancipação, em seu íntimo, eram

⁷⁷ “Women were not only appropriate literary subjects for Stein; they were her preferred site for the exploration and exposition of distinctively modern and national forms of identity and literary subjectivity,”

as responsáveis pela produção de novos americanos. Independentemente de suas lutas, mulheres ainda carregavam a função social de parir novos indivíduos. Apesar disso, Stein parecia concordar com Margaret Sanger, sexóloga e feminista, e W. E. B. Du Bois; ambos explicitamente articularam essa contradição apontada por Morrison (2020) entre defender a autêntica nova mulheridade e a contínua e inevitável reprodução da raça.

Nas primeiras obras de Gertrude Stein, “as novas mulheres”, pertencentes a classe média, comumente lésbicas, reproduziam a produção cultural, enquanto as mulheres heterossexuais, da classe trabalhadora, e mulheres afro-americanas e, às vezes, mulheres brancas simples de classe média, dedicam-se do trabalho braçal, conforme English (2004).

Dessa forma, Gertrude Stein poderia desenvolver vários modelos dessas “novas mulheres” do século XX, mas sempre cairia na repetição, pois todas eram brancas, com ensino superior, da classe média e sem filhos, em consonância com English (2004). O foco da relação de Gertrude Stein com os afro-americanos se resume ao conto “Melanctha” (1909), com os personagens negros, sendo Melanctha a única protagonista negra do livro. O sucesso de “Melanctha” (1909) marca o início de uma escrita modernista experimental e, paradoxalmente, emprega estereótipos ofensivos e reacionários dos afro-americanos.

Hathaway, Jarab e Melnick (2003) indicam que, historicamente, a academia tentou ignorar os aspectos raciais do texto literário de Stein e a focar, exclusivamente, no formato inovador da história, dispersando a atenção da própria autora, que não era considerada racista. Mais recentemente, pesquisadores argumentaram sobre a necessidade de explorar a relação entre a poética da narrativa e o uso de estereótipos raciais, para entender as formas pelas quais o Modernismo estava interligado com o racismo na obra de Stein. Os autores ainda apontam que é a apropriação da música afro-americana, por parte de Stein, na produção de “Melanctha” (1909) que preenche o enorme rombo na compreensão do texto, assim como no seu súbito interesse nos afro-americanos e na sua arte.

Gertrude Stein não sofreu críticas severas a sua escrita em seu período, como mostraremos a seguir, veio da necessidade premente dos negros de serem reconhecidos como criaturas subjetivas de valor positivo. Sendo assim, quanto a crítica dos estereótipos raciais usados em “Melanctha” (1909), pouco foi feito sobre esse tema, desde que, na época da publicação do texto, muitos escritores afro-americanos creditaram-no como um marco que inaugurava uma nova era na representação dos afro-americanos por escritores brancos. Entre eles, James Weldon Johnson (1871-1938) definiu Gertrude Stein como a primeira escritora branca a tratar os personagens afro-americanos como “membros normais de uma família

humana”⁷⁸ (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003, p. 116). Já Erick Walrond (1898-1966), supostamente, disse à Leo Stein que “Gertrude Stein foi a primeira branca que deu psicologia real ao negro”⁷⁹ (idem). Assim como Nella Larsen (1891-1964), que escreveu, em uma carta para Stein, “eu nunca canso de imaginar como você veio a escrever isso e apenas o porquê você e não um de nós pode, de forma tão realista, captar o espírito da minha raça”⁸⁰ (ibidem). Enquanto isso, Richard Wright (1908-1960) adorou “Melanctha” (1909), pois o texto o possibilitou a ouvir o inglês dos negros, como eles o falavam, de forma “melodiosa, dobrada, dura, infecciosa, risonha, cortada... e não apenas palavras, mas com padrões psicológicos sinuosos, que persistem por trás delas”⁸¹ (ibidem).

Ainda sobre isso, Clarence Major (1936) argumentou que os personagens negros anteriores à “Melanctha” (1909), criados tanto por escritores negros quanto brancos, não possuíam nada da humanidade de Jeff Campbell e Melanctha Herbert. Nesse sentido, Gertrude Stein superou a tradição literária dos escritores estadunidenses, que retratavam os personagens negros como subumanos ou tolos. Apesar dos estereótipos raciais óbvios na obra de Stein, para Hathaway, Jarab e Melnick (2003) esses depoimentos positivos provindos dos escritores negros, foram surpreendentes. Essas palavras positivas dos autores provavelmente derivaram do resultado da exposição das experiências de Gertrude Stein, na Europa e nos Estados Unidos, na narrativa, em “Melanctha” (1909).

Com isso, Gertrude Stein pode utilizar as suas próprias experiências, tanto da infância quanto da juventude, para escrever sobre sexualidade e recriar os conflitos internalizados e familiares, expressados por meio dos personagens estereotipados. Para essa narrativa, Stein saiu da sua zona de conforto, localizada no mundo anglo-saxão e de classe média alta, para o desconhecido e marginalizado universo da comunidade afro-americana de Baltimore, realocando a história centralizada nos parâmetros da branquidade pura para as margens mais “sujas” da sociedade, o que diz muito sobre a autora.

Hathaway, Jarab e Melnick (2003) indicam que, a utilização do contexto afro-americano também sugeriu o distanciamento que Stein sentia quanto a sua sexualidade, pois a ajudou a confrontar as suas origens em um berço da classe média judia. Assim, Stein preferiu morar na vizinhança onde os imigrantes residiam juntos com a classe média afro-americana, ao invés do

⁷⁸ “Normal members of a human family.”

⁷⁹ “Gertrude Stein was the first white person who had given real Negro psychology.”

⁸⁰ “I never cease of wonder how you came to write it and just why you and not some one of us should so accurately have caught the spirit of the race of mine.”

⁸¹ “Melodious, tolling, rough, infectious.... Laughing, cutting... and not only the words, but the winding psychological patterns that lay behind them.” (tradução nossa)

bairro de classe média germano-judaica onde a sua família vivia, pois ela queria ter contato com a diversidade linguística e cultural dessa localidade.

Para Morrison (2020), o fato de Gertrude Stein se apropriar da cultura afro-americana para abordar uma temática considerada polêmica, para o período, como a sexualidade feminina, é comparável ao experimento do médico francês que queria testar a eficácia de seus aparelhos ginecológicos e que, para isso, decidiu utilizá-los com a sua criada negra: invasivo, perigoso e insensível. Para a autora, Stein se sentiu confortável ao esmiuçar a sexualidade feminina com personagens negras, pois o corpo em questão, o corpo da mulher negra, parecia oferecer-se sem resistência para tal experimento, estando inteiramente disponível para o desdobramento “do ilegal, do ilícito, do perigoso e do novo” (MORRISON, 2020, p.281).

Contrariando esse estereótipo de mulheres negras analfabetas e brutalizadas, o fato de utilizar personagens femininos alfabetizados ou com ensino superior, não é tanto para fugir do estereótipo da mulher ignorante em busca do casamento, mas, sim, para explorar por meio dessas personagens, a subjetividade moderna extrínseca ao casamento, assim como para evitar as narrativas de convenções sociais e sexuais, como explica English (2004).

Sendo assim, English (2004) explica que Stein usava um modelo imaginado de negritude, que se articula/expressa por meio de uma forma inventada de linguagem que pode ser entendida como uma mímica da fala dos negros, para dar vasão aos seus projetos estéticos na obra: “Mesmo que fosse verdade que Stein estava apenas abstraindo a retórica racial em razão dos seus experimentos literários,” diz a autora, “ela a constrói do nada e depende de uma negritude imaginada para conduzir o seu experimento”⁸² (ENGLISH, 2004, p. 97).

Three Lives (1909) tem também raízes europeias, inspiradas no livro de Gustave Flaubert, *Trois Contes* (1877) e nas pinturas de Paul Cézanne, como visto na **figura 10**. Para Aguiar e Queiroz (2015), *Three Lives* (1909) pode ser interpretado como uma tradução da obra de Cézanne. Segundo Abreu (2008, p. 41), *Three Lives* (1909) “constituiu o primeiro esforço da autora no sentido de criar um novo modo de realismo análogo ao de Cézanne no seu próprio meio”.

⁸² “Even if it is true that Stein was merely abstracting racial rhetoric for literary-experimental ends, she nonetheless constructs and depends on an imagined field of blackness in order to conduct that experimentation.” (tradução nossa)

Figura 10 – *Portrait of Mme. Cézanne*, 1886. Paul Cézanne.



Fonte: www.wikiart.org, 2021.

Em *Trois Contes* (1877), de Gustave Flaubert, somos apresentados a três contos: “Un Coeur Simple”, “Saint Julien” e “Heródias”. Diferente de *Three Lives* (1909), os três contos possuem narrativas totalmente distintas, sem similaridades entre si. O primeiro conto, “Um Coeur Simple”, é, provavelmente, a principal inspiração de Stein para o seu primeiro livro. Nele é narrada a vida de Félicité, uma trabalhadora incansável que se dedica a sua patroa, a Sra. Aubain, até o fim de sua vida. A história em muito se assemelha com os textos de “The Good Anna” e “The Gentle Lena”, que se dedicam a analisar com um olhar microscópico a vida de duas empregadas dedicadas.

No texto de apresentação da edição brasileira de *Trois Contes* (1877), publicada pela Editora 34, Samuel Titan Jr comenta que “o conto trata com honras de personagem principal uma figura que, o mais das vezes, seria mais uma na multidão de personagens secundários que povoam um romance” (FLAUBERT, 2019, p. 10), sendo esse o caráter principal de *Three Lives* (1909): dar espaço para personagens marginalizadas.

Em “Un Coeur Simple”, Félicité é a responsável por cuidar dos filhos da sra. Aubain, Virginie e Paul, até que Virginie seja enviada para um convento. Em determinado momento da história, que se passa na Normandia, eles fazem uma viagem para o interior, para Trouville. Esses detalhes são mencionados, pois, em “The Good Anna”, Anna também cuida de duas crianças, Edgar e Jane, sobrinhos de Miss Mary Wadsmith, e os três também fazem uma viagem para a casa de veraneio dos Wadsmith. As duas mulheres, Félicité e Anna, possuem animais de

estimação muito amados: para Félicité, o papagaio Lulu; para Anna, os cães Peter e Rags. Dessa forma, Gertrude Stein se apropria da ideia inicial de Flaubert e a expande, dando voz e espaço para uma classe considerada subalterna.

Já as origens estadunidenses de *Three Lives* (1909) residem nas várias expressões da cultura popular americana. Os contos “The Good Anna” e “The Gentle Lena” são provenientes de uma narrativa imigratória, muito popular na virada do século, tendo como exemplos o livro *How the Other Half Lives* (1890), de Jacob Rii, assim como as narrativas imigratórias⁸³ que apareceram no jornal de Hamilton Holt, o *Independent*. Os estudos de Stein em psicologia, com Wiliam James, em Harvard, também serviram de inspiração para a narrativa (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003).

O uso da repetição e a imprecisão no texto de Stein são derivados da sua percepção do cotidiano, do discurso das pessoas comuns, conforme Hathaway, Jarab e Melnick (2003). A *imprecisão* no texto de Stein se configura pela relutância em construir a personalidade do personagem em parágrafos, mas, sim, com detalhes espalhados ao longo da narrativa. Relacionado o interesse de Stein com o vernáculo, os autores comentam um artigo escrito por Carla Peterson, que determina que “Melanctha” (1909) tem as suas origens, também, na música popular afro-americana, da década de 1890, quando Gertrude Stein era uma estudante de medicina no *Johns Hopkins Medical School*.

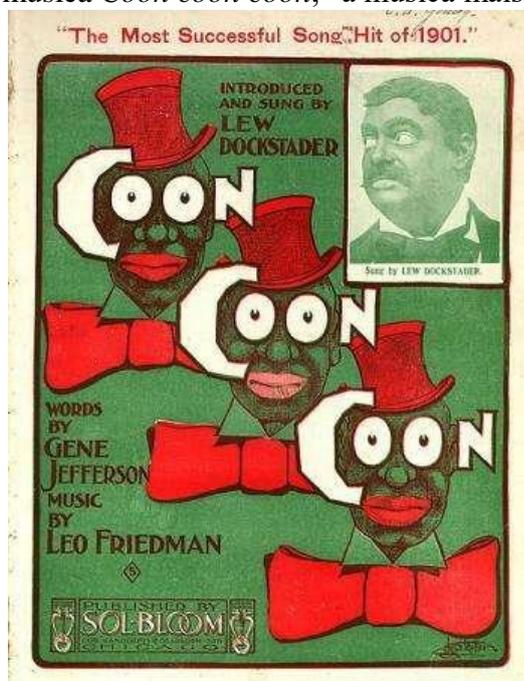
Segundo Hathaway, Jarab e Melnick (2003), Peterson explica que, em “Melanctha” (1909), Stein tomou emprestado os estereótipos do tradicional estilo musical *coon*⁸⁴, como visto no cartaz apresentado na **figura 11**, famoso no final do século XIX. As músicas, que eram cantadas por negros e brancos, tinham origens miscigenadas. A tradição provém dos shows dos menestréis, o que, em si, já era uma mistura da cultura artística euro-americana, com músicas e danças folclóricas escocesas e irlandesas, músicas e histórias sobre a fronteira americana, assim

⁸³ Narrativas epistolares de imigrantes que ganharam destaque no supracitado jornal.

⁸⁴ As *coon songs* foram um estilo musical que apresentava estereótipos raciais de pessoas negras. Elas foram populares nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, entre 1880 e 1920, com as primeiras músicas datadas de 1848, apresentadas nos shows dos menestréis. O gênero se tornou extremamente popular, com homens brancos e negros performando as canções com pintura *blackface*. As mulheres que cantavam o gênero eram conhecidas como *coon shouters*. A própria palavra *coon* é equivalente a *nigga*, sendo considerada uma palavra tabu no dicionário inglês.

como passos de dança, expressões folclóricas e instrumentos afro-americanos, como o banjo e o *jawbone*⁸⁵.

Figura 11 – Cartaz da música *Coon coon coon*, “a música mais famosa de 1901”. 1901.



Fonte: www.wikipedia.org, 2021.

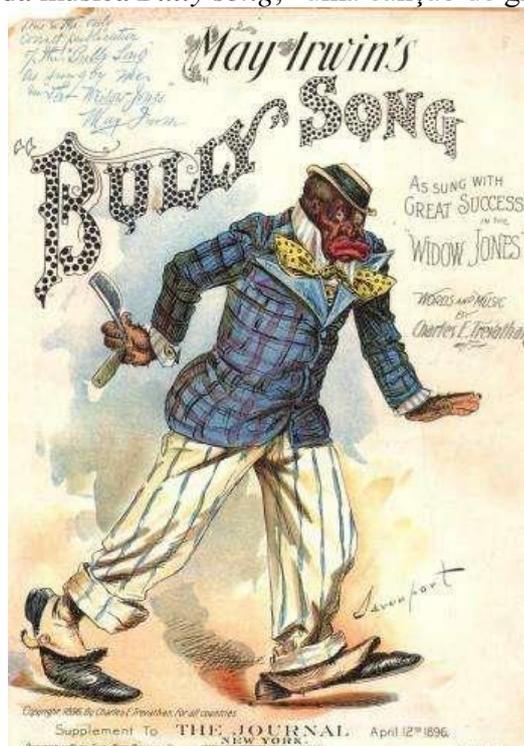
De acordo com Peterson (*apud* HATHWAY, JARAB, MELNICK, 2003), os personagens James Herbert, Jem Richards e Rose Johnson, de “Melanctha” (1909), foram inspirados nas canções *My coal black lady* e a ‘*Bully*’ song, de May Irwin, conforme o cartaz apresentado na **figura 12**. Os estereótipos raciais da narrativa podem provir dessas canções, mas o estilo da prosa, e sua conseqüente sensibilidade e inovação, são influência direta do *blues*.



85

O *jawbone* ou quijada ou charrasca, é um instrumento feito do maxilar do burro, do cavalo ou do gado mudo, sendo um instrumento de percussão idiofônico, que gera um poderoso zumbido. A mandíbula do animal é limpa dos tecidos e seca para fazer os dentes se soltarem e agirem como um chocalho.

Figura 12 – Cartaz da música *Bully song*, “uma canção de grande sucesso”. 1896.



Fonte: www.library.duke.edu, 2021.

Em *My coal black lady, coon song* escrita por W. T. Jefferson, datada do ano de 1896, é narrada a história de um casal, onde a mulher é preta como um carvão. Na letra, a música diz “a sua cor é escura, mas ela é uma dama”⁸⁶ (JEFFERSON, 1896, online), o que define bem Rose Johnson, personagem de “Melanctha” (1909). No conto, Rose Johnson alega sempre estar noiva de seus namorados, “Rose manteve-se acompanhada e estava noiva, primeiro desse negro e depois de outro, e sempre se assegurou de estar noiva, por Rose ter um forte senso de uma conduta apropriada”⁸⁷ (STEIN, 1933, p. 88).

Além disso, Rose Johnson é caracterizada como “uma negra de verdade, alta, forte, taciturna, estúpida, infantil e bela negra”⁸⁸ (STEIN, 1933, p. 85), o que é uma boa referência para o título da *coon song*, uma senhora preta como um carvão. Outra semelhança é o fato da dama da letra “não ter necessidade de dinheiro”⁸⁹ (JEFFERSON, 1896, online), quando os brancos que criaram Rose deixaram uma quantia em dinheiro para ela, “o povo branco dela deixou um pouco de dinheiro para os cuidados com Rose, e ela tinha esse dinheiro às vezes”⁹⁰

⁸⁶ “Her color’s shady, but she’s a lady.”

⁸⁷ “Rose kept company and was engaged, first to this colored man and then to that, and always she made sure she was engaged, for Rose had strong the sense of proper conduct.”

⁸⁸ “A real black, tall, well built, sullen, stupid, childlike, good looking negress.”

⁸⁹ “Has no use for money.”

⁹⁰ “Her white folks left a little money to take care of Rose, and this money she got every little while.”

(STEIN, 1933, p. 88). Logo, Rose Johnson era independente, sem precisar do auxílio do marido, Sam, quanto à dinheiro.

Outra semelhança entre *My coal black lady* (1896) e “Melanctha” (1909) é o trecho “quando nós começamos uma caminhada/ nós apenas deixamos todos eles falando”⁹¹, pois quando Melanctha e Rose passaram a conviver e a andar juntas por Bridgepoint, foram consideradas, pela cidade, e pelo narrador, como negras da melhor espécie, “ela [Melanctha] e Rose Johnson eram ambas o melhor tipo de negras dali de Bridgepoint”⁹² (STEIN, 1933, p. 86).

Ademais, Rose Johnson se esforça para ser identificada como uma negra diferente, especial. Ela repete, “não, eu não sou uma nêga (sic) qualquer porque fui criada por brancos e Melanctha, ela é tão brilhante e aprendeu tanto na escola, ela não é uma nêga (sic) qualquer também”⁹³ (STEIN, 1933, p. 86). Para Rose, as duas nada mais são do que duas damas; Rose, por ter sido criada por brancos e Melanctha, por ser quase branca.

Já em *Bully song*, de May Irwin, também do ano de 1896, conta a história de um negro violento, um valentão, que está à procura de um outro negro que o ofendeu, pronto para esfaqueá-lo com a sua navalha. A música apresenta similaridades com a cena, em “Melanctha” (1909), onde James Herbert, pai da protagonista, entra em uma briga de facas com John, o cocheiro dos Bishops, após ouvi-lo falar, com bastante ênfase, dos atributos da mesma.

Na letra, a *coon song* diz, “eu fui voando para Parson Jones/ levei comigo a minha navalha para entalhar os ossos daquele nêgo (sic)/ apenas procurando por aquele valentão, para ouvir os seus grunhidos”⁹⁴ (IRWIN, 1896, online). Em “Melanctha” (1909), sabemos que “James Herbert conhecia esse John muito bem”⁹⁵ (STEIN, 1933, p. 91), antes da briga. Ao saber que Melanctha vagava pela fazenda dos Bishops, James vai para casa, furioso, ameaçando matá-la se descobrisse que ela estava com John novamente, “se ela ir (sic) para os estábulos dos Bishops de novo, com aquele homem John, eu juro que vou matá-la”⁹⁶ (STEIN, 1933, p. 91).

Na obra, James e John são amigos de copo, e se encontram para beber. John, já um pouco bêbado, começa a elogiar Melanctha, “talvez o bom John já tivesse bebido uma boa quantia de licor, talvez havia o brilho de alguma coisa mais suave do que o sentimento de um

⁹¹ “When we start a-walkin’/ we just set’ em all a-talkin’.”

⁹² “She [Melanctha] and Rose Johnson were both of the better sort of negroes, there, in Bridgepoint.”

⁹³ “No, I ain’t no common nigger for I was raised by white folks and Melanctha she is so bright and learned so much in school, she ain’t no common nigger either.”

⁹⁴ “I went to a wingin’ down at Parson Jones/ took along my trust blade to carve dat nigger’s bones/ Just a lookin’ for dat bully, to hear his groans.”

⁹⁵ “James Herbert knew this John very well.”

⁹⁶ “If she is to the Bishops’ stables again, with that man John, I swear I kill her.” (tradução nossa)

velho amigo na forma em que John falava de Melanctha”⁹⁷ (STEIN, 1933, p. 93). A reação de James não poderia ser pior; “James Herbert era sempre um negro feroz, desconfiado e sério e beber nunca o fez sentir mais aberto”⁹⁸ (STEIN, 1933, p. 94).

Na letra de *Bully song* (1896), “eu estive procurando por você, nêgo (sic), e eu encontrei você/ navalhas voando, armas de nêgos (sic) grasnando/ eu subo naquele valentão como um gavião”⁹⁹ (IRWIN, 1896, online), em uma narração de uma briga de facas onde o valentão sai vencedor. Em “Melanctha” (1909), o narrador descreve que “de repente, entre eles, surgiu um momento cheio de palavrões negros pesados, e então navalhas afiadas brilharam em mãos negras, que os prendeu atirados para trás no estilo dos negros e então, por alguns minutos, havia um cortar feroz” (STEIN, 1933, p. 94). Eles brigaram, mas, por mais que John estivesse bêbado e fosse mais fraco do que James, ele saiu vencedor, deixando um “corte profundo que ia de seu ombro direito para baixo, na parte da frente de todo o seu corpo”¹⁰⁰ (STEIN, 1933, p. 94) em James Herbert.

Na canção, o valentão sai vencedor, “quando eu venci o valentão, um médico e a enfermeira/ não eram bons para aquele nêgo (sic), então eles o botaram em um rabeção” (IRWIN, 1896, online). Em “Melanctha” (1909), James Herbert “foi segurado por outros negros até que esteve limpo e medicado, e ele foi colocado na cama para curar a bebedeira e a luta” (STEIN, 1933, p. 94). A derrota não ficou muito tempo em sua mente e logo ele esqueceu de tudo.

Conforme Hathaway, Jarab e Melnick (2003, p. 116), as primeiras músicas do *blues* tem como tema principal os problemas como traição, solidão, má sorte e os tempos difíceis passados pelos negros. Em “Melanctha” (1909), Jane Harden e Melanctha *vagam*, como descrito no texto de Stein, por esses locais permeados pelo *blues*, como ferrovias e choupanas. As duas personagens são descritas como mulheres do *blues*, que zombam das convenções sociais para ganhar mobilidade geográfica e liberdade para expressar a sua sexualidade como desejam. Os autores destacam que se Stein propõe uma hierarquia racial, colocando no seu topo as mulheres mestiças (sic) ou as negras mais claras “é porque no mundo do *blues* são as mulheres negras de pele clara que são mais autossuficientes e imprevisíveis”¹⁰¹. As *coon songs* ofereceram a Stein

⁹⁷ “Perhaps the good John had been drinking a good deal of liquor, perhaps there was a gleam of something softer than the feeling of a friendly elder in the way John then spoke of Melanctha.”

⁹⁸ “James Herbert was always a fierce, suspicious, serious negro, and drinking never made him feel more open.”

⁹⁹ “I’ve been looking for you, nigger, and I’ve got you found/ razors ‘gun a flyin’, niggers ‘gun to squawk/ I lit upon that bully just like a sparrow hawk.”

¹⁰⁰ “Strong cut that went from his right shoulder down across the front of his whole body.” (tradução nossa)

¹⁰¹ “It is because in the world of the blues it is the light-skinned women who are most self-sufficient and unpredictable.” (tradução nossa)

os estereótipos, mas a poesia dos primeiros *blues*, e a abordagem direta da sexualidade feminina neles, como também o uso único da repetição, muito emprestou para a forma final da inovação narrativa que ela queria propor.

Em “Melanctha” (1909), Stein utiliza a repetição para desestabilizar o significado, antecipando os teóricos da desconstrução¹⁰², como Jacques Derrida e J. Hillis Miller. A repetição é usada para ridicularizar dos estereótipos. Entretanto, conforme Hathaway, Jarab e Melnick (2003), se nos primeiros blues a repetição é usada para catalisar os sentimentos do cantor, no texto de Gertrude Stein é usada para desenvolver o seu estilo de narrativa.

Ainda, para Hathaway, Jarab e Melnick (2003, p. 118), ““Melanctha” revela em sua sonoridade e padrão de discurso que se torna uma canção, aquilo que Sherley Anne William maravilhosamente ilustra como uma descrição da repetição do *blues*”¹⁰³. Segundo os autores, a repetição no *blues* é raramente palavra por palavra, exprimindo nas letras das canções a contínua preocupação com os problemas do intérprete, incluindo mudanças na entonação quando cantadas, que mudam o significado não das palavras, mas de frases inteiras. A repetição no *blues* não apenas desestabiliza o significado, mas, por meio da ironia, proporciona uma atmosfera na qual a análise encontra novos significados para as mesmas palavras. A repetição, adotada pelos afro-americanos na sua linguagem, muda o significado das palavras a cada vez que são ditas.

Em *Portraits and Repetition* (1935), baseado na sua experiência de vida em Baltimore, Gertrude Stein resgata aquilo com o que ela ficou fascinada, a repetição no discurso coloquial. Ali ela viveu com um grupo muito animado de tias, que, de acordo com Hathaway, Jarab e Melnick (2003), transmitiam a impressão de que de tudo sabiam. Ao ouvir as histórias contadas por essas senhoras, várias e várias vezes, ela entendeu que “ali não havia repetição, porque a essência dessa expressão é a insistência, e, se você insistir, você será enfático a cada vez, e, se você é enfático, não é possível que enquanto qualquer um viva essa mesma ênfase seja utilizada”¹⁰⁴ (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003, p. 118).

¹⁰² A **desconstrução** envolve a leitura atenta dos textos para demonstrar que qualquer texto tem significados contraditórios irreconciliáveis, ao invés de um texto lógico e unificado. Como comenta J. Hillis Miller no seu ensaio *Stevens' Rock and Criticism Cure* (1976), “a desconstrução não é um desmantelamento da estrutura do texto, mas uma demonstração de que ele já se desmontou. Seu solo aparentemente sólido não é rocha, mas ar rarefeito”. MAMBROL, Nasrullah. **Desconstrução**. 2016. Disponível em: <<https://literariness.org/2016/03/22/deconstruction/>>. Acesso em: 18 abr 2021.

¹⁰³ ““Melanctha” revels in sounds and patterns of speech-become-song that wonderfully illustrate Sherley Anne William’s description of repetition in *blues*.” (tradução nossa)

¹⁰⁴ “There can be no repetition because the essence of that expression is insistence, and if you insist you must each time use emphasis and if you use emphasis it is not possible while anybody is alive that they should use exactly the same emphasis.” (tradução nossa)

Sendo assim, as tias que conviveram com Gertrude Stein chamaram a sua atenção para a repetição no discurso coloquial. Mas os primeiros *blues* inspiraram, se não instruíram, o uso da repetição nos seus textos. Essa lição sobre repetição deixou uma impressão duradoura em Stein e contou para o seu interesse distinto pelos afro-americanos. Quando Stein se inspirou pelos traços culturais dos afro-americanos, formulou as suas ideias de criatividade em cima das experiências destes com a marginalidade (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003).

Logo, quando Stein encontrou-se com Paul e Essie Robeson¹⁰⁵, em novembro de 1925 em Paris, ela escreveu um *portrait*¹⁰⁶ chamando *Among Negroes*. O texto trata das percepções de Stein sobre o encontro, protagonizado por Robinson e três afro-americanas, Josephine Baker, Maud de Forrest e Ida Lewelyn, que estrelavam a peça *Revue Nègre*, como exposto no cartaz na **figura 13**.

Figura 13 – *Revue Nègre*, 1925.



Fonte: www.billposters.fr, 2021.

Todos os afro-americanos que Gertrude Stein conheceu no intervalo de 30 anos, desde 1904, quando saiu dos Estados Unidos, até 1934, quando ela voltou, eram artistas. Então, no momento em que pisou em solo estadunidense para uma turnê de sete meses para a leitura de

¹⁰⁵ **Paul Robeson** (1898-1976) foi um renomado ator, atleta, cantor, escritor e ativista pelos direitos civis dos negros. **Essie Robeson** (1895-1965), sua esposa, foi uma antropóloga, escritora, atriz e também ativista pelos direitos civis dos negros.

¹⁰⁶ Os *portraits*, ou retratos, eram textos breves escritos por Gertrude Stein sobre os seus amigos ou experiências que desejava lembrar.

seus livros, ela estava sedenta para conversar com todos os afro-americanos que ela pudesse encontrar. Esse intercâmbio cultural incluiu o elenco negro da ópera escrita por ela, *Four Saints in Three Acts* (1927), musicalizada por Virgil Thomson, como visto na **figura 14**, e uma recepção organizada por Carl Van Vechten, agente literário de Stein, na qual estavam presentes James Weldon Johnson, escritor negro, e Walter White, líder da NAACP, entre outros muitos intelectuais e artistas que Stein encontrou (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003).

Figura 14 – *Four Saints in Three Acts*, 1927.



Fonte: www.connecticuthistory.org, 2021.

Conforme Hathaway, Jarab e Melnick (2003) seu contato com os afro-americanos continuou no Texas. Nesse estado, ela discutiu sobre o sistema de justiça criminal com um chofer e encontrou o elenco de *Porgy & Bess*, ópera de Geogre Gerwish. Em Chicago, ela fez uma turnê pelo gueto em um camburão e visitou uma das casas apinhadas de gente. A abordagem dos afro-americanos em *Among Negroes* pode parecer condescendente e ingênua para muitos leitores. Ainda assim, o seu *portrait* dos afro-americanos incluíam a *todos*, desde professores de músicas até atores, e de garçons até educadores, inclusive o líder da NAACP (HATHAWAY, JARAB, MELNICK, 2003).

Entretanto, Gertrude Stein também incluiu o lado mais sombrio da vida dos afro-americanos em seu texto. O paralelo que Stein traça entre as condições de vida dos afro-americanos em Chicago e na cidade de Baltimore leva ela a conclusão que a vida dos negros nos Estados Unidos não mudou em 30 anos. Em *Everybody's Autobiography* (1937) é ainda mais perceptível o interesse de Stein pela experiência dos afro-americanos, assim como pela extensão da opressão racial no país, conforme Hathaway, Jarab e Melnick (2003).

Segundo os autores, Gertrude Stein nunca reconheceu o seu débito com a tradição musical dos afro-americanos, que ela utilizou no processo de composição e criação de “Melanctha” (1909). Para eles, Stein temia ser relacionada com a negritude, ser identificada

como uma *negra*. A apropriação e estereotipação do povo negro foi problemática, ao Stein utilizar-se da cultura negra para promover a sua obra.

4.2 O Cubismo Literário: estereótipos e o método de indução em *Melanctha*

Mikhail Bakhtin (1895-1975), formalista russo responsável pelo desenvolvimento das bases da Análise do Discurso, apresentou a teoria das vozes sociais dialogizadas presentes no discurso. Conforme Bakhtin, a língua do romance nunca é única, mas, sim, é o resultado da estratificação da linguagem que condiciona o texto à contradições e intenções diferentes, que lutam entre si.

Para Bakhtin (1998), o *rasnorítchie*, ou o pluridiscorso presente no romance, resulta da palavra *bivocal especial*, que serve à dois locutores e exprime duas intenções diferentes, simultaneamente: tanto a intenção direta do personagem que verbaliza quanto a intenção refratada do próprio autor. Logo, no discurso do romance sempre há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. O dialogismo está diretamente ligado ao fato das vozes se conhecerem e conversarem entre si.

Conforme Bubnova (2011), o termo *voz*, utilizado por Bakhtin, é usado no sentido metafórico, desde que o autor não se refere a uma emissão vocal, mas a uma opinião, um ponto de vista, uma postura ideológica. Logo, a palavra *bivocal especial* é, genuinamente, o encontro desse posicionamento contraditório e duplo do enunciado. O próprio enunciado é uma metáfora para a oralidade codificada na escrita, sendo o enunciado a unidade mínima do sentido, tornando-se o espaço apropriado para o confronto das vozes sociais contraditórias que induzem a uma resposta.

No contexto desse debate, Bakhtin (2010) desenvolve o conceito de *heteroglossia* (plurilinguismo ou pluridiscorso). O autor enfatiza que o verdadeiro meio da enunciação é o confronto entre as diversas vozes sociais, é a heteroglossia, que se efetiva no universo das relações dialógicas. Segundo Faraco (2009 *apud* SIPRIANO E GONÇALVES, 2017), o termo heteroglossia se refere à realidade heterogênea da linguagem, que é permeada por confrontos, por meio de múltiplas vozes sociais. Dentro da heteroglossia, consideramos a *pluralidade discursiva*, que é definida como uma “coexistência de uma multiplicidade de várias formas linguísticas que competem entre si, associados a certos pontos de vista ideológicos” (LAHTEENMÄKI, 2005, p. 43 *apud* SIPRIANO E GONÇALVES, 2017, p. 68).

Para isso, é relevante salientar o caráter múltiplo das línguas, que é estratificada pelos índices sociais de valor, provindos da “diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais” (FARACO, 2009, p. 57 *apud* SIPRIANO E GONÇALVES, 2017, p. 69), sendo a língua um conjunto de perspectivas ideológicas que estão em constante competição.

De acordo com Sipriano e Gonçalves (2017, p. 71), “a heteroglossia diz respeito à multiplicidade de vozes sociais conflitantes, em disputa por posições de controle e hegemonia”. É dentro da heteroglossia que o dialogismo se manifesta, possibilitando um jogo dialógico de valores antagônicos.

Para Bakhtin (2016, p. 49), “a representação literária respectiva, a imagem do objeto, pode ser penetrada por esse jogo dialógico de intenções verbalizadas que nele se encontram e se entrelaçam, pode não abafá-las, mas ativá-las e organizá-las”, tornando o discurso um espaço estratificado de forças contraditórias que se intensificam e se destacam no ato de responder umas às outras.

Ainda conforme Bakhtin (2015, p. 51), “o artista da prosa exige esse heterodiscurso social em torno do objeto até atingir a imagem acabada, penetrada pela plenitude dos ecos dialógicos”, ou seja, em todo romance há a presença intrínseca da heteroglossia, em razão dos múltiplos discursos emitidos pelas personagens, que dialogam entre si e com o leitor.

Em *Three Lives* (1909), de Gertrude Stein, somos introduzidos às vidas árduas de três personagens: Anna, Melanctha e Lena. As histórias de vida de Anna e Lena são tratadas com solenidade pelo narrador, que as respeita e as admira profundamente, em razão das trajetórias de imigração e trabalho dedicado expostas nas narrativas. As duas mulheres são apresentadas como mártires e as suas mortes são devidamente lamentadas pelo narrador. Porém, quando se trata de “Melanctha” (1909), o narrador aborda a sua vida com condescendência, constantemente julgando-a por suas atitudes e a sua morte é descrita com um distanciamento inadequado, diferente das descrições das mortes das imigrantes.

No processo de construção da narrativa, Gertrude Stein utilizou uma técnica avançada de repetição, em uma tentativa de abstrair o sentido, ao mesmo tempo que o reforça, pois, de acordo com Abreu (2008, p. 46), “a superfície assertiva do texto, repleta de deformações na sintaxe e repetições de palavras e estruturas sintáticas, dificulta a compreensão do leitor, forçando-o a participar no seu padrão rítmico”. Por meio dessas repetições, Stein construiu as bases do Cubismo Literário, em que “padrões de palavras começam com uma mera repetição e

acumulam significado por associação e justaposição, fragmentação e ramificação”¹⁰⁷ (LUCARELLI, 2013, p. 2).

Com isso, Stein pode desenvolver o fluxo de pensamento, presente na narrativa por meio da repetição de palavras de um mesmo grupo lexical e da metonímia, ou seja, quando uma palavra é utilizada com um outro significado, como é o caso da célebre frase “estrada que conduz para a sabedoria”¹⁰⁸ (STEIN, 1933, p. 100), que é repetida com variações como “sabedoria do mundo”¹⁰⁹ (STEIN, 1933, p. 103) e “a sabedoria real”¹¹⁰ (STEIN, 1933, p. 116), para se referenciar à sexualidade em florescimento de Melanctha.

Outra repetição notável na obra é a frase “meter-se em problema”¹¹¹ (STEIN, 1933, p. 99) e “apenas encontrar novas formas de se meter em problemas”¹¹² (STEIN, 1933, p. 89, p. 93) e “apenas encontrar novas formas de ficar feliz”¹¹³ (STEIN, 1933, p. 92). Outro termo metonímico presente na narrativa é *wandering*, ou o vagar, que representa os encontros clandestinos que Melanctha tem com os homens. Na narrativa, o termo aparece em fragmentos como “Melanctha vagou abertamente, ela estava realmente muito segura com todo o seu vagar”¹¹⁴ (STEIN, 1933, p. 97) e “Melanctha gostava de vagar”¹¹⁵ (idem) e “Melanctha Herbert logo sempre vagava com ela [Rose]”¹¹⁶ (STEIN, 1933, p. 104).

Para Bubnova (2011), o mundo não é compreendido apenas por meio dos sentidos físicos, como também pelos valores morais, que são representados pela valoração proveniente dos atos do falante, que são realizados na presença e com a cooperação de outro ser humano, a partir do que a Bubnova (2011) chama de ótica tripla: o *eu-por-mim*, o *eu-para-outro* e o *outro-para-mim*; essas classificações induzem à conclusão de que nossa atividade é dependente da sempre abstrata participação do outro.

Para Bakhtin (2015, p. 68-69), “quanto mais longa for essa saturação estratificadora, quanto mais amplo for o círculo social por ela abrangido e, por conseguinte, quanto mais essencial for a força social que produz a estratificação da língua, tanto mais acentuadas e sólidas serão as marcas”. Logo, na pesquisa, são investigadas essas marcas de estratificação social,

¹⁰⁷ “Words patterns begin with mere repetition and accumulate meaning by association and juxtaposition, splinter e ramify.”

¹⁰⁸ “Road that leads to wisdom.”

¹⁰⁹ “World wisdom.”

¹¹⁰ “The real wisdom.” (tradução nossa)

¹¹¹ “Keep herself in trouble.”

¹¹² “Find new ways to be in trouble.”

¹¹³ “Only find new ways to get excited.”

¹¹⁴ “Melanctha wandered widely, she was really very safe with all her wandering.”

¹¹⁵ “Melanctha liked to wander.”

¹¹⁶ “Melanctha Herbert soon Always wandered with her.” (tradução nossa)

estando presentes em “Melanctha” (1909) as vozes sociais, distintas e contraditórias, da negritude e da branquidade, e de um machismo explícito, mesmo que seu contraponto, o feminismo, apareça mascarado pelas intenções negativas do narrador, como posteriormente apresentado no capítulo.

Para tanto, analisamos as relações dialógicas do discurso, a partir de dois mecanismos: na heteroglossia, destacaram-se as falas realizadas por meio do discurso direto, do discurso indireto e do discurso indireto livre, sendo esta categoria chamada de “discurso citado”. Já o segundo mecanismo de “acentos apreciativos”, como os adjetivos, os verbos, os advérbios e as aspas, para determinar as marcas discursivas das vozes sociais, aproveitaremos da característica da escrita de Gertrude Stein, com a repetição, para analisarmos o discurso oriundo desta, o que apresentaremos ao longo desta seção.

Conforme Bechara (2009, p. 584), no discurso direto, “reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo”, como quando James Herbert questiona a Mis Herbert, sua esposa, “onde está aquela sua Melanctha?”¹¹⁷ (STEIN, 1933, p. 94) ou “ei, sua linda menina amarela, você quer vir vê-lo cozinhar?”¹¹⁸ (STEIN, 1933, p. 98). No discurso direto é mais difícil distinguir qual a voz prevalece, se a do personagem ou a do narrador, mas, em alguns casos, como na fala de Jeff Campbell, “eu sou um homem negro e não lamento, e eu quero ver os negros gostarem do que é bom e quero que eles tenham isso, e isso é, que eles vivam regularmente e trabalhem duro” (STEIN, 1933, p. 117), é explícita a influência do narrador em seus desejos para a vida do povo negro, como também na fala de Rose Johnson, “não, eu não sou uma nêga (sic) qualquer, porque fui criada por brancos”¹¹⁹ (STEIN, 1933, p. 86), pois a personagem destaca a sua superioridade quanto aos outros negros porque é uma *negra criada por brancos*, não uma negra comum. O narrador segrega os seus personagens entre negros e mestiços (sic), e, no caso de Rose, ela não é uma negra comum por ter sido criada sob a influência da branquidade.

Segundo Bechara (2009, p. 584, grifo do autor), “os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor”. No discurso indireto é mais perceptível a influência do narrador, como em “quando ele disse como um homem branco no extremo sul tentou matá-lo porque ele fez um deles descer do trem entre estações”¹²⁰ (STEIN,

¹¹⁷ “Where’s that Melanctha, of yours?”

¹¹⁸ “Hullo, that’s a pretty lookin’ yaller girl, do you want to come a see him cookin.”

¹¹⁹ “No, I ain’t no common nigger for I was raised by white folks.”

¹²⁰ “When he told how the white men in the far South tried to kill him because he made on of them get off the train between stations.”

1933, p. 99), assim como em “depois de John e Herbert tinham bebido um pouco juntos, o bom John começou a contar ao pai que garota legal ele tinha como filha”¹²¹ (STEIN, 1933, p. 93). Esse estilo de oração é mais raro no texto, com poucas marcas para análise no conto. Mas é nítida a influência do narrador no texto, quando usa o adjetivo “bom” para John, determinando o seu caráter para o leitor.

Ainda de acordo com Bechara (2009, p. 584), “o discurso indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto”. Esse recurso foi utilizado por Goethe, Jane Austen e Gustave Flaubert em suas narrativas. Em “Melanctha” (1909), é o recurso mais utilizado, como no trecho, “ela perguntava para ele muitas coisas e sempre ouvia muito bem a tudo o que ele dizia a ela”¹²² (STEIN, 1933, p. 114), como também no fragmento abaixo:

“O que estava agora realmente acontecendo a eles? O que foi que Melanctha fez, que tornou tudo feio para eles? O que foi que Melanctha sentiu, então, que fez Jeff lembrar do sentimento que ele tinha sentido quando Jane Harden contou para ele como Melanctha aprendeu tão bem a ser tão compreensiva? Jeff não sabia como foi que isso tinha acontecido com ele. Tudo era verde, e quente, e muito adorável para ele, e agora Melanctha, de alguma forma, tornou tudo isso tão feio para ele.”¹²³

A partir do discurso indireto livre, o narrador toma liberdade para falar no lugar dos personagens, descrevendo situações por meio do seu ponto de vista, impondo nas suas personagens sua ideologia. Em outro trecho, o discurso indireto livre aparece, “Jeff sabia que Melanctha estava errada, e ainda ele sempre tinha uma dúvida profunda nele. O que ele poderia saber, que tinha um sentimento tão devagar nele?”¹²⁴ (STEIN, 1933, p. 174).

Por meio do discurso direto, o narrador tem pouco espaço para expor as suas próprias impressões sobre os personagens, mas ainda utiliza as vozes dos personagens para verbalizar os seus anseios e desejos. Muitas vezes o narrador expõe essas impressões por cima das vozes dos personagens, como se eles falassem por si, quando falam pelo narrador. Pelo discurso indireto, que é menos comum na narrativa, o narrador pode complementar a voz do personagem pelas suas impressões, sobrepondo a sua voz ao indicar uma fala indiretamente. No discurso

¹²¹ “After John and Herbert had drunk awhile together, the good John began to tell the father what a fine girl he had for a daughter.”

¹²² “She asked him many questions and always listened very well to all he told her.”

¹²³ “What was it that now really happened to them? What was it that Melanctha did, that made everything get all ugly for them? What was it that Melanctha felt then, that made Jeff remember all the feeling he had had in him when Jane Harden told him how Melanctha had learned to be so very understanding? Jeff did not know how it was that it had happened to him. It was all green, and warm, and very lovely to him, and now Melanctha somehow had made it all so ugly for him.”

¹²⁴ “Jeff knew Melanctha was wrong, and yet he always had such slow feeling in him. What could he know, who had such slow feeling in him?”

indireto livre, no entanto, o narrador substitui a voz do personagem, substituindo a voz destes pela sua própria.

Sobre o Cubismo Literário, para English (2004, p. 98), “*Three Lives* se preocupa com a literatura convencional e tratamentos médicos de corpos femininos trabalhadores”¹²⁵. Isso porque, segundo Abreu (2008), o Cubismo se propôs a representar a realidade como percebida intelectualmente, como uma tentativa de representar o mundo. Dessa forma, o desenvolvimento do Cubismo Literário de Stein dependeu da perspectiva cubista que “sublinhou a natureza arbitrária de uma única perspectiva central e, através de pontos de vista múltiplos, tentou representar o processo artístico de observação de um objeto e estudo dos seus variados aspectos” (ABREU, 2008, p. 26).

Um exemplo dessa abordagem da realidade é o fascínio do narrador pela psique atormentada de Melanctha. Como mencionado no capítulo 2, os cubistas tinham um interesse mórbido pela forma com a qual os neuroatípicos, ou aqueles que padecem de transtornos mentais, enxergam o mundo, desde que “a essência do cubismo reside na insistência de que não é necessário limitar a perspectiva e de que a realidade depende do ângulo de visão” (ABREU, 2008, p. 31). Em “Melanctha” (1909), nas páginas iniciais do conto, o narrador insere um comentário de que “Melanctha contou a Rose um dia como uma mulher que ela conheceu havia se matado porque ela estava muito deprimida. Melanctha disse que às vezes ela pensava que isso seria a melhor coisa para ela fazer”¹²⁶ (STEIN, 1933, p. 87).

Essa ideia de desintegração mental de Melanctha permeia toda a obra, com a repetição do trecho “Melanctha pensou frequentemente como ela ainda não matou a si própria quando estava tão deprimida. Frequentemente ela pensou que isso poderia ser o melhor que ela poderia fazer”¹²⁷ (STEIN, 1933, p. 89). O trecho é repetido várias vezes ao longo da história, para criar uma atmosfera de precariedade mental, por parte de Melanctha, com uma pequena variação de palavras, que mudam conforme a narrativa avança, como no fragmento “às vezes Melanctha pensava que ela poderia apenas se matar, porque ela pensava que isso seria realmente a melhor coisa que ela poderia fazer”¹²⁸ (STEIN, 1933, p. 211) e, neste outro fragmento, “então

¹²⁵ “Three Lives worries about conventional literary and medical treatments of labouring female bodies.” (tradução nossa)

¹²⁶ “Melanctha told Rose one day how a woman whom she knew had killed herself because she was so blue. Melanctha said, sometimes, she thought this was the best thing for her herself to do.”

¹²⁷ “Melanctha wondered often how it was she did not kill herself when she was so blue. Often she thought this would be really the best way for her to do.”

¹²⁸ “Sometimes Melanctha thought she would just kill herself, for sometimes she thought this would be really the best thing for her to do.” (tradução nossa)

Melantha ficaria tão deprimida, e ela diria para Rose, claro que ela iria se matar, porque isso seria certamente agora o melhor que ela poderia fazer”¹²⁹ (STEIN, 1933, p. 226).

Rose, por sua vez, discorda de Melantha. A dualidade do percurso narrativo de Melantha já aparece em seu nome: *melan*, podendo derivar tanto de *melanin* ou melanina, como também de *melancholy* ou melancolia, conforme English (2004). Sobre a questão do nome de Melantha, Rowe (2003) contribui para a discussão apresentando as raízes gregas do nome, *melan* ou *melanos*, significando preto, assim como *chthon*, que significa terra. Portanto, Melanthon significaria *terra negra*. O autor adiciona que o nome também pode prestar uma homenagem para Philip Melanthon (1497-1660), um reformista alemão, amigo de Martinho Lutero. Isso porque, segundo Rowe (2003), Gertrude Stein associa o “wandering”, ou o *vagar*, de Melantha como um sentido religioso, uma espiritualidade, não convencional. O autor corrobora que a provável homenagem à Philip Melanthon pode ser uma referência ao hábito antigo dos proprietários de escravizados de os batizarem com nome de figuras influentes.

O estado mental de Melantha é tão precário e instável que Rose, quando decide se afastar dela, comenta com quem quiser ouvir que “espero que algum dia Melantha se mate, quando ela age tão mal como ela sempre faz, e então ela fica tão terrivelmente deprimida”¹³⁰ (STEIN, 1933, p. 235). O intuito dessa repetição, de acordo com Lucarelli (2013), é desenvolver conflito e caracterização, comunicar desejo e resistência, como também ação e resposta. No período de produção da obra, mulheres eram presas em hospícios, por suas próprias famílias, por comportarem-se como Melantha, as chamadas histéricas, como abordado no capítulo 3. Então, para a época, a construção da psique debilitada de Melantha poderia vir a refletir a realidade de milhares de outras mulheres que viviam sob as mesmas condições.

Contudo, mais importante do que para recriar o apego do narrador, pela psique de Melantha, a repetição foi utilizada com um outro propósito mais palpável e característico das produções do final do século XIX e do início do século XX, como pontuado no capítulo 2: a construção de estereótipos raciais. De acordo com English (2004, p. 98), “Melantha” (1909) “se apoia em perigosos estereótipos raciais e culturais para descrevê-los [os negros]”¹³¹. A repetição dos adjetivos, ao longo da narrativa, auxilia na manutenção da ideia inicial, agregada aos personagens na primeira descrição feita sobre eles.

¹²⁹ “The Melantha would get very blue, and she would say to Rose, sure she would kill herself, for that certainly now was the best way she could do.”

¹³⁰ “Expect some day Melantha kill herself, when she act sob ad like she Always do, and then she get so awful blue.”

¹³¹ “Relies on dangerous racial and cultural stereotypes to descibre them.” (tradução nossa)

Para Lucarelli (2013, p. 2), “nenhuma palavra depende de si própria; pelo contrário, cada palavra vibra em uma dúzia de relacionamentos com outras palavras, repetindo, competindo, dominando, lutando, transformando, sombreando e subvertendo”¹³². Para tanto, é característico de Melanctha que a descrição de um personagem seja acompanhada de sinônimos seguidos. Cada personagem recebe, no mínimo, quatro adjetivos para descrevê-los e, dependendo de seu posicionamento étnico, pode receber antônimos que o contraponha ou o aproxime de Melanctha.

No que concerne à repetição na obra de Gertrude Stein em *Three Lives* (1909), Aguiar e Queiroz (2015) pontuam que o excesso de repetição não equivale a redundância, mas, sim, representa uma gama de informações, com o propósito de figuração do fluxo de pensamento na narrativa, baseada na teoria de William James, composto por partes transitivas e substantivas. Tais traços gramaticais são explorados na narrativa por meio do emprego de conectivos, verbos e advérbios que criam ambiguidade.

Dessa forma, ao utilizar da contínua repetição, Stein se limita a um vocabulário reduzido e simplificado, análogo a como os cubistas utilizaram uma paleta de cores reduzida a tons de cinza e castanho, para intensificar o efeito das variações de tom e das formas geométricas complexas, conforme Aguiar e Queiroz (2015). Segundo os autores, o uso sistemático da repetição serviu para que Stein pudesse criar um novo tipo de realismo, incorporando as técnicas compositivas de Paul Cézanne e Pablo Picasso, com uma abordagem de múltiplas perspectivas.

A repetição excessiva representa, para alguns autores, um método criado a partir da linguagem falada pelos afro-americanos. Para English (2004), Stein criou a sua própria linguagem vernacular negra, em nome do seu projeto estético avançado para a construção do Cubismo Literário; de acordo com Rowe (2003), a linguagem em “Melanctha” (1909) não é apenas uma representação da linguagem falada pelos afro-americanos, mas também é um novo modo de realismo enraizado na fundamental diferença de valorização da língua; Aguiar e Queiroz (2015) consideram que a linguagem rítmica adotada no texto provém de uma incorporação direta da fala dos afro-americanos que moram nas metrópoles. É apenas Abreu (2008) que discorda da possibilidade de uma transcrição do inglês dos afro-americanos; a autora indica que a linguagem adotada em “Melanctha” (1909) representa uma “estilização do discurso e padrões de pensamento das personagens cuja linguagem é inadequada à sua experiência” (ABREU, 2008, p. 47). A linguagem em “Melanctha” (1909) é o resultado da mistura da

¹³² “No word sit by itself; instead, each word vibrates in a dozen relationships with other words, repeating, competing, dominating, wrenching, transforming, shading and subverting.”

experiência de Stein com os negros na ala obstetrícia do *Johns Hopkins Medical School* com a repetição aprendida com as tias que tanto influenciaram a sua escrita, pois foram os dois grupos que mais influenciaram na sua produção literária inicial, no início do século XX.

Para Rowe (2003), o termo *knowledge*, conhecimento, provém da expressão “conhecer no sentido bíblico”, ou seja, de ter relações sexuais. O autor também indica que a palavra *wandering* tem as suas origens no livro *Psychology: the Briefer Course* (1892), livro de William James, com os termos *mind-wandering*, ou vagar mental, e *wandering attention*, ou atenção vagante, para justificar o comportamento das crianças e adultos que não amadureceram. O conceito de *wandering*, na obra de Gertrude Stein, também deriva das tradições de autoconhecimento euro-americanas, ou seja, de todo conhecimento obtido fora de instituições de ensino.

Sobre a expressão “estrada que conduz para a sabedoria” (STEIN, 1933, p. 100), Rowe (2003, p. 234) explica que

Stein arrisca igualar a espiritualidade afro-americana com o neoprimitivismo frequentemente simbolizado no final do século XIX para os presentes termos das *Congo dances* e a espécie erotizada de espiritualidade presa com a cultura dominante de demonização do Voodoo, da Santería, do Candomblé.¹³³

Logo, a sabedoria que Melanctha tanto busca é um traço desse preconceito para com a expressão religiosa dos afro-americanos, refletida em sua sexualidade. Melanctha foi criada em um lar religioso, por causa de sua mãe, Mis Herbert, porém, o narrador comenta que “Melanctha Herbert não descobriu ainda como usar a religião”¹³⁴ (STEIN, 1933, p. 87), diferente de Rose Johnson, que “não se importava muito com religião”¹³⁵ (idem). As duas vagam por Bridgepoint em busca de novas alegrias, sem manter o decoro que, supostamente, duas mulheres cristãs, que seguiam a doutrina rigorosa de valores impostos pela igreja, deveriam manter.

Dessa forma, Rowe (2003) indica que as convenções raciais e de gênero tornam-se visíveis graças às convenções linguísticas, por meio de deformações e estranhamento pela linguagem literária não-convencional. Para isso, Stein adotou uma vulgarização do seu alter-ego racial, Melanctha, típica dos escritores modernistas brancos, com fascínio pela aventura de passagem e a identificação da vanguarda com experiências e figuras não-europeias, como mencionado no capítulo 2.

¹³³ “Stein risks equating African-American spirituality with a neoprimitivism often figured from the late nineteenth century to the present terms of ‘Congo dances’ and the sort of erotized spirituality bound up with the dominating culture’s demonization of Voodoo, Santería, Candomblé.”

¹³⁴ “Melanctha Herbert had not come yet to know how to use religion.”

¹³⁵ “Did not care much for religion.”

Desse modo, quando English (2004, p. 97) comenta que “se isso é verdade que Stein estava meramente abstraindo a retórica racial para fins de um experimento literário, no entanto, ela constrói e depende de um campo de negritude imaginário – tanto em seus personagens quanto em sua linguagem”¹³⁶, porque ela direciona a sua crítica aos estereótipos raciais que são os pilares da narrativa de “Melanctha” (1909). A autora complementa afirmando que “a experimentação literária-médica do livro engaja o pensamento racista e eugenista com o feminista”¹³⁷ (ENGLISH, 2004, p. 98).

Como anteriormente mencionado, Gertrude Stein atribui adjetivos aos personagens para repeti-los exaustivamente, como um método para reforçar o sentido delegado a cada um deles. Dessa forma, a respeito desse tema, Lucarelli (2013, p. 2), explica que “palavras se estendem para outras palavras, formando uma cadeia superficial de intenções”¹³⁸. Conforme Rowe (2003, p. 220), “Stein é notável por sua rejeição da relação do ‘superficial’ versus o ‘profundo’, frequentemente típico no alto modernismo”¹³⁹. Portanto, evidentemente, era a sua intenção preservar o estilo da narrativa de Gustave Flaubert em *Trois Contes* (1877), que era esvaziada de propósito, uma história sem um enredo real. Por meio da repetição, para fundamentar os estereótipos raciais, Stein deu uma profundidade falsa para “Melanctha” (1909). A partir da cadeia de palavras formada pela repetição em “Melanctha” (1909), Stein constrói a abstração de sentido, esvaziando a narrativa de um propósito real. O narrador, no momento da construção da abstração da obra, não se dedica a satirizar um comportamento, mas de denunciar situações sócio-culturais das quais discorda.

Sendo assim, English (2004) defende que os escritos de Stein se assemelham aos do eugenista Lothrop Stoddard (1883-1950), que observou que, nos cruzamentos étnicos, o negro *repassa* a sua prepotência, em razão do “sangue negro” que corre em suas veias, que, uma vez entrando na corrente sanguínea humana, nunca mais sairá – nas palavras do eugenista. As arguições de Lothrop Stoddard sobre a miscigenação continuam, quando ele afirma que os mulatos (sic), “aquelas criaturas infelizes, cada célula daqueles corpos é um campo de batalha de hereditariedade chocante, expressa em suas almas em atos de violência frenética e instabilidade sem rumo”¹⁴⁰ (ENGLISH, 2004, p. 104), como é o caso de Melanctha Herbert e Jane Harden.

¹³⁶ “If it is true that Stein was merely abstracting racial rhetoric for literary-experimental ends, she nonetheless constructs and depends on an imagined field of blackness – both in her characters and her language.”

¹³⁷ “The book’s literary-medical experimentation engages racialist and eugenic along with feminist, thinking.”

¹³⁸ “Words extend toward other words, forming a superficial chain of intentions.”

¹³⁹ “Stein is notable for her rejection of the ‘surface’ versus ‘depth’ relationship often typical of high modernism.”

¹⁴⁰ “These unhappy beings, every cell of whose bodies is a battle-ground of jarring heredities, express their souls in acts of hectic violence and aimless instability.”

A infelicidade de Melanctha e seu poder de autodestruição aparecem muitas vezes na narrativa. Após uma discussão com Jeff Campbell, Melanctha se indaga, “eu certamente me pergunto por que sempre acontece comigo de me importar por qualquer um que não é bom o bastante para eu mesmo pensar em respeitá-lo”¹⁴¹ (STEIN, 1933, p. 169). O seu relacionamento com Rose Johnson, também, é um sintoma dessa auto-aversão, pois o narrador constantemente se pergunta “por que a sutil, inteligente, atraente, metade branca, garota Melanctha Herbert ama e tudo faz e se humilha em serviço dessa grossa, decente, taciturna, ordinária, negra infantil Rose”¹⁴² (STEIN, 1933, p. 86). Seu comportamento errático a leva a cometer indiscrições, como no fragmento em que o narrador aponta que Melanctha “começou a procurar nas ruas e nas esquinas escuras para descobrir os homens e aprender sobre a sua natureza”¹⁴³ (STEIN, 1933, p. 96).

No caso de Jane Harden, conforme comentado no capítulo 3, sobre o seu problema com o álcool e as consequências que acarretaram para a sua vida o exagero com a bebida, “Jane Harden tinha muitos hábitos ruins. Ela bebia em grande quantidade, e ela vagava abertamente”¹⁴⁴ (STEIN, 1933, p. 104), comenta o narrador sobre a sua atitude irresponsável. O narrador continua afirmando que “Jane era uma mulher endurecida”¹⁴⁵ (idem) e que “o hábito da bebida em Jane sempre piorava”¹⁴⁶ (STEIN, 1933, p. 105), consequentemente, “ela estava enfraquecida em toda a sua força por causa da bebida”¹⁴⁷ (STEIN, 1933, p. 107).

Sobre as representações de negritude em “Melanctha” (1909), English (2004, p. 103-104) aponta que “Melanctha oferece uma versão de negritude que apresenta com claros sintomas e, dessa forma, representa um familiar campo diagnóstico”¹⁴⁸. Os negros sem sangue branco são, claramente, baseados em estereótipos raciais famosos no período. Rose Johnson é inicialmente descrita como “taciturna, infantil, covarde, negra Rosie” que “*resmungou, se agitou e uivou e fez de si própria uma abominação, como uma besta simplória*”¹⁴⁹ (STEIN,

¹⁴¹ “I certainly do wonder why always it happens to me I care for anybody who ain’t no ways good enough to me ever to be thinking to respect him.”

¹⁴² “Why did the subtle, intelligent, attractive, half-white girl Melanctha Herbert love and do for and demean herself in service to this coarse, decent, sullen, ordinary, black childish Rose.” (tradução nossa)

¹⁴³ “Began to search in the streets and in dark corners to discover men and to learn their natures.” (tradução nossa)

¹⁴⁴ “Jane Harden had many bad habits, she drank a great deal, and she wandered widely.”

¹⁴⁵ “Jane was a roughened woman.”

¹⁴⁶ “Jane’s drinking was always growing worse upon her.”

¹⁴⁷ “She was weakened in all her kinds of strength by her drinking.”

¹⁴⁸ “Melanctha’s offers a version of blackness that presents with clear symptoms and thus re-presents an all too familiar diagnostics field.”

¹⁴⁹ “Sullen, childish, cowardly, black Rosie [...] grumbled and fussed and howled and made herself to be an abomination and like a simple beast.”

1933, p. 85), como indica Bakhtin (2015), os verbos aqui foram utilizados para expressar a bestialidade em Rose.

Rose é, claramente, retratada pelo estereótipo da negra Sapphire, que nada mais é do que a representação da mulher negra irritada, baseada na personagem do programa *Amos 'n' Andy* (1928-1960), Sapphire Stevens, que já retratava um estereótipo comum à época, o das *Sassy Mammies*, as mães atrevidas, que se popularizou dos anos 1800 até a metade dos anos 1900. Rose é descrita como “sem cuidado e preguiçosa”¹⁵⁰ (STEIN, 1933, p. 86), porém, “Rose era preguiçosa, mas não suja”¹⁵¹ (STEIN, 1933, p. 89), o que reforça a imagem de uma dona de casa dedicada, o que parece contraditório. Rose também é caracterizada como tendo um sorriso frouxo, mas sem humor para o que lhe seja inconveniente, “ela sorria quando ela estava feliz e resmungava e ficava taciturna com tudo o que era problema”¹⁵² (STEIN, 1933, p. 85). Outra característica é a já citada falta de atenção com o filho que acabou morrendo.

James Herbert, pai de Melanctha, se encaixa no estereótipo do Selvagem (*The Savage*), o homem negro com comportamentos bestiais. James também se encaixa no estereótipo do pai negro ausente, pois “já fazem muitos anos agora que Melanctha não ouvia ou via ou sabia qualquer coisa sobre o que o seu pai fazia”¹⁵³ (STEIN, 1933, p. 90), assim como o estereótipo do homem negro violento, desde que é descrito como “comum, decente o suficiente, trabalhador negro, brutal e duro com a sua única filha”¹⁵⁴ (STEIN, 1933, p. 91). James Herbert também é descrito como um “poderoso, alto e magro, de mãos duras, preto, um negro zangado” (idem). Nessa parte é possível observar a redundância de “preto” e “negro”. O narrador queria se assegurar de que o leitor tenha a imagem plena de um homem negro retinto furioso.

Quando a Jem Richards, o último dos interesses amorosos de Melanctha, se encaixa no estereótipo do *Hustler*, do malandro, que se popularizou no início dos anos 1900 e que se referia a homens que desejavam adquirir dinheiro de forma ilícita. Sobre ele, o narrador comenta que “às vezes Jem Richards iria apostar e se sairia bem e com sorte, e faria um montão de dinheiro. Às vezes Jem iria apostar mal, e então ele não ganharia nenhum centavo”¹⁵⁵ (STEIN, 1933, p. 217). Os negócios de Jem Richards envolviam apostas com cavalos e, frequentemente, ele se via na posição de precisar de empréstimos dos amigos para conseguir sair do buraco de dívidas que vez ou outra acumulava, em razão de seu azar. Jem é o único personagem a não receber

¹⁵⁰ “Careless and lazy.”

¹⁵¹ “Rose was lazy, but not dirty.” (tradução nossa)

¹⁵² “She laughed when she was happy and grumbled and was sullen with everything that troubled.”

¹⁵³ “It was many years now that Melanctha had not heard or seen or know anything her father did.”

¹⁵⁴ “Common, decent enough, colored workman, brutal and rough to his one daughter.”

¹⁵⁵ “Sometimes Jem Richards would be betting and would be good and lucky, and be making lots of money. Sometimes Jem would be betting badly, and then he would not be having any money.”

adjetivos. A narrativa se limita a descrevê-lo como um “straight man” (idem), podendo essa expressão carregar um significado ambíguo: ele seria um homem hétero (straight) ou seria um homem “reto”, correto, o que, pela sua história, sabemos que ele não é.

Logo, a ambiguidade do caráter não se restringe a descrição de Jem. No que concerne às descrições de John, o cocheiro dos Bishops, o leitor é conduzido por uma apresentação lisonjeira de John, que é descrito como um “decente, agradável, de boa natureza, negro marrom claro”¹⁵⁶ (STEIN, 1933, p. 94), que pensava em Melanctha como a “mais velha de suas crianças”¹⁵⁷ (STEIN, 1933, p. 93); porém, quando bebe e começa a falar da garota, o narrador comenta que “talvez havia mais do que um brilho de algo mais suave do que o sentimento de um amigo mais velho na forma com a qual John falava de Melanctha”¹⁵⁸ (idem). John, o cocheiro, se enquadra no estereótipo do homem negro estuprador, pois tem uma família e uma vida estável, mas se dá ao trabalho de conquistar a confiança de uma garota de 12 anos e sobre ela alimentar pensamentos nada familiares. O narrador comenta que “realmente ele sentiu de maneira forte o poder de mulher nela” (ibidem). Logo, por que um homem adulto, casado, se sentiria atraído por uma pré-adolescente? Já mencionamos, no capítulo 3, que o *poder* em Melanctha é uma metonímia para a sua sexualidade.

Em contraponto a essas descrições raciais estereotipadas, temos a construção do personagem Jeff Campbell, que, segundo Rowe (2003, p. 228), “Stein sugere que o apoio sem críticas da cultura dominante por parte de Jeff Campbell é uma espécie de traição racial que Melanctha rejeita”¹⁵⁹. Isso porque Jeff Campbell também tem a sua própria repetição, “eu não acredito muito nessa bagunça e eu não quero que os negros façam isso”¹⁶⁰ (STEIN, 1933, p. 117), que se repete em outro fragmento, “sabe, Melanctha, eu quis dizer do jeito que muitos negros fazem isso”¹⁶¹ (STEIN, 1933, p. 121), e de novo em “sabe, Melanctha, eu sou um cara muito quieto e eu acredito que a vida quieta é para todos os negros”¹⁶² (STEIN, 1933, p. 123).

Por que Jeff Campbell enfatiza tanto essas suas expectativas para o povo negro de Bridgepoint? A explicação pode ser simples, pois “o pai de Jefferson era um bom, gentil, sério, homem religioso”¹⁶³ (STEIN, 1933, p. 111) ou então pela reprodução do racismo subsequente

¹⁵⁶ “Decent, pleasant, good natured, light brown negro.”

¹⁵⁷ “Eldest of his children.” (tradução nossa)

¹⁵⁸ “Perhaps there was a gleam of something softer than the feeling of a friendly elder in the way John then spoke of Melanctha.”

¹⁵⁹ “Stein suggests that Jeff Campbell’s uncritical endorsement of the dominant culture is a sort of racial sell-out that Melanctha rejects.”

¹⁶⁰ “I don’t believe much in this running around business and I don’t want to see the colored people do it.”

¹⁶¹ “You see Melanctha I mean the way so many colored people do it.”

¹⁶² “You see Miss Melanctha I am very quiet kind of fellow, and I believe in a quiet life for all the colored people.”

¹⁶³ “Jefferson’s father was a good, kind, serious, religious man.”

por viverem muito tempo sob a influência da família Campbell, branca, para quem o seu pai trabalhou por muito tempo como mordomo, como os pais dele antes do mesmo que trabalharam enquanto libertos. Jeff é o personagem mais influenciado pela branquidade que fundamenta a obra e toda a sua relação com Melanctha, como será abordado na próxima seção do capítulo.

Sendo assim, podemos compreender que a repetição foi um método utilizado por Gertrude Stein para criar imagens estereotipadas de seus personagens, sempre reforçadas pela utilização e resgate de adjetivos já mencionados, para a criação de uma descrição abstrata e fugaz dessas representações. Ao longo da narrativa, que não tem uma história concreta se desenrolando, um leitor menos atento pode se perder no fluxo de consciência criado por Stein, desde que a autora persegue os seus personagens, atribuindo-lhes adjetivos, lutando com sinônimos e antônimos, para desenvolver uma narrativa racializada, como veremos no próximo subtópico.

4.2.1 O Cubismo Literário e as relações de raça e o racismo implícito em “Melanctha”

Conforme Ware (2004, p. 317), “podemos aprender muito sobre branquidade indagando como as pessoas brancas retratam as pessoas negras”. Isso porque a branquidade tem uma posição assimétrica, se comparada a outros termos raciais e culturais, e foi usada, principalmente, para que os brancos se distinguissem dos indivíduos Outremizados. Para Morrison (2019), o racismo precede o conceito de raça e a Outremização funciona para que haja uma distinção entre o outremizado e o outremizador.

Segundo Woodward (2000), as identidades ganham sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos que são utilizados para representa-las. Para a autora, a identidade é marcada pela diferença e essa diferença é sustentada pela exclusão. O processo de construção da identidade depende tanto do simbólico quanto do social, portanto, se um grupo é marcado simbolicamente como o inimigo, as consequências serão reais, tornando esse grupo outremizado socialmente excluído e, logo, acarretando em desvantagens materiais.

Ainda consonante a Woodward (2000, p. 14), “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo quem é excluído e quem é incluído” e, por meio da diferenciação social, os indivíduos são enquadrados nas classificações de diferença que são vividas nas relações sociais. De acordo com Morrison (2020), a primeira marca de fusão, mistura e dissolução do que eram consideradas fronteiras sociais nos Estados Unidos foi a fusão racial, a miscigenação.

A literatura estadunidense, segundo Morrison (2020), é permeada pela presença do Outro racial, como abordado no capítulo 2. Estando disponível para a imaginação literária, a presença do Outremizado constituiu, na literatura estadunidense, uma força mediadora visível e invisível, gerando a diferença na representação dos grupos étnicos não-brancos, se comparada com as representações dos brancos. Para a Morrison (2020), a brancura ou a branquidade, como passaremos a chamar a postura ideológica do pensamento que estimula a segregação entre brancos e não-brancos, é uma precondição da *americanidade* (sic), dessa identidade nacional dos nascidos nos Estados Unidos.

Dessa forma, a “desumanização racista não é apenas simbólica; ela delimita as fronteiras do poder. A raça é uma ideia, não um fato” (MORRISON, 2020, p. 16). É a partir dessa ideia de raça que Gertrude Stein produz as representações presentes em “Melanctha” (1909). Segundo Woodward (2000), essa representação exige as práticas de significação, como também os sistemas simbólicos pelos que os significados são produzidos, o que posiciona o Outremizado como sujeito, dependente dos significados provenientes das representações que o outro branco faz deles, que dão sentido à experiência e ao que são.

Para Ware (2004), o conceito de branquidade é muito perceptível para os negros, mesmo quando os brancos o diluem em uma ideia falsa de universalidade. Morrison (2020, p. 23), destaca que “a maioria das descrições textuais/literárias de raça oscilam entre dissimuladas, nuançadas e pseudocientificamente ‘provadas’”.

Sobre isso, Caldeira (1994, p. 38), indica que, no período da escravatura, o negro era descrito como “infantil, apático, preguiçoso, irresponsável, dependente, caprichoso, instável, insensível, mentiroso, ladrão, leviano e descuidado, manhoso, dócil, fiel e humilde, dominado pela libido, cheio de ritmo e boa disposição”. Todos esses adjetivos auxiliaram na construção da imagem do negro como naturalmente diferente do branco e inferior a ele.

Portanto, ao iniciar a leitura de “Melanctha” (1909), logo na primeira página, somos introduzidos a cena do parto de Rose, onde ela é descrita como “taciturna, infantil, covarde, negra Rosie resmungou e se agitou e uivou e fez de si mesma uma besta, uma abominação, como uma besta simplória”¹⁶⁴ (STEIN, 1933, p. 85). Rose Johnson é uma negra retinta que foi criada por brancos e as descrições sobre ela sempre são carregadas de uma conotação negativa, associando-a a um comportamento bestial. Enquanto Rose resmungava e uivava, a quase branca Melanctha “era paciente, submissa, suave e incansável”¹⁶⁵ (idem). A comparação entre as duas

¹⁶⁴ Ver nota 149.

¹⁶⁵ “Was patient, submissive, soothing and untiring.”

mulheres serve para inferiorizar Rose enquanto enaltece o comportamento dócil de Melanctha, que é a mais próxima representante da branquidade no conto, mas não a representa de fato. A protagonista não é uma representante nem da negritude e nem da branquidade do conto: no primeiro caso, a negritude exposta na obra de Gertrude Stein é estereotipada e negativada, permeada de conceitos do imaginário popular estadunidense sobre os afro-americanos; no segundo caso, Melanctha foge de todas as armadilhas espalhadas pela branquidade no conto, com uma aversão a uma gota de sangue branco que lhe corre nas veias.

De acordo com Woodward (2000, p. 27), “ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado que poderia validar a identidade que reivindicamos”. No caso de “Melanctha” (1909), esse passado nada mais é do que a escravidão, com os estereótipos baseados em representações provindas do período escravagista.

No conto, há duas classes de personagens, os retintos e os mestiços (sic). Enquanto os mestiços (sic) são descritos com adjetivos positivos, como “inteligente, atraente, meio branca garota Melanctha Herbert”¹⁶⁶ (STEIN, 1933, p. 86) e “Jeff era um robusto, escuro, saudável, alegre negro”¹⁶⁷ (STEIN, 1933, p. 137), os retintos são descritos como “imoral, promíscua, indiferente Rose”¹⁶⁸ (STEIN, 1933, p. 86) e “James Herbert era frequentemente um negro muito zangado. Ele era feroz e sério”¹⁶⁹ (STEIN, 1933, p. 92). No momento da apresentação dos personagens já é estabelecida a diferença a partir do que a política da “única gota” de sangue branco representa na vida dos não-brancos.

Dessa forma, para hooks (2019a, p. 303), “embora imprecisos, estereótipos são uma forma de representação. Como as ficções, são criados para servir como substitutos, postos no lugar da realidade”. Sobre isso, Woodward (2000, p. 28) complementa que “identidade cultural é aquela que a vê como uma questão tanto de tornar-se quanto de ser”. Logo, os estereótipos raciais podem representar um eco distorcido da realidade, mas não necessariamente as representações propostas pela narrativa refletem a realidade. Na narrativa funcionam como expressões fiéis da branquidade, que se responsabiliza pelo plano de fundo ideológico da narrativa. O discurso do narrador se preocupa em sublinhar os supostos defeitos da raça negra, colocando em contraponto as relações racializadas de Rose Johnson, criada por brancos, e Melanctha, meia branca.

¹⁶⁶ “Intelligent, attractive, half white girl Melanctha Herbert.”

¹⁶⁷ “Jeff was a robust, dark, healthy, cheery negro.”

¹⁶⁸ “Unmoral, promiscuous, shiftless Rose.”

¹⁶⁹ “James Herbert was often a very angry negro. He was fierce and serious.” (tradução nossa)

“Melanctha” (1909) é o único conto de *Three Lives* com subtítulo: *Each One as She May* (STEIN, 1933, p. 85), que em português fica “cada um como pode”, mas que na tradução da Nova Fronteira de 1973 recebeu o subtítulo de “cada um como Deus fez”, como uma clara alusão ao histórico familiar religioso de Melanctha. É relevante destacar o *she* no subtítulo, como se fosse voltado para a protagonista.

A primeira frase do conto, “Rose Johnson tornou muito difícil o ato de trazer o seu bebê ao mundo”¹⁷⁰ (idem), carrega uma conotação de que, quando em trabalho de parto, Rose dificultou o trabalho em razão de seu temperamento mesquinho. Depois do parto, Rose Johnson convalesce na casa de Melanctha, que cuida dela e do bebê. Contudo, Melanctha precisou se ausentar por alguns dias, e, quando retornou, o bebê de Rose e Sam Johnson havia falecido. Mesmo lamentando a morte da criança, “Rose e Sam, seu marido, lamentavam muito, mas essas coisas aconteciam com tanta frequência no *mundo negro* de Bridgepoint, que nenhum deles pensou muito sobre isso”¹⁷¹ (ibidem, grifo nosso). A ênfase de que as mortes das crianças ocorriam no “mundo negro”, e não em Bridgepoint no geral, destaca a atitude preconceituosa do narrador para quem os negros não eram cuidadosos com as suas crianças.

A falta de sensibilidade é uma característica atribuída aos personagens retintos do conto, como no diálogo entre Melanctha e Rose, no que a primeira confessa ter pensamentos suicidas e a última responde, “eu não sei, Melanctha, por que você poderia falar que se mataria só porque você está deprimida. Eu nunca me mataria, Melanctha, só porque eu estava deprimida. Eu talvez mataria outra pessoa”¹⁷² (STEIN, 1933, p. 87, grifo nosso). Além de não possuir a profundidade para compreender a depressão de Melanctha, Rose encerra a sua fala com violência.

Entretanto, apesar da caracterização nada lisonjeira que o narrador faz de Rose, ela é um dos pilares da branquidade na narrativa, pois “ela tinha sido trazida por brancos. O seu treinamento branco foi feito apenas por hábito”¹⁷³, logo, ela carrega em si valores da branquidade, que ela tenta imprimir em Melanctha várias vezes. Primeiro, ela tenta convencer Melanctha de que não é uma negra qualquer, justificando que foi criada por pessoas brancas, “não, eu não sou uma nêga (sic) qualquer porque eu fui criada por brancos”¹⁷⁴ (STEIN, 1933, p. 86)

¹⁷⁰ “Rose Johnson made it very hardy to bring her baby to its birth.”

¹⁷¹ “Rose and Sam her husband were very sorry but then these things came so often in the negro world in Bridgepoint, that they neither of them thought about it very long.”

¹⁷² “I don’t see Melanctha why you should talk like you would kill yourself just because you’re blue. I’d never kill myself Melanctha just ‘cause I was blue.. I’d maybe kill somebody else.”

¹⁷³ “She had been brought up by White folks. Her white training had only made for habits.”

¹⁷⁴ Ver nota 93.

Depois ela tenta convencer Melanctha de que todo o vagar é incorreto, em suas palavras, “eu certamente tenho que te dizer, não está certo você agir dessa forma com esse tipo de cara. É melhor você se agarrar aos homens negros agora, Melanctha, ouça o que estou te dizendo, apenas do jeito que você me vê fazendo as coisas”¹⁷⁵ (STEIN, 1933, p. 207). Isso porque Rose, em seu vagar, estava sempre comprometida, desde que acreditava, por causa dos valores da branquidade nela inseridos, que uma conduta aceitável para uma mulher seria manter-se noiva para que o seu vagar não fosse criticado.

Nesse sentido, o narrador parece estar preocupado em assegurar que os seus personagens estão legalmente unidos em matrimônio. Sobre os pais de Melanctha, o narrador indica que “a mãe de Melanctha e o seu pai estavam regularmente casados”¹⁷⁶ (STEIN, 1933, p. 90); sobre os pais de Jeff Campbell, o narrador diz que “O pai de Jefferson Campbell e sua mãe estavam regularmente casados, claro”¹⁷⁷ (STEIN, 1933, p. 111). Quando Melanctha começa a se relacionar com Jem Richards, o narrador comenta que “e então Jem deu para ela um anel, *como os brancos*, para mostrar que ele estava noivo dela, e iria, em algum momento, casar-se com ela”¹⁷⁸ (STEIN, 1933, p. 218, grifo nosso), como se os negros não tivessem o hábito de noivar e casar, quando Rose Johnson, a mesma mulher sobre a que o narrador se pergunta, “por que estava essa imoral, promíscua, indiferente Rose, casada com um bom homem dos negros, enquanto Melanctha, com o seu sangue branco e atração, não estava ainda realmente casada”¹⁷⁹ (STEIN, 1933, p. 86).

Em outro aspecto determinante para a narrativa, a religião, Rose também é marcada pela diferenciação, quando comparada com Melanctha. Mesmo que Gertrude Stein fosse judia, a religião estadunidense é, majoritariamente, a protestante. No que se trata de representar os Estados Unidos, Stein preferiu abordar a realidade religiosa nacional, o protestantismo. Logo, suas personagens são marcadas pela religiosidade, ainda que de forma pejorativa. Enquanto Melanctha foi criada em um lar cristão, por causa de sua mãe, e não sabe para quê usar a religião, Rose é limitada a não se importar muito com isso. Independente das duas não verem muito propósito em congregar, o narrador aponta que “as duas, no estilo negro, iam frequentemente

¹⁷⁵ “I certainly have got to tell you, you ain’t right to act so with that kind of feller. You better just had stick to black men now, Melanctha, you hear me what I tell you, just the way you always see me do it.”

¹⁷⁶ “Melanctha’s mother and her father had been regularly married.”

¹⁷⁷ “Jefferson Campbell’s father and his mother had of course been regularly married.”

¹⁷⁸ “And so Jem gave her a ring, like White folks, to show he was engaged to her, and would by and by be married to her.” (tradução nossa)

¹⁷⁹ “Why was this unmoral, promiscuous, shiftless Rose married to a good man of the negroes, while Melanctha with her white blood and attraction had not yet been married.” (tradução nossa)

para a igreja negra”¹⁸⁰ (STEIN, 1933, p. 87). Segundo Caldeira (1994, p. 44), “os europeus consideravam índios e africanos por igual como selvagens pagãos. Na perspectiva cristã, estes povos simplesmente não tinham religião nem espiritualidade”. No caso de Rose, o narrador complementa que “ela não tinha emoção o suficiente para ser realmente tocada pela renovação”¹⁸¹ (STEIN, 1933, p. 87).

Como abordado no capítulo 3, as condições educacionais para os negros não eram das mais favoráveis. Já foi mencionado como Melanctha utilizava o seu conhecimento contra os seus pais, “que não sabiam de nada”¹⁸² (STEIN, 1933, p. 91). Sobre a precariedade do ensino público para pessoas negras, Baldwin (1993, p. 81) comenta que “não importa quanto dinheiro o Sul insira nos gastos com as escolas negras, é completamente desmoralizante. Isso cria uma situação na qual o professor negro é tão sem poderes quanto os seus estudantes”¹⁸³, pois as condições das escolas negras sempre foram precárias e, antes disso, as *Anti-literacy laws*, as leis anti-alfabetização, que atuaram de 1740 até 1834 nos estados do Alabama, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Virgínia e Carolinas do Norte e do Sul, proibiam que qualquer negro fosse ensinado a ler a escrever, muitas vezes punindo quem as desobedecesse com multa e prisão. Por isso, o conhecimento de Melanctha é poder; um poder tão grande que “James Herbert não lutava mais com a sua filha por causa de coisas. Ele temia a sua língua, o seu aprendizado escolar, e a forma com que ela falava coisas que eram muito maldosas para um homem negro brutal “que não sabia de nada”¹⁸⁴ (STEIN, 1933, p. 103). Sobre isso, Woodward (2000, p. 34) diz que “a política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado”, logo, a caracterização de James Herbert como um ignorante é uma representação dessa negritude brutalizada pelo trabalho braçal contínuo.

Logo, quantos negros eram analfabetos no período da juventude dos pais de Melanctha? Não se tem uma data firmada sobre o período de ambientação de “Melanctha” (1909), porém, estima-se que os pais de Melanctha nasceram entre 1850 e 1880. Du Bois (2013) responde que o número de negros analfabetos em 1863 correspondia a 95% da população. Portanto, a realidade de que “todo esse tempo [dos 12 aos 16 anos] Melanctha deu continuidade ao seu aprendizado escolar; ela foi para a escola durante muito mais tempo do que a maioria das

¹⁸⁰ “The two of them in negro fashion went very often to the negro church.”

¹⁸¹ “She had not enough emotion to be really roused by a revival.”

¹⁸² “Who knew nothing.”

¹⁸³ “No matter how much money the South boasts of spending on Negro schools, is utterly demoralizing. It creates a situation in which the Negro teacher is soon as powerless as his students.”

¹⁸⁴¹⁸⁴ “James Herbert did not fight things out now any more with his daughter. He feared her tongue, and her school learning, and the way she had of saying things that were very nasty to a brutal black man who knew nothing.”

crianças negras”¹⁸⁵ (STEIN, 1933, p. 97), soa irrealista, afinal, instituições de ensino gratuitas para negros eram raras, e não duravam muito, e os pais de Melanctha eram pobres demais para pagarem uma escola particular. Provavelmente Stein atribuiu essa educação refinada para Melanctha como resultado das suas experiências com o movimento das *New Woman's*, que era um grupo composto por mulheres brancas altamente educadas.

Outro ponto relevante para a discussão de “Melanctha” (1909) é a política de miscigenação. A respeito disso, podemos falar sobre a política da “única gota”, como pontuado por Coleman (2019) no capítulo 3, em “Melanctha” (1909), que aparece em dois momentos: quando para descrever Melanctha, “meio branca garota Melanctha”¹⁸⁶ (STEIN, 1933, p. 86) e para descrever Jane Harden, “Jane era uma negra, mas ela era tão branca que dificilmente alguém poderia imaginar”¹⁸⁷ (STEIN, 1933, p. 103).

A miscigenação em Melanctha a torna depressiva e melancólica, como a sua mãe, “Melanctha era amarela pálida e misteriosa e um pouco agradável como a sua mãe”¹⁸⁸ (STEIN, 1933, p. 90), mas, em Jane, o sangue negro que corre em suas veias a torna irresponsável, “ela tinha poder e ela gostava de usá-lo, ela tinha muito sangue branco e aquilo a fazia enxergar claramente, ela gostava de beber e isso a tornava imprudente”¹⁸⁹ (STEIN, 1933, p. 104), o que a fez perder a vaga na universidade e perder um emprego, por conta de seus problemas com a bebida e seus maus hábitos.

Como um sintoma dessa miscigenação, Melanctha “sempre apenas encontra novas formas de ficar feliz”¹⁹⁰ (STEIN, 1933, p. 92) e “Melanctha não se importava muito agora, não mais, em ver John ou a sua esposa. Essa vida era muito quieta e acomodada e não mais motivava nela nenhum interesse ou felicidade”¹⁹¹ (STEIN, 1933, p. 95). Essas alegrias buscadas por Melanctha, Rose Johnson e Jane Harden estão associadas à sexualidade, às relações de gênero entre homens e mulheres, como será melhor explicado no próximo subtópico.

Quando Melanctha era mais nova e começou o seu vagar, ela gostava de ir para “os pátios das ferrovias, às vezes nas docas ou em volta dos novos prédios onde muitos homens

¹⁸⁵ “All this time Melanctha went on with her school learning; she went to school rather longer than do most of the colored children.”

¹⁸⁶ Ver nota 166.

¹⁸⁷ “Jane was a negress, but she was so white that hardly anyone could guess it.”

¹⁸⁸ “Melanctha was pale yellow and mysterious and a little pleasant like her mother.”

¹⁸⁹ “She had power and she liked to use it, she had much white blood and that made her see clear, she liked drinking and that made her reckless.” (tradução nossa)

¹⁹⁰ “Always only find new ways to get excited.”

¹⁹¹ “Melanctha did not care much now, any longer, to see John or his wife. This life was too quiet and accustomed and no longer stirred her to any interest or excitement.”

estavam trabalhando”¹⁹² (STEIN, 1933, p. 96). Nesses lugares, Melanctha aprendia dos *conhecimentos* fornecidos por esses homens, sendo que esse conhecimento tem uma conotação sexual. Para hooks (2019a, p. 282), “pessoas brancas não veem a dor negra nunca entendem realmente a complexidade do prazer negro”. Por isso, Jeff Campbell, que é considerado mestiço (sic), foi criado sob influência dos valores brancos da família Campbell e que teve contato com a educação universitária, condena veementemente as alegrias que o povo negro busca. Em suas palavras, “Melanctha, eu sei que você gosta de ficar feliz do jeito que eu odeio que pessoas negras fiquem”¹⁹³ (STEIN, 1933, p. 151), pois, na sua opinião, “eu sou um homem negro e eu não lamento isso, e eu quero ver que o povo negro gosta do que é bom e eu quero que eles tenham isso, e isso é, que eles vivam regularmente e trabalhem duro e entendam as coisas, e isso é o suficiente para que qualquer homem decente seja feliz”¹⁹⁴ (STEIN, 1933, p. 117). Logo, na visão de Jeff, os negros precisavam se empenhar para serem respeitados por seu trabalho e somente a partir disso seriam reconhecidos como seres humanos de valor. É óbvio que essas frases, conforme vimos na seção anterior sobre o plurivocalismo, não saíram da boca de Jeff, mas, sim, Jeff foi apenas o interlocutor do pensamento do narrador sobre a condição do negro. É um estereótipo associado a negritude essa irresponsabilidade que vem em conjunto com essa busca contínua por novas formas dos negros ficarem alegres.

Essa opinião emitida pelo narrador aparece em outro fragmento. Para Jeff

O que eu quero dizer, senhorita Melanctha, pelo o que eu estava dizendo para você, é que eu não, nunca, acreditarei em fazer as coisas apenas para ficar feliz. Veja, Melanctha, o que eu quero dizer é sobre a forma com que muitos negros fazem isso. Ao invés de apenas trabalharem duro e se importarem sobre o trabalho deles e vivendo regularmente com as suas famílias e poupando todo o seu dinheiro, então eles terão algum dinheiro para criar os seus filhos melhor, ao invés de viverem regularmente e, ao fazerem isso, garantir as maneiras de uma vida decente, os negros apenas se mantêm andando por aí e talvez bebendo e fazendo tudo o de mal que eles já puderam pensar, e não apenas porque eles gostam de fazer todas aquelas coisas ruins que eles fazem, mas apenas porque eles querem ficar felizes (STEIN, 1933, p. 121)¹⁹⁵

¹⁹² “Railroad yards, sometimes on the docks or around new buildings where many men were working.”

¹⁹³ “Melanctha, I knew you liked to get excitement the way I always hate to see colored people take it.”

¹⁹⁴ “I am a colored man and I ain’t sorry, and I want to see colored people like what is good and what I want them to have, and that’s to live regular and work hard and understand things, and that’s enough to keep any decent man excited.” (tradução nossa)

¹⁹⁵ “What I mean Miss Melanctha by what I was just saying to you is, that I don’t, no, never, believe in doings things just to get excited. You see, Miss Melanctha I mean the way so many of the colored people do it. Instead of just working hard and caring about their working and living regular with their families and saving up all their money, so they will have some to bring up their children better, instead of living regular and doing like that and getting all their new ways from just decent living, the colored people just keep running around and perhaps drinking and doing everything bad they can ever think of, and not just because they like all those bad things that they are always doing, but only just because they want to get excited.”

É essa uma das críticas mais contundentes que o narrador faz, conforme visto na seção anterior por meio da análise pela teoria de Bakhtin (2015), por meio da voz de um de seus personagens, ao estilo de vida que, supostamente, os negros levavam. É relevante salientar, conforme Karnal (2007), que haviam leis que puniam a “vagabundagem” dos negros, o que incluía beber, reunirem-se em grupos, relacionamentos inter-raciais, entre outros, como explicado no capítulo 2. Ou seja, no período, associavam o vagabundear dos negros às relações inter-raciais, que manchavam a reputação dos brancos quando tinham relações com os negros. Além do mais, os negros trabalharam exaustivamente durante 400 anos sem qualquer remuneração e, após a abolição da escravatura, ninguém queria emprega-los, principalmente no Sul. Logo, de quais oportunidades Jeff Campbell (ou a própria autora) está falando? Quando, no final do século XIX, ao negro foi permitido mostrar o seu valor? E houve sequer um dia que o negro foi valorizado por seu trabalho, que um branco poderia fazer melhor?

Sendo assim, mesmo que Jeff fosse descrito como “um robusto, escuro, saudável, alegre negro e as suas mãos eram firmes e gentis e sem paixão” (STEIN, 1933, p. 137), em uma de suas discussões com Melanctha, Jeff disse que “por que, Melanctha, como poderia você até mesmo gostar de mim se você pensasse que eu poderia ser como um *índio* (sic) *vermelho*?” (STEIN, 1933, p. 141, grifo nosso), essa fala da personagem reflete o que hooks (2019a, p. 54) aponta que “a visão da homogeneidade cultural que tenta desviar a atenção ou criar desculpas para o impacto opressor e desumanizante da supremacia branca ao sugerir que pessoas negras também são racistas indica que a cultura permanece ignorante a respeito do que é racismo”. Portanto, uma pessoa negra reproduzir racismo contra outra minoria é improvável, desde que os negros são oprimidos continuamente pelo sistema racial binário e indígenas são considerados indivíduos não-brancos. As pessoas negras não possuem poder para oprimir outras pessoas não-brancas. Os únicos que possuem poder no *status quo* para discriminar racialmente a outros grupos étnicos são os brancos.

Apesar disso, os negros na narrativa são caracterizados como pessoas felizes, com uma “risada abandonada que ampliava o brilho do raio de sol negro”¹⁹⁶ (STEIN, 1933, p. 86), que se repete no fragmento “a risada aberta abandonada que dá abertura para o raio de sol negro”¹⁹⁷ (STEIN, 1933, p. 92) e no trecho “ele ria, e a sua [risada] era aquela risada abandonada livre que dava abertura quente para o brilho do raio de sol negro”¹⁹⁸ (STEIN, 1933, p. 111). Essa

¹⁹⁶ “Abandoned laughet that makes the warm broad glow of negro sunshine.” (tradução nossa)

¹⁹⁷ “The wide abandoned laugher that gives the broad glow to negro sunshine.”

¹⁹⁸ “He laughed, and his was the free abandoned laugher that gives the warm broad glow to negro sunshine.”

descrição da inabalável alegria dos negros faz referência ao estereótipo do Sambo, o escravizado contente, satisfeito em sua posição de oprimido.

A narrativa culmina com a dedução do narrador de que “era verão agora, e Jeff Campbell tinha mais tempo para vagar, porque os negros nunca adoeciam muito no verão”¹⁹⁹. Por que os negros não adoeciam no verão? Quem disse isso? Mais uma vez o narrador utiliza da voz do personagem para se comunicar com o leitor, apresentando uma ideia eugenista e pseudocientífica para falar de um grupo étnico oprimido. De alguma forma, o narrador conseguiu associar a imagem do negro ao verão, “toda a alegria do forte, doce, pungente, sujo, úmido, quente verão negro”²⁰⁰ (STEIN, 1933, p. 154), como se o negro fosse a própria personificação do verão, com todas as suas características nele atribuídas.

Retornamos ao tópico do suposto preconceito racial dos negros contra eles próprios quando Rose demonstra o seu repúdio por Jane Harden, “Rose não gostou da velha amiga de Melanctha, Jane Harden, quando ela a viu. Jane despeitou Rose como uma ordinária, estúpida, taciturna, garota negra”²⁰¹ (STEIN, 1933, p. 200). O desafeto é mútuo, mas, para Jane Harden, que é quase branca como Melanctha, o seu desprezo por Rose é apenas um reflexo do seu racismo, quando caracteriza Rose como uma garota negra estúpida. Essa é mais uma marca de como o narrador fala por meio de seus personagens, pois ele nunca foi favorável a Rose, desde o primeiro momento. O narrador é apenas favorável aos personagens mestiços (sic), em razão da “única gota” de sangue branco que os torna toleráveis. Os personagens retintos são relegados ao desafeto do narrador, que não tolera os seus comportamentos brutalizados.

No entanto, Rose não é favorável a muitas das coisas que Melanctha faz; uma delas é a de se envolver com homens brancos. Rose condena esses relacionamentos inter-raciais: “Eu certamente não digo nunca para você, Melanctha, você nunca deveria ter nada a ver, nunca, com nenhum homem branco, eu penso que isso não é, para mim, Melanctha, o melhor comportamento para uma garota negra ter”²⁰² (STEIN, 1933, p. 208). Rose condena os encontros clandestinos com homens brancos, pois a imagem das mulheres negras para eles era a de que eram mulheres fáceis, prostituídas por um presente ou por dinheiro. Mais uma vez o narrador usa da voz do personagem para perpetuar as suas convicções sobre as relações inter-raciais.

¹⁹⁹ “It was summer now, and Jeff Campbell had more time to wander, for colored people never get sick so much in summer.”

²⁰⁰ “All the joy of the strong, sweet, pungent, dirty, moist, warm negro summer.”

²⁰¹ “Rose did not like Melanctha’s old friend Jane Harden when she saw her. Jane despised Rose for a ordinary, stupid, sullen, black girl.”

²⁰² “I don’t say never certainly to you Melanctha, you never had ought to have nothing to do ever with no white men, though it ain’t never to me, Melanctha, the best kind of a way a colored girl can have to be acting.”

Um outro exemplo de como o narrador apresenta esse contexto, é de quando Melanctha recebe flores de um homem branco, “Melanctha estava andando, e ela estava livre e feliz. Melanctha havia acabado de se separar de um homem branco e ela tinha um buquê de flores que ele havia deixado com ela”²⁰³ (STEIN, 1933, p. 216). Rose tinha expectativas de que Melanctha tivesse um relacionamento com um negro, como no fragmento em que o narrador comenta que “e esse era o tipo de jeito que Rose gostava de Melanctha fazer isso, de estar noiva dele, e de ter um bom momento nêgo (sic) quente com homens negros, não indo com qualquer espécie de homem branco”²⁰⁴ (STEIN, 1933, p. 209). A narrativa determina que o melhor relacionamento para Melanctha seria com um homem negro justamente para não gerar mais miscigenação entre os seus personagens, o que seria condenável.

Quando o conto se encaminha para a conclusão, passamos a entender o porquê que Melanctha “sempre era abandonada, quando ela não estava abandonando os outros”²⁰⁵ (STEIN, 1933, p. 89). A sua decepção amorosa com Jeff, e, antes disso, ter sido abandonada pelo próprio pai, para depois ser abandonada por Jem Richards e Rose Johnson, criaram a atmosfera perfeita para o seu final trágico: a sua morte. De acordo com hooks (2019a, p. 46), “amar a negritude em uma cultura supremacista branca [é] tão ameaçador, uma brecha tão grave no tecido social, que a punição é a morte”. Dentro da negritude imaginada de Gertrude Stein, o vagar, a busca pela alegria e pelo conhecimento, por parte de Melanctha, correspondia ao seu apreço da sua negritude. Porém, ao fazer isso, Melanctha abandona a branquidade que tanto se esforçou para dominar a sua vida, o que conforme o narrador ela deveria adotar, e o único meio de puni-la é deixando-a solitária e, depois, condenando-a a tuberculose e, conseqüentemente, à morte.

Por meio de estereótipos e a influência enfática do narrador em utilizar os valores da branquidade em uma narrativa com o núcleo majoritariamente de personagens negros, “Melanctha” (1909) subverte o racismo e transforma-o em um mecanismo de opressão transvestido de opiniões emitidas por personagens negros, quando é a opinião do narrador que está sendo expressa por trás das palavras destes. Conforme a análise realizada pelos escritos de Bakhtin (2015), na narrativa se apresenta o sobrepôr da voz do narrador às vozes dos personagens, o que instiga o leitor a acreditar que as opiniões emitidas são dos personagens, e não de um narrador parcial.

²⁰³ “Melanctha was walking along, and she was free and excited. Melanctha had just parted from a white man and she had a bunch of flowers he had left with her.”

²⁰⁴ “And this was the kind of way Rose always liked to have Melanctha do it, to be engaged to him, and to have a good warm nigger time with colored men, not to go with that kind of white man.”

²⁰⁵ “Was always being left when she was not leaving others.” (tradução nossa)

Todas as “opiniões” dos personagens carregam um valor simbólico que exprime a carga ideológica vivida por pessoas negras no final do século XIX, todas as expectativas e os papéis que deveriam desempenhar nas relações raciais entre os próprios negros e entre brancos e negros, como também na construção da identidade sociocultural que a sociedade racista estadunidense impôs aos negros. Em outras palavras, o narrador de “Melanctha” (1909) queria convencer o leitor de que os negros eram preguiçosos, brutais, covardes, bêbados, infiéis, bestiais, brigões, endurecidos e, portanto, que eles apenas mudariam quando passassem pelo processo de aculturação e adotassem os valores da branquidade. Como os próprios não fazem isso, ou melhor, quando Melanctha, a mulher quase branca, opta por aceitar a sua negritude, a narrativa a mata.

4.2.2 *O Cubismo Literário, as relações de gênero e o machismo explícito em “Melanctha”*

De acordo com Butler (2017, p. 7-8), “ser mulher nos termos de uma cultura masculinista é ser uma fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens”, o que se encaixa bem na interpretação das relações de gênero em “Melanctha” (1909). Determinada pelos papéis de gênero impostos às mulheres na virada do século XX, no conto somos apresentados a relações de gênero problemáticas, que se apoiam abertamente na intersecção do machismo com o racismo, como comenta Davis (2016, p. 127), quando afirma que “com a chegada do século XX, um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo de uma nova maneira”. Com isso, as mulheres negras foram expostas a essa opressão dupla, que em muito atrapalhou no desenvolvimento e reconhecimento de sua subjetividade.

Para Butler (2017, p. 20), “a crítica feminista deve compreender como a categoria das ‘mulheres’ é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação”. Sobre isso, hooks (2019b) aponta que o sexismo era muito comum nas comunidades negras estadunidenses, comunidades estas que apoiavam líderes homens em detrimento das lideranças femininas. A autora complementa, afirmando que “ninguém se preocupou em discutir como o sexismo atua tanto independentemente do racismo quanto simultaneamente a ele para nos oprimir” (HOOKS, 2019b, p. 26). Foi a partir daí que surgiu a ideia de que mulheres negras não eram mulheres, conforme Davis (2016).

Sendo assim, hooks (2019a, p. 285) menciona que “uma vez que sempre fomos codificadas como mulheres ‘maculadas’ na iconografia cultural racista, nunca poderemos trabalhar nossa imagem como a da mulher inocente, ousando ser má”, pois a cultura dominante interpreta o corpo da mulher negra como um representante da experiência sexual. A razão por

trás dessa leitura seria porque “os brancos se juntaram em um espaço para disseminar o mito de que todas as mulheres negras eram sexualmente desinibidas” (HOOKS, 2019b, p. 98).

Desde o início de “Melanctha” (1909), somos expostos a dualidade, ao binarismo *white/black* (branco/preto), quando as duas personagens antagônicas, Melanctha e Rose, são comparadas. O principal questionamento do narrador é como uma estúpida garota negra conseguiu se casar com um bom homem negro quando a inteligente e atraente Melanctha, com o “seu desejo por uma posição distinta ainda não tinha realmente se casado”²⁰⁶ (STEIN, 1933, p. 86). Mas a narrativa conduz o leitor ao erro, ao força-lo a deduzir que o narrador tem alguma preferência por Melanctha, o que o narrador não tem.

Do contrário que se possa imaginar, Melanctha não é amada, principalmente pelos seus pais. Rose Johnson, em uma tentativa de convencer Sam de que Melanctha merecia a piedade deles, conta para ele que “um dia, quando Melanctha era pequena, ela ouviu a sua mãe dizer para o seu pai, e isso foi terrivelmente triste para ela, por quê Melanctha não tinha sido a escolhida para Deus levar ao invés de seu irmãozinho que morreu em casa de febre”²⁰⁷ (STEIN, 1933, p. 213). Então, desde muito pequena, Melanctha soube que não era querida, o que motivou o seu ódio para com os seus próprios pais. O machismo fez os Herberts desejarem o filho morto em detrimento da filha saudável.

A violência de gênero rege o conto, com a figura problemática de James Herbert, pai de Melanctha, que, como já mencionamos no capítulo, representa o estereótipo de homem negro violento. De acordo com o narrador, “ele estava muito certo de que ele frequentemente tinha uma boa razão para estar zangado com Melanctha”²⁰⁸ (STEIN, 1933, p. 92). Quando Melanctha começa a frequentar os estábulos dos Bishops, para brincar com os cavalos e conversar com John, o cocheiro, James Herbert fica chateado, chegando em casa e ameaçando-a para a mãe dela, Mis Herbert, ““Onde está aquela sua garota Melanctha? Se ela ir (sic) para os estábulos dos Bishops de novo, com aquele homem John, eu juro que vou matá-la.””²⁰⁹ (STEIN, 1933, p. 91). A culpa cai sobre Mis Herbert, que sofre a acusação de não a vigiar adequadamente, “por que você não cuida daquela garota melhor, hein, você é a mãe dela” (idem).

Para Davis (2016, p. 26), “a escravidão havia de fato destruído a família negra. Como resultado, ao povo negro supostamente só restava a família matrifocal, que enfatiza a primazia

²⁰⁶ “Her desire for a right position had not yet been really married.”

²⁰⁷ “One day Melanctha was real little, and she heard her ma say to her pa, it was awful sad to her, Melanctha had not been the one the Lord had took from them stead of the little brother who was dead in the house from fever.” (tradução nossa)

²⁰⁸ “He was very certain that he often had good reason to be angry with Melanctha.”

²⁰⁹ “Where’s that Melanctha girl of yours. If she is to the Bishops’ stables again, with that man John, I swear I kill her.”

da relação entre a mãe e a criança e apenas laços frágeis com o homem”. Em “Melanctha” (1909), é explícito que James Herbert é um pai ausente. O narrador indica que “o pai de Melanctha iria para onde Melanctha e sua mãe viviam apenas de vez em quando”²¹⁰ (STEIN, 1933, p. 90), deixando a responsabilidade da criação de Melanctha apenas para a sua mãe. É errado afirmar que Mis Herbert seja uma matriarca, no entanto, pois “o termo matriarca implica a existência de uma ordem social na qual mulheres exercem poder social e político, um estado que de jeito nenhum se assemelha à condição das mulheres negras” (HOOKS, 2019a, p. 124). E quando James Herbert se sente livre para repreender a criação que Mis Herbert dá a filha deles, demonstra que quem é o líder da família é *ele*, mesmo que seja um pai ausente e não um provedor.

O método de repetição, característico de Gertrude Stein, aparece de novo, quando James Herbert ouve que a sua filha está saindo com John, o cocheiro, mais uma vez. “Se ela está nos estábulos dos Bishops agora com aquele John amarelo, eu juro que mato ela! Uma boa maneira dela ser uma *filha decente*. Por que você não cuida dessa menina melhor, não é você a mãe dela!”²¹¹ (STEIN, 1933, p. 94, grifo nosso). Sobre isso, Davis (2016, p. 186) indica que “durante a escravidão, a mulher negra começou a desenvolver um conceito depreciativo de si mesma não apenas como mulher, mas também como ser humano. A mulher negra se tornou ‘promíscua e fácil’ e podia ser de qualquer um”. Então quando James repreende o comportamento da filha, ironizando que ela não é uma *filha decente*, ele se refere ao seu comportamento libidinoso tão prematuro, uma garota com 12 anos andando com homens mais velhos.

James Herbert, porém, não estava muito errado em sua percepção da situação, mas apenas escolheu o alvo errado para as suas reclamações. É óbvio que John tem mais do que sentimentos fraternais por Melanctha, quando o narrador aponta que “realmente ele sentia fortemente o seu poder de mulher”²¹² (STEIN, 1933, p. 93). Contudo, essa também é uma armadilha do conto para sentenciar toda uma raça pelo comportamento de um único indivíduo. Conforme Davis (2016, p. 186), “uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida de bestialidade”.

Logo, quando John tem esses pensamentos concupiscentes sobre uma *criança*, uma menininha de 12 anos, não há mais nada a se fazer além de condená-lo como um estuprador e pedófilo em potencial. Entretanto, é relevante salientar de que foi o narrador quem falou isso.

²¹⁰ “Melanctha’s father only used to come to where Melanctha and her mother lived, once in a while.” (tradução nossa)

²¹¹ “If she is to the Bishops’ stables now with that yellow John, I swear I kill her. A nice way she is going for a decent daughter. Why don’t you see to that girl better you, ain’t you, her mother!”

²¹² “Really he felt strongly the power in her of a woman.”

O narrador, em suas indagações, não parece muito certo sobre os verdadeiros sentimentos de John para com Melanctha, como quando James e John estão bebendo e o narrador usa o advérbio *perhaps*, talvez, “*talvez* o bom John tivesse bebido uma boa quantia de licor, *talvez* havia mais do que o brilho de alguma coisa mais suave do que os sentimentos de um amigo mais velho na forma com que ele falava sobre Melanctha”²¹³ (STEIN, 1933, p. 93, grifo nosso). Com a utilização do advérbio, o narrador abstrai o sentido do desejo de John, passando-o para um terreno imaginativo, o *talvez* simbolizando de que poderia ser, sim, provável de que John tivesse mais do que sentimentos fraternais por Melanctha ou que, talvez, ele só estivesse muito bêbado.

Dessa forma, quando Melanctha começa a explorar a sua sexualidade em florescimento, a narrativa usa uma artimanha que Butler (2017, p. 36) considera falocêntrica, “esse modo falocêntrico de significar o sexo feminino reproduz perpetuamente as fantasias de seu próprio desejo autoengrandecedor”. E por que seria isso? Porque Melanctha passa a explorar a sua sexualidade em locais não muito convencionais, como nas ruas e nas esquinas escuras, onde ela pudesse encontrar homens dispostos a “ensiná-la”. Para o narrador, “nos anos seguintes, Melanctha aprendeu muitos caminhos que conduzem à sabedoria. Ela aprendeu os caminhos e, vagamente, à distância, ela enxergou a sabedoria”²¹⁴ (STEIN, 1933, p. 96). Esses caminhos os quais o narrador se refere são os encontros clandestinos que Melanctha tem com homens negros e brancos.

Mais uma vez o narrador condena a criação de Melanctha quando afirma que, “garotas que foram criadas com cuidado e atenção podem sempre encontrar momentos para escapar no mundo, onde elas podem aprender os caminhos que conduzem à sabedoria. Para uma garota criada como Melanctha, essas escapadas eram sempre muito simples”²¹⁵ (STEIN, 1933, p. 96). A descrição que segue esse trecho é sobre como Melanctha vagava sozinha ou acompanhada, pelos pátios da ferrovia ou nas docas, onde ela poderia começar a “aprender” com os trabalhadores desses lugares, “então quando a escuridão cobria tudo, ela poderia começar a aprender conhecendo esse homem ou aquele”²¹⁶ (idem). O que seria esse aprendizado, se nada mais do que a exploração de sua sexualidade latente com homens mais velhos? O narrador

²¹³ “Perhaps the good John had been drinking a good deal of liquor, perhaps there was a gleam of something softer than the feeling of a friendly elder in the way John then spoke of Melanctha.”

²¹⁴ “In these next years Melanctha learned many ways that lead to wisdom. She learned the ways, and dimly in the distance she saw wisdom.”

²¹⁵ “Girls who are brought up with care and watching can always find moments to escape into the world, where they may learn the ways that lead to wisdom. For a girl raised like Melanctha, such escape was always very simple.”

²¹⁶ “Then when the darkness covered everything all over, she would begin to learn to know this man or that.”

comenta que “às vezes ela quase iria se entregar, e então a força nela de realmente não saber, pararia o homem medíocre em seu esforço”²¹⁷ (ibidem). O narrador ainda destaca que “meninos nunca significavam muito para Melanctha. Eles sempre foram muito jovens para contentá-la” (ibidem).

Segundo Butler (2017, p. 8), “todo desejo, problematicamente presumido como heterossexual e masculino, era definido como problema”, no século XX. No capítulo 3, a partir de fragmentos da obra, deduzimos que Melanctha sofre de uma crônica inveja do pênis e que, por seus problemas paternos, a sua sexualidade desenvolveu um complexo de masculinidade, portanto, a expressão do seu desejo sexual é ativa e agressiva. No conto, o narrador comenta que “naqueles dias, Melanctha falava e permanecia e andava com muitos tipos de homens, mas ela não aprendia a conhecer qualquer um deles profundamente. Eles todos presumiam que ela tinha o conhecimento do mundo e experiência”²¹⁸ (STEIN, 1933, p. 97), logo, esses homens deduziam que Melanctha tinha experiência sexual por ser uma mulher negra, uma mulher fácil.

Com isso, Melanctha ganhou a confiança dos homens, que sempre tinham tempo para ela, “Melanctha viria muito frequentemente para cá [a ferrovia] e assistia os homens e todas as coisas com que se ocupavam trabalhando”²¹⁹ (STEIN, 1933, p. 98). Melanctha às vezes estava acompanhada de outras garotas nessa empreitada, o que tornava muito mais fácil quando queria escapar das garras dos homens com que se envolvia. Quando estava sozinha, no entanto, “e ela estava [sozinha] frequentemente, ela se aproximava de dar um *longo passo* para a estrada que conduz à sabedoria”²²⁰ (STEIN, 1933, p. 100, grifo nosso). Esse *longo passo* nada mais é do que um eufemismo para a perda de sua virgindade, que alguns homens tentavam arduamente retirar, como mostrado no fragmento em que o narrador comenta que “o homem às vezes chegaria um pouco mais perto, iria detê-la, iria segurá-la pelo braço ou faria as suas piadas um pouco mais claras e então Melanctha iria sempre escapar”²²¹ (idem).

Dessa forma, os homens com quem Melanctha se envolvia iriam tentar atraí-la para os seus braços com provocações, “e então Melanctha vagava pelo *limite da sabedoria*. ‘Diga, irmãzinha, por que quando você vem aqui e não fica um pouco mais?’, eles perguntariam para

²¹⁷ “Sometimes she would almost go over, and then the strength in her of not really knowing

²¹⁸ “In these days Melanctha talked and stood and walked with many men, but she did not learn to know any of them very deeply.”

²¹⁹ “Melanctha came here very often and watched the men and all the things that were so busy working.”

²²⁰ “She was so, very often, she would sometimes come very near to making a long step on the road that leads to wisdom.”

²²¹ “The man would sometimes come a little nearer, would detain her, would hold her arm or make his jokes a little clearer, and then Melanctha would always make herself escape.”

ela, e eles iriam segurá-la para que ela respondesse”²²² (STEIN, 1933, p. 101, grifo nosso). Esse *limite da sabedoria* é um eufemismo para o momento em suspenso antes que um desses homens se estressasse e chegassem a estuprá-la, pois Melanctha é uma provocadora em sua sede por “conhecimento” e nunca chega a permitir que o próximo passo seja tomado.

Quando Melanctha vaga pelas docas e conhece os marinheiros negros, eles a provocam, “Fala, irmãzinha, olha aqui ou nós vamos aí pegar ocê (sic)’ ou ‘ei, você aí, sua garota amarela, venha aqui ou nós iremos levar você para navegar”²²³ (STEIN, 1933, p. 101) e eles a contariam histórias sobre o mar, mostravam as suas acomodações nos navios e as lojas das docas. Contudo, uma das falas de Melanctha sobre as docas deve ser pontuada, “Melanctha amava ver esses lugares escuros e *fedorentos*”²²⁴ (idem, grifo nosso).

Para Caldeira (1994, p. 40-41), “[a] descrição vai construindo a imagem do negro como naturalmente diferente do branco e inferior a ele, a partir do momento fulcral da percepção da diferença de cor da pele, passando pela característica que usualmente lhe vem associada – o cheiro”. Dessa forma, o narrador destaca que Melanctha amava o fedor das docas e, conseqüentemente, dos homens negros que trabalhavam nela. Melanctha, que tinha todos os motivos para agir com arrogância, afinal, o narrador destaca várias vezes que era *quase* branca, gostava de aprender com esses homens endurecidos, porque “ela sempre amou assistir e conversar e ouvir com esses homens que trabalhavam duro”²²⁵ (STEIN, 1933, p. 102).

Nesses relacionamentos com os homens negros trabalhadores, Melanctha passou a se envolver em situações de perigo. Tudo começou com um desafio violento de um desses trabalhadores, “é, irmãzinha, presta atenção ou aquela pedra vai cair em cima de você e te esmagar em pedacinhos. Você acha que seria uma geleia gostosa?”²²⁶ (STEIN, 1933, p. 102) e depois disso, um outro homem disse “diga, sua linda garota amarela, você teria medo de subir aqui no topo onde eu estou? Veja se você tem coragem e venha aqui onde eu possa segurar você. Tudo o que você tem que fazer é sentar quietinha naquela pedra que eles estão erguendo”²²⁷ (idem). Melanctha aceitou o desafio por orgulho e terminou com um braço

²²² “And so Melanctha wandered on the edge of wisdom. ‘Say, Sis, why don’t you when you came here stay a little longer?’ they would ask her, and they would hold her for and answer.” (tradução nossa)

²²³ “Say, Sis, look out or we’ll come and catch yer’ or ‘Hi’, there, you yaller girl, come here and we’ll take you sailin’.”

²²⁴ “She loved to see these dark and smelly places.”

²²⁵ “She always loved to watch and talk and listen with men who worked hard.”

²²⁶ “Heh, Sis, look out or that rock will fall on you and smash you all up into little pieces. Do you think you would make a nice jelly?”

²²⁷ “Say, you pretty yaller girl, would it scare you bad to stand up here on top where I be? See if you’ve got grit and come up where I can hold you. All you got to do is to sit still on that there rock that they’re just hoistin’.” (tradução nossa)

quebrado, que James Herbert não deixou um médico tratar, “ele estava furioso quando ele viu os trabalhadores e Melanctha. Ele afastou os homens com xingamentos e então eles todos estiveram prestes a brigar, e ele não deixaria um médico vir para atender Melanctha” (STEIN, 1933, p. 103). Melanctha paga por seu ato de coragem com um braço quebrado que o seu próprio pai não permite ser medicado e tratado.

É quando Melanctha conhece Jane Harden, contudo, que o seu “conhecimento” é aprofundado, pois, “Jane Harden nesse período tinha vinte e três anos e ela tinha tido muita experiência”²²⁸ (STEIN, 1933, p. 103). A atração entre as duas é mútua, mas Melanctha sentia-se orgulhosa por ter 16 anos e atraído a atenção de uma mulher mais velha. Inicialmente há uma disparidade de poder entre as duas, porque “ela [Jane] ensinou muitas coisas para Melanctha. Ela ensinou a ela como ir pelo caminho que conduz à sabedoria”²²⁹ (STEIN, 1933, p. 103), ou seja, as duas tiveram relações sexuais. O fragmento que comprova que as duas tiveram relações sexuais é simples, “não foi a partir dos homens que Melanctha aprendeu a ser sábia. Foi sempre Jane Harden que fez Melanctha começar a entender”²³⁰ (STEIN, 1933, p. 104). Jane Harden, por ser mais velha, era respeitada por Melanctha, que queria “aprender” o máximo com ela.

Uma das coisas que Melanctha tentou aprender foi a beber, mas “ela não se importava muito para fazê-lo”²³¹ (STEIN, 1933, p. 104). Com o seu relacionamento com Jane Harden, as duas passaram a vagar juntas e conhecer homens mais importantes, “não era mais agentes expressos e escriturários que ela aprendeu a conhecer, mas empresários, viajantes comerciais, e até mesmo acima desses”²³² (idem). Jane Harden proporcionou classe para os encontros clandestinos de Melanctha e “agora Melanctha era uma mulher sábia, e vagamente ela começou a ver isso que era o que ela deveria entender” (ibidem). Melanctha agora não era mais uma garota, mas uma mulher feita, desvirginada e que poderia se apropriar do seu *poder feminino*.

Ao longo dos dois anos que passaram juntas, em algum momento, elas pararam de procurar por homens e dedicaram-se a si próprias, “logo elas começaram a vagar, mais para estarem juntas do que para ver homens e aprender sobre os seus empregos”²³³ (STEIN, 1933, p. 105). Logo depois, elas pararam de vagar de vez e Melanctha passou longas horas no quarto de Jane, “sentindo a sua força e o poder de sua afeição, e lentamente ela começou a ver

²²⁸ “Jane Harden was at this time twenty-three years old and she had much experience.”

²²⁹ “She taught Melanctha many things. She taught her how to go the ways that lead wisdom.”

²³⁰ “It was not from the men that Melanctha learned her wisdom. It was always Jane Harden herself who was making Melanctha begin to understand.”

²³¹ “But she did not find she cared very much to do them.”

²³² “It was no longer express agents and clerks that she learned to know, but men in business, commercial travellers, and even men above these.”

²³³ “Soon they began to wander, more to be together than to see men and learn their various ways of working.”

claramente o único caminho que iria, com certeza, conduzi-la à sabedoria”²³⁴ (idem, grifo nosso), o que é um eufemismo para as relações sexuais que as duas mantinham. Esse caminho era o relacionamento sáfico com Jane, que a “ensinou” todas as mais variadas formas de amar para Melanctha.

O narrador comenta que, no primeiro ano desse relacionamento, Jane era a mais forte, por saber das coisas que Melanctha não sabia, “e antes que o ano acabasse, ela ensinou a Melanctha o que dá para muitas pessoas no mundo a sua sabedoria”²³⁵ (STEIN, 1933, p. 106). Somos apresentados a mais um eufemismo por parte de Stein, o *teaching*, o lecionar, de Jane Harden. O narrador indica que “Jane tinha muitas formas com as quais lecionar”²³⁶ (idem) e explica que Jane contava coisas para Melanctha, “amava Melanctha duramente e fazia Melanctha sentir isso profundamente”²³⁷ (ibidem).

E então chegamos a uma parte um tanto quanto ambígua do texto. O narrador, ao falar sobre o relacionamento das duas, pontua que “ela [Jane] estaria com outras pessoas e com homens e com Melanctha e ela fazia Melanctha entender o que todo mundo queria, e o que alguém faria com o poder quando alguém tivesse isso”²³⁸ (ibidem). Já sabemos que o *poder* no conto equivale a sexualidade, então Jane Harden continuou a encontrar outras pessoas enquanto ainda estava com Melanctha. Mas isso significou que elas tinham relações sexuais com mais de uma pessoa? Talvez.

O trecho acima mencionado é muito ambíguo para ser explorado sem a atenção apropriada, então podemos destrincha-lo: como já explicado, na narrativa o *poder* tinha um significado metonímico, sendo um símbolo para a sexualidade. Logo, quando Jane Harden se encontra com *outras pessoas*, que, para o período, só pode ser um eufemismo para *mulheres*, e *homens*, enquanto está com Melanctha e se dedica para fazê-la entender o que todos queriam, o narrador se esforça para construir uma ideia sexual dos encontros. Podemos interpretar que as duas tinham relações sexuais com uma terceira pessoa e que, nelas, Jane Harden instruía Melanctha sobre qual a melhor forma de satisfazê-las.

Ao longo do relacionamento das duas, Melanctha se cansa da vida desvariada de Jane Harden, “Melanctha Herbert nunca esqueceu que foi Jane Harden quem a ensinou, mas Jane

²³⁴ “Feeling her strength and the power of her affection, and slowly began to see clear before her one certain way that would be sure to lead to wisdom.” (tradução nossa)

²³⁵ “And before the year was over she had taught Melanctha what it is that gives many people in the world their wisdom.”

²³⁶ “Jane had many ways in which to do this teaching.”

²³⁷ “She loved Melanctha hard and made Melanctha feel it very deeply.”

²³⁸ “She would be with other people and with men and with Melanctha, and she would make Melanctha understand what everybody wanted, and what one did with power when one had it.”

fazia muitas coisas que Melanctha não mais precisava” (STEIN, 1933, p. 107). Melanctha, paulatinamente, se afasta de Jane Harden, pois já obteve dela tudo o que queria e passou a sentir como se sempre tivesse tido esse conhecimento, essa experiência sexual que Jane Harden lhe inculcou. Jane, por outro lado, se destruía com o seu vício por álcool e a sua dependência tornou o término com Melanctha muito mais difícil do que deveria ter sido, “o seu hábito de beber tornou muito mais difícil para ela perdoar Melanctha”²³⁹ (idem), em razão do abandono repentino das relações entre as duas.

Depois do seu término traumático com Jane Harden, Melanctha conheceu Jeff Campbell, por quem logo se interessou, “as coisas começaram a ser muito fortes entre eles. Melanctha queria ele tanto que agora ela nunca vagava. Ela apenas deu a si mesma essa experiência”²⁴⁰ (STEIN, 1933, p. 109). Inicialmente Jeff Campbell não quer nada com Melanctha, porque Jane Harden contou para ele tudo o que sabia sobre Melanctha, com um ressentimento característico de uma mulher abandonada, e Mis Herbert, mãe de Melanctha, também não ajudou a própria filha, falando tudo que ela sabia e desgostava nela. Então Jeff formou uma imagem totalmente machista de Melanctha, “Jefferson Campbell tinha antes frequentemente visto Melanctha Herbert, mas ele acreditava que ela não era boa. Ele havia ouvido alguma coisa sobre como ela vagava”²⁴¹ (STEIN, 1933, p. 110).

Desse modo, Jeff resistiu à Melanctha o quanto pode. Até que um dia, quando Mis Herbert estava prestes a falecer e Jeff se ofereceu para assisti-la em seus momentos finais, Melanctha e Jeff passaram uma noite em claro, apenas conversando sobre amenidades, e foi nesse dia que Jeff mudou de ideia sobre Melanctha. Na conversa, Melanctha questiona Jeff sobre Jane Harden, “mas e sobre Jane Harden? Me parece, Dr. Campbell, que você encontra alguma coisa nela, e você vai lá com muita frequência, e você fala com ela muito mais do que com as meninas boas que ficam em casa com a sua família”²⁴² (STEIN, 1933, p. 117). Dessa forma, muito sutilmente, Melanctha combate o machismo de Jeff, que a condenava com tanta veemência, mas que encontrava tempo para ouvir todas as coisas más que Jane tinha a falar sobre ela.

O relacionamento deles, no entanto, progride. Porém, Melanctha percebe a sua reticência em visita-la, em estar com ela. Jeff, um dia, decide confessar os seus sentimentos

²³⁹ “Her drinking made it always harder for her to forgive Melanctha.” (tradução nossa)

²⁴⁰ “Things began to be very strong between them. Melanctha wanted him so badly that now she never wandered.”

²⁴¹ “Jefferson Campbell had often before seen Melanctha Herbert, but he had never liked her very well, and he had never believed that she was any good. He had heard something about how she wandered.”

²⁴² “How about Jane Harden? Seems to me Dr Campbell you find her to have something in her, and you go there very often, and you talk to her much more than you do to the nice girls that stay at home with their people.”

reais por Melanctha, “às vezes você é uma garota, para mim, que eu certamente nunca iria confiar, e você tem uma risada tão dura, parece um chocalho, e você tem maneiras tão ruins, eu não acredito que você realmente age assim”²⁴³ (STEIN, 1933, p. 138). Nesse mesmo diálogo, Jeff diz que “eu não sei como dizer o que eu quero dizer, Melanctha, mas existe alguma coisa horrível nos seus sentimentos, tão diferentes das formas com as quais eu normalmente vejo boas pessoas sentirem”²⁴⁴ (STEIN, 1933, p. 139). Jeff expõe o seu machismo, condenando o comportamento de Melanctha, as suas decisões, o seu passado. É muito mais fácil acusa-la do que tentar compreendê-la.

Melanctha, não obstante, não concorda com o que Jeff lhe diz, “eu estava terrivelmente pronta, Jeff, para deixar você dizer qualquer coisa que você gostaria, que te desse prazer. Você poderia dizer tudo sobre mim que você queira, Jeff, e eu poderia tentar aguentar, mas você foi muito cruel comigo”²⁴⁵ (STEIN, 1933, p. 140). Melanctha, dessa forma, não aceita o julgamento de Jeff, mesmo se pondo em uma posição de subserviência. O que Melanctha não sabia era que Jeff continuava atendendo Jane, e que, nesse atendimento, Jane continuava a falar mal dela para o médico.

Jane Harden não sabia que Jeff e Melanctha estavam se encontrando, então tudo o que ela falava sobre Melanctha era resultado do seu ressentimento profundo por ela. Logo, “Jane começou a contar tudo sobre os diferentes homens, brancos e negros, Melanctha nunca foi particular sobre coisas assim”²⁴⁶ (STEIN, 1933, p. 144). Em seu vagar, Melanctha nunca distinguiu os homens negros dos brancos, pois o que importava era a experiência sexual que eles tinham para ensiná-la. Como resultado da fofoca de Jane Harden, Jeff se afasta de Melanctha, mesmo que ela envie cartas perguntando onde ele estava. Por fim, Melanctha se cansa do comportamento inseguro de Jeff, afirmando que “eu certamente não aguento mais o jeito que você está sempre mudando. Eu certamente temo, Dr. Campbell, que você não é homem o suficiente para merecer que alguém se importe muito de estar sempre com você”²⁴⁷ (STEIN, 1933, p. 145).

²⁴³ “Sometimes you are a girl to me I certainly never would be trusting, and you got a laugh then so hard, it just rattles, and you got ways so bad, I can’t believe you mean them hardly.”

²⁴⁴ “I don’t know how to say just what I mean, Melanctha, but there was something awful hard about your feeling, so different from the way I’m always used to see good people feeling.” (tradução nossa)

²⁴⁵ “I was awful ready, Jeff, to let you say anything you liked that gave you any pleasure. You could say all about me what you wanted, Jeff, and I would try to stand it, but you was too cruel to me.” (tradução nossa)

²⁴⁶ “Jane began to tell all about the different men, white ones and blacks, Melanctha never was particular about things like that.”

²⁴⁷ “I certainly can’t stand it any more the way you are always changing. I certainly am afraid Dr. Campbell you ain’t man enough to deserve to have anybody care so much to be always with you.”

Jeff, no entanto, tenta se defender dizendo que “eu certamente não acho que você seja sempre justa para lembrar agora o quão difícil é para um homem, que pensa como eu penso, não pensar nas coisas muito más frequentemente”²⁴⁸ (STEIN, 1933, p. 146), em uma tentativa de se justificar quanto ao machismo que constitui grande parte de sua personalidade. Jeff não consegue perdoar Melanctha em razão do seu passado e Melanctha não consegue perdoar Jeff por não esquecer o passado dela. Os dois conversam muito sobre os seus sentimentos, mas Melanctha já não suporta a insegurança de Jeff, a sua falta de confiança nela.

No verão, o relacionamento dos dois parece ter melhorado; os dois vagueiam juntos, trocando juras de amor e promessas, mas Jeff, apoiado pelo narrador, não entende o poder de Melanctha sobre a sua vida, “o que Melanctha estava fazendo com ele? E o que ele costumava pensar que era o melhor para ele e para todos os negros que estavam sempre tentando fazer o certo, na maneira em que todos deveriam viver? Por que agora Melanctha era tão feia para ele”²⁴⁹ (STEIN, 1933, p. 155). Paulatinamente Melanctha vai tentando reconstruir a ideia de Jeff da negritude, ao ponto de descaracterizá-lo. Ele resiste, pois detesta essa ideia de negritude que procura formas variadas de ficar feliz. Melanctha percebe a resistência de Jeff em encontrá-la em locais públicos e comenta que “eu acho que você está sempre pensando, Jeff, que alguém deveria ficar envergonhado com nós dois juntos”²⁵⁰ (STEIN, 1933, p. 157). A narrativa é envolvida por essa incerteza, a insegurança de Jeff consegue contaminar Melanctha, que percebe a sua reticência de estar com ela, “você certamente nunca confiou em mim, não, é Jeff?”²⁵¹ (STEIN, 1933, p. 158).

Dessa forma, Melanctha fica chateada com a situação, que gradativamente piora, ao ponto de Jeff adiar continuamente os seus encontros com Melanctha. Como justificativa, ele diz, “oh, sim, Melanctha, eu conheço esse tipo de coragem. Eu vejo muito disso toda hora em alguns homens negros com algumas *garotas como você*, Melanctha, e Jane Harden” (STEIN, 1933, p. 166). O que ele quis dizer como *garotas como você*? Basicamente é o machismo do narrador, que determina que Melanctha não é uma mulher decente. Jeff quer constantemente se assegurar de que Melanctha o ama, “frequentemente Jeff iria pergunta-la, se ela realmente o amava, e ela sempre respondia, ‘sim, Jeff, claro, você sabe disso’”²⁵² (STEIN, 1933, p. 175).

²⁴⁸ “I certainly don’t think you always are fair to remember right how hard it is for a man, who thinks like I always thinking, not to think you do things very bad often.”

²⁴⁹ “What was it Melanctha was now doing with him? What was it he used to be thinking was the right way for him and all the colored people to be always trying to make it right, the way they should be always living? Why was Melanctha now all so ugly for him?”

²⁵⁰ “I suppose you are always thinking, Jeff, somebody had ought to be ashamed with us two together.”

²⁵¹ “You certainly never did trust me then, Jeff?”

²⁵² “Often Jeff would ask her, did she really love him, always she said, ‘Yes Jeff, sure, you know that’.”

Contudo, depois de várias discussões e Melanctha, por fim, perceber que Jeff não a valoriza, ela volta a vagar, “Melanctha tinha começado mais uma vez a vagar. Melanctha ainda não vagava sempre, mas ela precisava começar a ver outras pessoas um pouco, agora”²⁵³ (STEIN, 1933, p. 184). Ela para de responder as cartas de Jeff e passa a remarcar os seus encontros, atrasando-os o máximo que pode, “Deixe-me ver, Jeff, amanhã, como você estava me dizendo. Eu certamente estou terrivelmente ocupada agora, sabe, Jeff. Me parece que essa semana, Jeff, eu não poderei consertar isso. Claro que vou te ver em breve, Jeff”²⁵⁴ (idem). Melanctha trata Jeff com o mesmo respeito que ele demonstrou para com ela, ou seja, nenhum.

No entanto, Jeff não gosta do tratamento que recebe de Melanctha, “Jeff Campbell iria embora e deixa-la, e ele estaria ferido e muito chateado, porque era difícil para um homem com um grande orgulho, como Jeff Campbell, sentir-se menos do que um mendigo”²⁵⁵ (STEIN, 1933, p. 185). O orgulho de Jeff não poderia ser ferido com a rejeição de Melanctha, mas ele foi capaz de, de várias vezes, ferir o orgulho dela com a sua reticência e desconfiança. Mesmo separados e sem se ver, Jeff não sabia que Melanctha havia voltado a vagar, “Jeff Campbell não sabia ainda que Melanctha havia começado a vagar novamente. Ele não foi muito rápido em suspeitar de Melanctha”²⁵⁶ (STEIN, 1933, p. 188).

Com as seguintes esquivas de Melanctha em encontrar-se com ele, Jeff começou a se sentir rejeitado, “então Jeff Campbell estava cheio de raiva. Agora ele sabia que ele não poderia nunca querê-la. Agora ele sabia que ele nunca mais poderia confiar nela”²⁵⁷ (STEIN, 1933, p. 189). Posteriormente ele descobre que Melanctha reiniciou o seu vagar e Jane Harden tentou mais uma vez encher a sua cabeça com as coisas que Melanctha costumava fazer, mas, segundo o narrador, “Jeff sempre foi muito leal à Melanctha. Jeff nunca deixava Jane Harden falar muito sobre Melanctha para ele, mesmo que ele nunca a tenha deixado saber que agora ele a amava [Melanctha]”²⁵⁸ (idem).

Na última carta que Jeff escreve para Melanctha, ele diz que “eu não a amo mais como uma religião, porque agora eu sei que você é apenas feita como qualquer um de nós. Eu sei

²⁵³ “Melanctha had begun now once more to wander. Melanctha did not yet always wander, but a little now she needed to begin to look others.” (tradução nossa)

²⁵⁴ “Let me see, Jeff, to-morrow, you was just saying to me. I certainly am awful busy you know Jeff just now. It certainly does seem to me this week Jeff, I can’t always fix it. Sure I want to see you soon, Jeff.”

²⁵⁵ “Jeff Campbell would then go away and leave her, and he would be hurt and very angry, for it was hard for a man with a great pride in himself, like Jeff Campbell, to feel himself no better than a beggar.”

²⁵⁶ “Jeff Campbell did not know yet that Melanctha had begun again to wander. Jeff was not very quick to suspect Melanctha.”

²⁵⁷ “Then Jeff Campbell was really filled up with his anger. Now he knew he could never really want her. Now he knew he never any more could really trust her.”

²⁵⁸ “Jeff was always loyal to Melanctha. Jeff never let Jane Harden say much to him about Melanctha, though he never let her know that now he loved her.”

agora que nenhum homem pode realmente segurá-la, porque você está certa, Melanctha, mas você nunca poderá lembrar, e você não tem nenhuma chance de ser honesta”²⁵⁹ (STEIN, 1933, p. 191). Mesmo nos momentos finais de seu relacionamento, Jeff ataca Melanctha por seu comportamento. Ele, praticamente, a chama de desonesta, após dizer tantas vezes que não confia nela. Em um momento posterior, quando Melanctha e Jeff se reencontram, ela confessa que não o ama mais, “eu certamente não tenho mais a paixão intensa em mim. Você certamente matou toda a gentileza do sentimento em mim agora, Jeff”²⁶⁰ (STEIN, 1933, p. 203). Melanctha diz para Jeff que o ama fraternalmente, mas que não há a menor chance de um amor romântico entre eles.

O narrador, que não perde uma oportunidade de construir Melanctha como uma mulher má, indica que, após o término, quando “ela tinha tudo resolvido com Jeff Campbell, ela estava livre para estar com Rose e com os novos homens com quem ela se encontrava agora”²⁶¹ (STEIN, 1933, p. 207). Entretanto, o seu vagar com Rose não durou muito após o casamento desta última e, após o parto e recuperação de Rose, “Melanctha Herbert começou a mais uma vez vagar e com homens que Rose nunca pensou que fosse certo ela estar”²⁶² (STEIN, 1933, p. 216).

Quando Melanctha conhece Jem Richards e dele fica noiva, Rose condena o seu comportamento “feliz”, “quando ela está noiva dele, Sam, ela não tinha o direito de ficar tão feliz. Essa não é a maneira decente de uma garota agir”²⁶³ (STEIN, 1933, p. 219). Segundo ela, nenhum homem poderia aguentar esse tipo de comportamento. Rose também acredita que as constantes reclamações de Melanctha sobre a sua depressão, o jeito que ela está sempre deprimida, não é um comportamento aceitável para uma garota decente, “e agora você sempre fala como se você iria se matar só porque você está deprimida, isso nunca será, Melanctha, o jeito de qualquer garota decente agir”²⁶⁴ (STEIN, 1933, p. 227).

Nem mesmo deprimida Melanctha poderia se sentir, pois existem pessoas para condená-la. A repetição de Gertrude Stein aparece novamente nesse trecho, onde Rose corrobora que

²⁵⁹ “I don’t love you Melanctha any more now like a real religion, because now I know you are just made like all us others. I know no man can ever really hold you because you mean right Melanctha, but you never can remember, and so you certainly never have got any way to be honest.” (tradução nossa)

²⁶⁰ “I ain’t got certainly no hot passion any more now in me. You certainly have killed all that kind of feeling now Jeff in me.”

²⁶¹ “She was all through with Jeff Campbell, was free to be with Rose and the new men she met now.”

²⁶² “Melanctha Herbert began once more to wander and with men Rose never thought it was right she should be with.” (tradução nossa)

²⁶³ “When she is engaged to him Sim, she ain’t not right to take on so excited. That ain’t no decent kind of a way a girl ever should be acting.”

²⁶⁴ “And now you always talk like you just kill yourself because you are so blue, that certainly never is Melanctha, no kind of a way for any decent kind of a girl to do.”

ficar deprimida não é um comportamento aceitável para uma garota decente, “então, Sam, às vezes, escute isso, ela sempre fala sobre como ela iria se matar sempre que ela está deprimida, e, Sam, isso certamente nunca será um bom comportamento que qualquer garota decente deveria ter”²⁶⁵ (STEIN, 1933, p. 229), assim como quando Rose diz que “não está em mim não querer que você tenha sorte, eu gosto disso de verdade, Melanctha, quando você tiver algum tempo para aprender como agir decente e corretamente, como uma garota deve fazer”²⁶⁶ (STEIN, 1933, p. 232).

No fim, o seu relacionamento com Rose Johnson é interrompido abruptamente, quando Rose se cansa do comportamento de Melanctha, pois, para Rose, “eu certamente não posso agir de outra maneira com você, quando você faz as coisas tão más, e todo mundo está falando de você”²⁶⁷ (STEIN, 1933, p. 232). Rose se afasta de Melanctha porque ela está mal falada, após se relacionar com tantos homens e manter um noivado com Jem Richards, um mulato (sic) com uma vida clandestina de jogos e apostas. Porém, nem mesmo o seu relacionamento com Jem dura muito e é terminado tragicamente, quando Jem pergunta a ela se ainda se importa com ele e, quando Melanctha pergunta o motivo do questionamento, Jem responde, rispidamente, “por que eu pergunto isso para você, Melanctha, Deus todo poderoso, é porque eu não dou a mínima para você agora”²⁶⁸ (STEIN, 1933, p. 234).

Diferente dos outros contos de *Three Lives* (1909), em Melanctha, a sua morte não é lamentada, não é pranteada, não há ninguém que sinta pela sua morte. Melanctha sofre da solidão da mulher negra, que é sempre preterida por outras mulheres, mas, principalmente, em seus relacionamentos afetivos. Observamos a regularidade com que o machismo aparece na narrativa com espanto. Como pode ter sido construída no auge da primeira onda feminista, em meio a manifestações pelos direitos civis e políticos das mulheres? Gertrude Stein consegue expor toda a carga ideológica de sua vida nos relacionamentos interpessoais de seus personagens, que condenam Melanctha por seu comportamento “indecente”. O que é um comportamento decente para uma garota na virada do século XX? Obedecer aos papéis de gênero impostos pela sociedade, comportar-se devidamente, nunca ter relações sexuais fora do casamento.

²⁶⁵ “And the Sam, sometimes, you hear it, she always talk like she kill herself all the time she is so blue, and Sam that certainly never is no kind of way any decent girl ever had ought to do.”

²⁶⁶ “It ain’t ever in me, not to want you to have good luck come to you, and I like it real Melanctha when you some time learn how to act the way it is decent and right for a girl to be doing.”

²⁶⁷ “I certainly can’t do no other way with you, when you do things always so bad, and everybody is talking so about you.”

²⁶⁸ “Why I ask you that Melanctha, God Almighty, because I just don’t give a damn now for you.” (tradução nossa)

E, quando se trata de mulheres negras, essas exigências são ainda piores. Uma mulher negra não pode se envolver com homens brancos, não pode explorar a sua sexualidade, não pode beber, ou, caso contrário, será considerada uma alcóolatra, uma ninfomaníaca, uma mulher tão má que todos os seus parentes, amigos e interesses amorosos vão, sem dúvida, afastar-se dela. Uma mulher negra no auge do seu descobrimento sexual é uma devassa que merece ser punida com a morte, como Melanctha foi. “Melanctha” (1909) utiliza-se das vozes discursivas de seus personagens para perpetuar deduções lugares-comuns sobre grupos sociais oprimidos, segregando-os, inicialmente, em negros e mestiços e, depois, em mulheres decentes e indecentes. Melanctha nunca foi desejada, mas viveu, intensamente, em mundo que a odiava e lutava por destruí-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Melanctha” (1909), conto de Gertrude Stein, é a primeira obra experimental da vanguarda europeia conhecida como Cubismo Literário, na qual a autora adapta as características do Cubismo, idealizado por Pablo Picasso e Georges Braque, no início do século XIX. A autora também se inspirou nas obras pós-impressionistas de Paul Cézanne e no livro de Gustave Flaubert, *Trois Contes* (1877), para desenvolver as suas técnicas avançadas de indução, a partir da repetição e da abstração do sentido, como também da utilização de adjetivos, para construir histórias sem enredos reais, apoiadas, como é o caso do *corpus* da pesquisa, em estereótipos raciais e nas percepções racializadas de Gertrude Stein, acerca do povo negro.

Desde o início do século XIX, os negros clamavam pelo fim da escravidão, que destruiu, paulatinamente, as estruturas sociais das famílias negras e da compreensão da subjetividade do povo negro, que eram vistos como pessoas limitadas e brutalizadas pelo trabalho braçal que realizaram por toda a sua vida em solo estadunidense. No mesmo período, um outro grupo marginalizado, as mulheres, também lutavam para ter os seus direitos civis assegurados, demonstrando a sua insatisfação por meio de protestos bem organizados e marchas por todo o mundo, mas, com principal destaque para a luta feminina na Europa e nos Estados Unidos, onde se encontra o foco analítico da presente pesquisa, por representarem o pontapé inicial para as lutas feministas a eclodirem ao redor do globo.

Entretanto, mesmo que esses grupos se organizassem devidamente com o objetivo de reivindicar os seus direitos civis e políticos, eles, muitas vezes, não eram levados a sério pelos poderosos homens brancos, que tratavam as suas exigências com desleixo, mais preocupados estavam em assegurar a sua superioridade sobre os grupos minoritários por meio de leis que limitavam o poder destes – poder este praticamente inexistente, independente de seus esforços em fazerem-se ouvir por meio de manifestações e coalisões políticas. Nos Estados Unidos, mulheres brancas e homens negros se uniram em prol da questão do sufrágio, porém, tal aliança sofreu uma ruptura quando os homens negros foram contemplados com o direito ao voto, enquanto mulheres negras e brancas permaneciam sem poder político.

Enquanto isso, mulheres brancas lutavam contra os papéis de gênero a elas impostos, apoiados, em sua maioria, por ideais provindos do nicho cristão, que determinava que o local dessas mulheres era no ambiente estritamente doméstico, onde a figura da maternidade atuava em um dever duplo, ao cuidar das crianças e ao terminar de criar os seus maridos, que sempre eram tratados com indolência e nunca eram desafiados em seus deveres negligenciados de pais. Essa ideia de uma mulher limitada ao espaço privado ignorava a situação de mulheres brancas

pobres, que trabalhavam exaustivamente com uma remuneração muito abaixo do que recebiam os homens em igual posição.

Tais papéis de gênero ignoravam também a situação de mulheres negras, que trabalhavam arduamente durante anos sem receber nenhum tipo de remuneração, assim como assistiam, aterrorizadas, a fragmentação de suas famílias, tendo os seus filhos vendidos para outras fazendas, como mercadorias humanas sem valor. Além disso, essas mulheres, no pós-escravidão, lutavam contra estereótipos que as reduziam a meras conquistadoras, que utilizavam os seus corpos para obter vantagem sobre os homens. Muitas foram as mulheres negras acusadas de seduzir homens brancos e roubá-los de suas esposas, quando esses homens perseguiram as mulheres negras, transformando as suas vidas em um tormento sem fim.

Portanto, mesmo que pessoas negras tenham ovacionado o conto “Melanctha” (1909) quando lançado, indicando ser o primeiro texto a verdadeiramente abordar a psique das pessoas negras sem o apoio ideológico da branquidade, quando observado atentamente, pode-se perceber que, na verdade, Gertrude Stein também se baseou em estereótipos raciais para definir os seus personagens e segrega-los; primeiro, entre negros e mestiços (sic), distinguindo-os pela política da “única gota”, no caso, explicando a influência tanto do sangue branco em negros quanto do sangue negro em pessoas consideradas “praticamente brancas”; depois, em mulheres e homens, mas, principalmente, entre mulheres decentes e *indecentes*, estando esse caráter de indecência pautado no machismo característico da virada do século XX, com valores morais herdados do século XIX.

A partir das análises realizadas podemos concluir que Stein utilizou o Cubismo Literário e suas técnicas para narrar a história de uma personagem negra em meio a uma comunidade racista. Embora Melanctha teve todas as alternativas possíveis para se escorar em seu sangue *metade* branco para agir como uma mulher distinta e decente, como a sua amiga Rose Johnson, que apenas por ter sido criada por brancos já tem uma ideia superestimada de si mesma, considerando-se superior aos seus concidadãos, ela preferiu amar a negritude que provém de seu pai. Logo, esse estilo narrativo também foi significativo para explicar que, ao aceitar a negritude que provém de seu pai, a sua força, que ela admira, e, conseqüentemente, a vida desvariada e intensa que vive, Melanctha comete um erro vital, o que a condena à morte.

O vagar de Melanctha é condenado veementemente por todos a sua volta, mesmo aqueles que também fazem uso dele, como Rose Johnson e Jane Harden. Porém, Rose se utiliza dos noivados contínuos que mantêm para preservar a sua imagem de mulher decente, um ideal provindo da branquidade, que acreditava que mulheres decentes estariam comprometidas e não soltas por aí; já Jane Harden detesta o vagar de Melanctha após o término entre elas, que foi

traumático para a alcóolatra Jane. É Jeff Campbell, entretanto, que mais condena esse vagar, o que, em sua opinião, não permite que Melanctha transpareça muita confiança. O vagar de Melanctha é a aceitação de sua negritude, que, no conto, é caracterizada pela indolência e pela necessidade de novas formas de felicidade para estimulá-los. Os negros são construídos como criaturas motivadas pelos seus próprios instintos e, cegados por eles, não percebem a destruição que espalham a sua volta.

Melanctha não é amada. Independentemente de ser quase branca, Melanctha ainda é detestada por seus familiares e continua a colecionar desafetos, mesmo que se esforce para ser uma boa amiga, uma boa namorada, uma boa amante. O que a impede de ser querida, de fato, é o seu amor pela sua negritude, o seu apreço pelo conhecimento que pode adquirir dos muitos homens com quem conversa e se relaciona. O machismo e o racismo interseccionados na narrativa condenam Melanctha por ser negra e por ser mulher. E quando ela decide ser uma *mulher negra*, então, a narrativa se revolta contra ela, tornando-a solitária e abandonada a própria sorte.

A sexualidade de Melanctha também é explorada pelo lugar comum próprio do machismo do início do século XX. Uma mulher não poderia se dar ao desfrute, não poderia se expor em locais pouco propícios, como as docas e as ferrovias, sem, conseqüentemente, ficar mal falada. É o que acontece com Melanctha, que se vê condenada pela sua curiosidade.

A partir de relações racializadas, “Melanctha” (1909) perpetua os estereótipos raciais, mas, ainda mais, expõe as relações raciais e de gênero da virada do século XIX com uma sutileza que beira o apagamento. Por um lado, não podemos afirmar que não exista verossimilhança nas relações de gênero, pautadas pelo machismo intrínseco ao nicho ideológico vivido por Stein, que, várias vezes, demonstrou ser antifeminista, como exposto na presente pesquisa.

A verossimilhança, no entanto, termina aí. As relações racializadas, por outro lado, dependem do desconhecimento do leitor das condições da vida das pessoas negras no século XIX. Essas relações são pautadas pela branquidade que determina a negritude imaginada do conto, que depende da mesma para formar o caráter de seus personagens, que, sendo negros, são influenciados pela branquidade ao tomar decisões, ao julgar uns aos outros, ao viver as suas vidas, que giram ao redor do conceito que os oprime e os segrega. O narrador sugere que os negros abram mão dos seus costumes, de suas características, em prol de serem aceitos pela branquidade pela aculturação.

A falta de um enredo verdadeiro em “Melanctha” (1909), em conjunto com o fluxo de consciência incomum de Stein, conduz o leitor por um estranhamento que desvirtua o sentido

empregado pelo narrador para falar de seus personagens. Ao utilizar a voz destes, o narrador usurpa-lhes a identidade, carregando-os com a sua própria carga ideológica, seja pelo machismo, em especial pela branquidade. Portanto, são compostos personagens negros com um perfil ideológico de brancos, assim como são criadas personagens femininas carregadas, ideologicamente, pelo machismo incrustado de Stein a respeito de seu próprio sexo, como também pelo racismo, sendo esta uma opressão dupla, uma interseccionalidade de opressões.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Andreia Manuela Passos. **Gertrude Stein e o Cubismo Literário**. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) — Porto: Universidade Aberta, 2008.
- ALLEN, Richard B. Encerrando a história do silêncio: reconstruindo o tráfico europeu de escravos no Oceano Índico. **Revista Tempo**. vol. 23. n. 2. mai/ago 2017. p. 295-313.
- ALMEIDA, Angela Maria Menezes. Feminilidades – caminho de subjetivação. **Estudo de Psicanálise**. n. 38, dez., 2012. p. 24-44.
- ALMEIDA, Jane Soares. As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940). **Educar em revista**, n. 48, abr/jun, 2013, p. 187-205.
- AGUIAR, Daniella. QUEIROZ, João. Cubismo e fluxo de consciência em Gertrude Stein. **Todas as Letras**. vol 17, n. 2, mai/ago, 2015. p. 51-59.
- ARAÚJO, Marta. MAESO, Silvia Rodriguez. A escravatura nos manuais de história portugueses. **(In)visível**. vol. 1. n. 1. out. 2012.
- ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. **Post-colonial studies: The key concepts**. 2. ed. London: Routledge, 2008.
- ATKIN, Nicholas. BIDDIS, Michael. **Themes in Modern European History, 1890-1945**. London/New York: Routledge, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Bernadini et al. 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. P. 397-428.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BALDWIN, James. **Nobody Knows My Name: More Notes of a Native Son**. New York: Vintage Books, 1993.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2009.
- BECKSON, Karl. GANZ, Arthur. **Literary Terms: A Dictionary**. 3. ed. Nova Iorque: The Noonday Press, 1997.
- BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, ago/dez, 2011. p. 268-280.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CALDEIRA, Isabel. A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 39. 1994.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a Vida Social. In: _____. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. P. 27-50.

CARNEIRO, Anita Natividade. Harriet Tubman: O papel da mulher negra na resistência à escravidão nos Estados Unidos da América. **Aedos**, v. 11, n. 4, ago. 2019, p. 189-209.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das revistas**. São Paulo, v. 11, p. 173-191, 1991.

COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, n. 3, p. 67-64, 1996.

COLEMAN, Robin R. Means. **Horror Noire**: a representação negra no cinema de terror. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.

DANIEL, Lucy. **Gertrude Stein**. Chippenham: Reaktion Books, 2009.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DEPESTRE, René. **Bonjour et adieu à la negritude**. Paris: Robert Laffort, 1980.

DU BOIS, W. E. B. **Reconstruction in America**. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2013.

ENGLISH, Daylanne K. **Unnatural Selections**: Eugenic in American Modernism and The Harlem Renaissance. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2004.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FLAUBERT, Gustave. **Três Contos**. São Paulo: Editora 34, 2019.

FULLER, Margaret. **Women in the nineteenth Century and other writings**. Oxford: Oxford University Press, 1994: A mulher no século XIX.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOLDIM, José Roberto. **O caso Tuskegee**: quando a ciência se torna eticamente inadequada. 1999. Disponível em: <www.ufgrs.br/bioetica/tueke2.htm>. Acesso em: 9 mar 2021.

HATHAWAY, Heather. JARAB, Josef. MELNICK, Jeffrey. (org.). **Race and the Modern Artist**. London: Oxford University Press, 2003.

HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma Festa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: Raça e Representação. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

JACOBS, Harriet Ann. **Incidentes na vida de uma menina escrava**. São Paulo: Todavia, 2019.

JEFFERSON, W. T. **My coal black lady**: symphony de Ethiopia; a 1896 popular song. 1896. Disponível em: <<http://sheetmusicsinger.com/highbrownsongs/my-coal-black-lady/>>. Acesso em 20 mai 2021.

KARNAL, Leandro. (et al). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XIX. São Paulo: Contexto, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KLOOSTER, Wim. **Migration, Trade and Slavery in a Expanding World**: Essays in Honor of Pieter Emmer. Leiden/Boston: Brill, 2009.

LEPORE, Jill. **These Truths**: A history of the United States. New York/London: W. W. Norton & Company, 2018.

LUCARELLI, Jason. Using Everything: Pattern Making in Gertrude Stein’s “Melanctha”, Robert Walser’s Nothing at All”, and Sam Lipyte’s “The Wrong Arm”. **Número Cinq.** 12 Ago 2013. Disponível em: <<http://numerocinqmagazine.com/2013/08/12/using-everything-pattern-making-in-gertrude-steins-melanctha-robert-walsers-nothing-at-all-and-sam-lipsytes-the-wrong-arm-essay-jason-lucarelli/>> Acesso em: 20 Jun 2017.

IRWIN, May. **Bully song**: Widow Jones. 1896. Disponível em: <<https://library.duke.edu/rubenstein/scriptorium/sheetmusic/n/n05/n0572.8/n0572.8-4-72dpi.html>>. Acesso em: 21 mai 2021.

McCAULEY, Delia Jarret (org.). **Reconstructing Womanhood, Reconstructing Feminism**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996.

MALCOLM, Janet. **Someone Says Yes to it**: Gertrude Stein, Alice B. Toklas and “The Making of Americans”. 2005. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2005/06/13/someone-says-yes-to-it>>. Acesso em: 13 mai 2021.

MALCOLM, Janet. **Duas Vidas**: Gertrude Stein e Alice. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Luiz Renato. Colagem: investigações em torno de uma temática moderna. **ARS**. v. 5, n. 7, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORISSON, Toni. **Playing in the Dark**: Whiteness and the Literary Imagination. New York: Vintage Books, 1993.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima**: ensaios, discursos e reflexões. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 6. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

ROWE, John Carlos. What is inside: Gertrude Stein's use of Names in Three Lives. **Novel**: a forum of fiction. vol. 36, n. 2, 2003. p. 219-243.

SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (org.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SIPRIANO, B. F; Gonçalves, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista Diálogos**: Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017.

SPENCER, Jane. **Women writers and the eighteenth-century novel**. Pennsylvania: Cambridge University Press, 1996.

STEFFENS, Isadora da Silveira. **A análise crítica do discurso e o discurso racista**: a perspectiva de Teun Van Dijk, 2015. Disponível em: <<http://143.107.26.205/documentos/seminariopos/STEFFENSAn%C3%A1liseCr%C3%ADticaDiscurso.pdf>>. Acesso em 10 mar 2021.

STEIN, Gertrude. **A autobiografia de Alice B. Toklas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

STEIN, Gertrude. **Three Lives**. New York: The Modern Library, 1933.

VALDÍVIA, Olivia Bittencourt. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. **Psicologia Ciência e Profissão**. n. 17, v. 3, 1997. p. 20-27.

WARE, Vron. (org.). **Branquidade**: Identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond: 2004.

WOOLF, Virgínia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: LP&M, 2013.